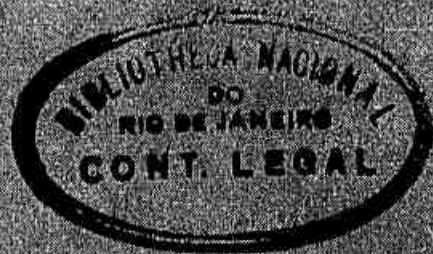


REVISTA DA SEMANA

N.º 47

Cr\$ 3,000 em todo o Brasil

20-11-48



NO TEXTO:

SUPLEMENTO FEMININO



MODELOS PARA NOIVAS



Vivian Leigh • Ralph Richardson em "Ana Karenina"

Oferta do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1949 que estará à venda em todo o Brasil na primeira quinzena de dezembro.

Um livro ilustrado, repleto dos mais variados assuntos; um guia e um companheiro durante o novo ano que se aproxima; um manual de contos maravilhosos; uma fonte perene de assuntos úteis e práticos; ciência, arte, literatura, calendários, novidades, história, informações, etc.

Um companheiro de férias, de viagem, das horas de lazer.

Um volume com mais de 300 páginas, ilustradas, custando apenas Cr\$ 15,00

Pedidos pelo Reembolso ou mediante vale postal à CIA. EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — RIO.

S
savan
Jonk
Seu
indús
valer
home
1848
A su
dos
1790,
de g
que,
às c
E'
nem
de c
raria
para
De
de s
Er
cado
inglé
O
cobie
de c
o m
hoje
conc
De
artig
inglé
Ap
fosfo
e de
de l
No
strom
a su
mar
fábr
A
lhor
véze
de a
De
sórc
era
Un
indu
& C
Mat
sob
1917
A
mais
prin
mun
No
naci
kop
suec
dad
dori
O
Qua
'E'
qua
dos
com
M
cida
bach
dest
se c
engi
à ru
'Qu
Jon
M
suec
mui
dezi
mag
Q
dad
qua
ções
a ap
pens
REI

O Centenário de Jonkoping

Se o leitor é do interior e vem dos fins do século passado, ou começos deste, deve ter ouvido falar neste nome: **Jonkoping**. Era o fósforo popularizado em todos os recantos do País. Quando se pedia uma caixa de fósforos, dizia-se: dê-me um **Jonkoping**. De onde vinha essa mercadoria? Da longínqua Suécia. Seu nome, como todo mundo pensava, não era de gente, ou de seu fabricante. Muitos assim pensaram por semelhança com o **John**, inglês, e daí um **Jonkoping**, ao invés de uma **Jonkoping**, isto é, uma caixa de fósforos **Jonkoping**.

Seu nome deriva da cidade sueca onde se estabeleceu, há cem anos precisamente, a indústria do fósforo para uso doméstico e individual. Cigarros sem fósforos de nada valeriam, bem como uma casa sem recursos imediatos de luz fácil sem a fricção do homem primitivo, também seria uma tortura. Johan e Sari Lundstrom fundaram em 1830 sua fábrica em Jonkoping, aprazível cidadezinha da Suécia, ao sul de Smaland. A sua extremidade meridional se acha o lago Vetter, próximo a Munksjon, ou lago dos Monjes. Jonkoping tem sua história trágica. Destruída por violento incêndio em 1730, ressurgiu das próprias cinzas como a Fênix da fábula e se tornou centro industrial de grande importância. Ali aqueles dois pioneiros implantaram sua fábrica de fósforos que, em poucos anos, dominou todos os mercados do mundo, levando o nome da Suécia às cinco partes do planeta.

É interessante notar que, de início, a indústria do fósforo não oferecia segurança, nem ao operário nem ao consumidor. O defeito residia na má composição dos elementos de combustão e na presença do enxofre amarelo, causador de distúrbios letais no operário, quando estavam sujeitos a contrair necrose, constituindo ainda perigoso veneno para pessoas incultas que manuseavam a substância.

Depois de 1856 os fabricantes de Jonkoping iniciaram a industrialização de fósforos de segurança, tornando-se geral o seu uso aí pelo ano de 1860.

Fôra a Inglaterra o seu principal mercado, recebendo o comércio brasileiro essa mercadoria através das Ilhas Britânicas, fazendo crer a muitos que se tratava de produto inglês, em face do nome e das origens do embarque.

O desenvolvimento dos negócios de fósforo da Suécia criou o estímulo, a emulação e a cobiça no espírito de muitas pessoas, resultando disso a fundação naquele país de mais de cento e cinquenta outras fábricas. Dada a afluência desproporcionada de produtores, o mercado se saturou e muitas fábricas não resistiram à concorrência, fechando-se até hoje. Contudo, a famosa Jonkoping ficou e suportou todos os embates de crises e de concorrência interna e externa.

Deve-se tal êxito à técnica de seus dirigentes e cientistas que se especializaram no artigo. Além disso, seus chefes foram hábeis e firmaram contrato com um consórcio inglês, cimentando através do tempo e do espaço o prestígio da mercadoria sueca.

Apesar de a Suécia ter que importar certas matérias primas para manter a indústria fosforeira, depois de aperfeiçoada essa fabricação, as concorrentes da própria Alemanha e de outros países adiantados não puderam com Jonkoping, e a Suécia manteve o lugar de líder nesse ramo, conquistando todas as praças do mundo.

Nomes que passaram à história industrial da Europa, como os dêsse irmãos Lundström e o do famoso inventor Alexander Lagerman, garantiram à fábrica de Jonkoping a supremacia técnica. Segundo registram as crônicas, já em 1890 toda a fabricação dessa marca de fósforo era feita mecanicamente, não havendo uma só caixa que saísse da fábrica com as marcas digitais de qualquer operário.

A máquina proporcionou mais segurança, mais uniformidade, maior produção e melhores preços. A força de trabalho de um operário passou a representar de sete a oito vezes mais com a completa mecanização, do que com o antigo sistema manual ou misto de antes de 1890.

Dai o enorme rendimento industrial que esmagou todos os concorrentes. Muitos consórcios do ramo se formaram para derrubar Jonkoping, tendo havido épocas em que era tão intensa a competição comercial que a indústria do fósforo esteve periclitante.

Um novo nome veio juntar-se à dupla de Jonkoping: o do barão V. Lowenadler, industrial sueco e proprietário também de grande firma inglesa do ramo, Trummer & Co. Dos entendimentos entre ambas as partes surgiu a solidíssima Jonkoping & Vulcan Match Co., resultando, depois de mais dez anos, a formidável organização de fósforos sob a direção de Ivar Kreuger, que procurou aproximar-se de Jonkoping, criando-se em 1917 um consórcio na Suécia congregando aí todas as fábricas do país numa só Companhia.

A união sempre fez a força, desde que os interesses sejam orientados pela maior e mais completa harmonia. E isso veio dar fortaleza à indústria fosforeira durante a primeira grande guerra, e manter essa inabalável resistência durante a segunda guerra mundial.

Nosso país desde muito não importa mais o fósforo Jonkoping. Temos nossa indústria nacional e a mocidade de hoje não conhece, mesmo de nome, o famoso e popular Jonkoping. Mas isso não nos tira o direito de, neste primeiro centenário do imortal produto sueco, bordar numa crônica êstes comentários, descrevendo na sua primeira parte certos dados históricos para, em seguida, mostrarmos o grau de popularidade de uma mercadoria sueca que tantas simpatias granjeou neste país.

O fósforo Jonkoping deu motivos a muitos episódios engraçados entre nosso povo. Quando se queria dizer que uma pessoa era bastante conhecida, costumava dizer-se: "É tão conhecida como fósforo Jonkoping". Outros faziam versos, como os daquela quezinhinha com todos os seus defeitos sintáticos de concordância estropeada, própria dos sobecismos que saem da boca do povo: "Fósforo Jonkoping e genebra Focking, "é" como bolacha, em toda parte se acha".

Atas o mais pitoresco dos casos que sabemos com origem no Jonkoping é o daquele cidadão que foi morar numa cidade alagoana da margem do rio São Francisco. Era um bacharel senhor de boa cultura, delicado e dado às aventuras políticas. O povo do nordeste, em geral e o de Aracati, no Ceará, em particular, são loucos pelos apelidos. Mal se ouvia a uma cidadezinha e logo no mesmo dia nos batizam novamente com apelidos engraçados, sarcásticos, pitorescos ou satíricos. E' fatal. Logo que o nosso bacharel saiu à rua um senhor que estava a conversar com o boticário, vendo-o passar perguntou: "Quem é esse Jonkoping?". Foi a conta. Dai por diante todo mundo passou a chamá-lo Jonkoping... às escondidas, está claro!

Mas qual o motivo dêsse apelido? Muito simples e bem lembrado: a caixinha de fósforo sueco trazia sobre uma das faces a figura de um homem baixote, magro, vestindo paletó muito comprido e calças estreitas. Pois era assim mesmo o novo habitante daquela cidadezinha mexeriqueira do interior de Alagoas. Não tinha que ver a figurinha do fósforo: magrinho, calças estreitas e paletão quase nos joelhos. O tipo exato do Jonkoping!

Quando ele soube, enfureceu-se; mas nesse negócio de apelido o melhor é dar liberdade ao povo e não ligar, pois do contrário é uma agonia pior do que a do gago: quando mais se aflige mais gagueja. Entretanto o nosso homem chegou a romper relações com muita gente e a deixar de comprar fósforos durante anos... Quando começaram a aparecer novas marcas, foi um alívio! Eis a razão por que muita gente ainda hoje pensa que Jonkoping é nome de gente. Sim, no Brasil chegou a ser, mas cochichadinho...

RENATO DE ALENCAR Especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

Sumário:

VIDA LITERÁRIA

Livros Novos (João Luso)	10
Monteiro Lobato e a morte (Nelson Vainer)	14

BIOGRAFIA

A vida de Rabelais (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	20
---	----

MÚSICA E RÁDIO

Broadcast (Armando Migueis)	15
Música (Roberto Lyra Filho)	47

ARTES PLÁSTICAS

Fayga Ostrower (Angelus Ravel)	58
--------------------------------	----

REPORTAGENS

Os vinte que "foram do contra" (Mil-ton Pedrosa)	4/7
Figuras contemporâneas	11
A festa nacional da Itália	30/31
Por eles dobraram os sinos	56/57

CONTOS

A troca (Augusto de Góis)	19
Contrabando (Darcy Azambuja)	42

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	48
-----------------------------------	----

CARICATURA

Bom humor	18
-----------	----

SEÇÕES PERMANENTES

O centenário de Jonkoping (Renato de Alencar)	3
A personalidade da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	46

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	21
Modas	22/24
A viagem de núpcias	25
Cetim	26/28
Interiores	29
Do trousseau e camisolas	32/33
Mães e filhos	34
Robes e "negligées"	35
Detalhes e novidades	36/37
"Week-end" na cozinha	37
Lingerie	38
A noiva e suas acompanhantes	39/41

FOLHETIM

Drago	53/54
-------	-------

ILUSTRAÇÕES

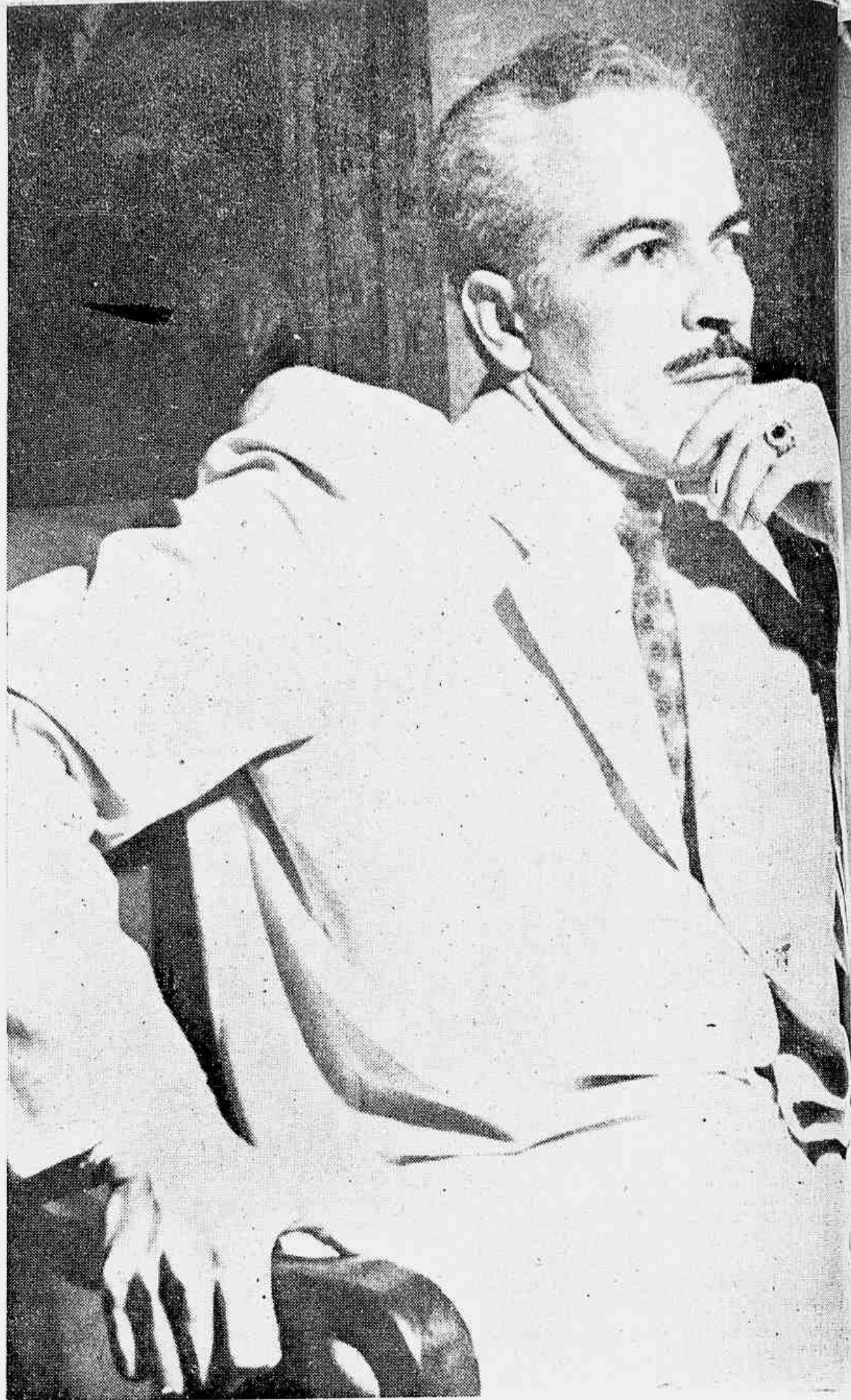
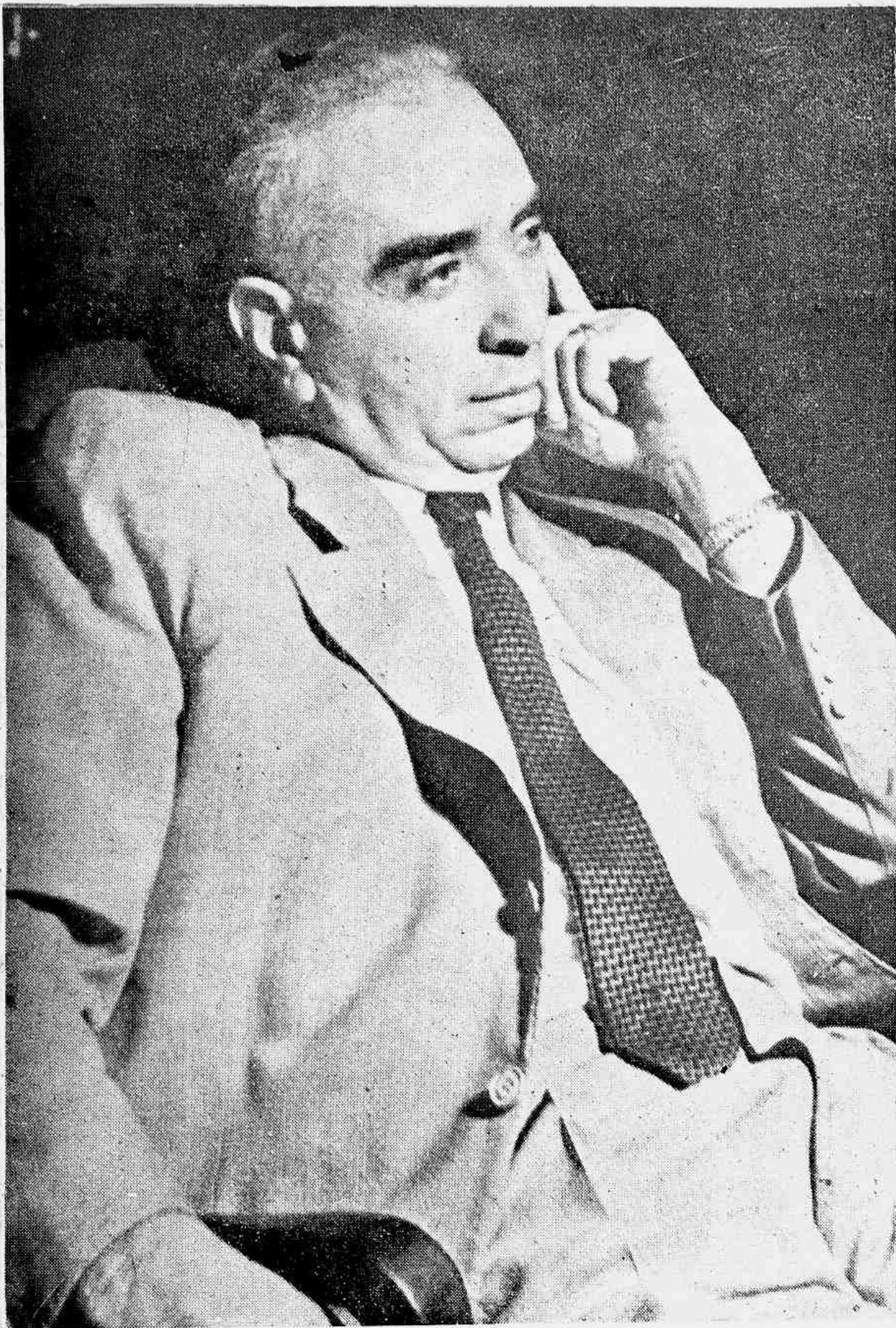
Fernando Pereira
Ana Zagorska

REVISTA DA SEMANA



NOSSA CAPA

Ilustra hoje a capa da REVISTA a famosa "estrela" da Universal - International - Joan Fontaine, intérprete de muitos filmes de sucesso, que apresenta uma magnífica sugestão para as noivas brasileiras.



A ESQUERDA: O deputado Ultimeo de Carvalho pertence à oposição, ou seja, à ala ortodoxa do PSD. "Votei contra por que voto sempre contra a UDN". A DIREITA: O deputado Uriel Alvim, também pertencente ao PSD ortodoxo, declara que votou contra por uma questão política

OS VINTE QUE "FORAM DO CONTRA"

QUEM leu um artigo do sr. Gilberto Freyre há alguns dias publicado na imprensa carioca, deve ter ficado um tanto espantado, senão confuso ou intrigado, com a revelação ali feita: que existem em Minas Gerais vinte aleijadinhos, vinte pigmeus, os quais ocupam vinte cadeiras na assembléia Estadual. Esses vinte pequenos senhores foram eleitos pelo povo mineiro e, em seu nome falam, discutem e legislam.

Um tanto esquisita, pois, esta história. Mas, vamos trocá-la em miúdos para o leitor e ele já verá que para tudo existe explicação neste mundo.

Em primeiro lugar, expliquemos que nada temos a ver com o «peixe», «peixe» êsse que já rendeu muito barulho, no qual entraram executivo, legislativo e os partidos diversos que nas alterosas fazem política. Nada temos com êle, mas outros te-

DE COMO NÃO SE CONTA A HISTÓRIA DO INTRINCADO CASO ★ AS RAZÕES DOS DEPUTADOS ★ OS "ALEIJADINHOS" E "ANÕES MORAIS" DO SOCIÓLOGO GILBERTO FREYRE

Texto de MILTON PEDROSA

rão. Há pelo menos os eleitores dos setenta deputados que compõem a Câmara mineira. E êstes foram cerca de um milhão. Quererão saber de certo do que tratam ou como são tratados os seus eleitos. E nem só isso. Há os amigos dêsses deputados. Há os membros de suas famílias. Há os que nunca deles ouviram falar, mas que se interessam por tudo quanto possa despertar a sua curiosidade. Não deixa de ser agradável ler sobre a vida alheia, a atividade de senhores desconhecidos, num dia de sol ou de chuva, pouco importa.

Fotos de AUGUSTO CARDOSO

Assim, pois, se nada tenho com a história, outros terão. E quem disse que também não tenho algo a ver com tudo isso? Que faço senão olhar o que se passa ao redor, batucar na máquina e contar o que vejo, para que outros homens nas linotipos o transformem em chumbo, que imprimirá no papel em que o leitor cravará os olhos bisbilhoteiros, durante alguns minutos de repouso.

Mas, desculpai-me, há uma história. Passemos a ela.

O CASO DO TRIBUNAL DE CONTAS

Começou há algum tempo, quando o governador Milton Campos

achou que era chegado o momento de nomear os membros que iriam compor o novo Tribunal de Contas de Minas Gerais. Conforme o que manda a lei vigente em seu Estado, escreveu no papel (mandou escrever, talvez seja o mais certo) os nomes nos quais recaíra a sua escolha e os enviou à Assembléia Estadual, para que ela os referendasse. Vale a pena esclarecer que setenta deputados constituem essa Assembléia. Eram setenta e um, mas, com a cassação dos mandatos, o deputado comunista deixou de participar dêsse número. Os que restaram pertencem à UDN, PTB, PR, PDC, PRP e PSD, êste com suas alas Liberal e Ortodoxa, a primeira aliada do governo através de uma Coligação partidária e o segundo, constituindo a oposição.

Pois bem. A essa Assembléia mandou o governador mineiro os nomes escolhidos, entre os quais estava o sr. Rodrigo Melo Franco de An-

drade, figura por demais conhecida nos meios intelectuais do país e uma das expressões da cultura mineira. Esse nome tinha sido objeto de conversações anteriores, pois ao sr. Milton Campos interessaria fazer retornar ao Estado que dirige nomes tradicionais da família mineira.

Nessas condições, depois de entendimentos havidos entre os líderes dos diversos partidos, inclusive o do próprio partido da oposição, mesmo por que já se conhecia a declaração do sr. Rodrigo de Melo Franco de que não aceitaria a sua nomeação para o cargo em questão se houvesse sequer um voto contrário, os parlamentares mineiros receberam a relação dos nomes que comporiam o Tribunal de Contas.

Cabia-lhes deliberar a respeito e votar contra ou a favor.

OS VINTE DO CONTRA

As conversas entre os líderes deram como resultado a certeza de que todos os partidos dariam seu apoio ao nome do diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inicialmente, foi designada uma comissão especial, composta de representantes de todas as bancadas, para dar parecer sobre os nomes apresentados. O parecer que essa comissão apresentou dias depois, propunha que se convocasse uma sessão secreta. Esta sessão secreta foi demorada e, apesar de secreta, revelou que os nomes indicados não haviam sido aprovados por unanimidade. Havia votado sessenta deputados. No sr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade votaram 37. Contra o seu nome haviam votado 20. Em branco, três.

Havia surgido os vinte votos contrários ao sr. Rodrigo de Melo Franco, quando todos os partidos se haviam comprometido a votar favoravelmente em seu nome, embora o PSD ortodoxo, isto é, a oposição houvesse considerado este ponto questão aberta.

Esses vinte parlamentares são os que o sr. Gilberto Freire chamou textualmente de «anões», «mascara-dos», «anõezinhos morais», «anões encapuçados», «tão pitorescos como certos animais daninhos», e de outras coisas mais.

Mas não foram apenas as palavras do sr. Gilberto Freire que chamaram a atenção para o que se passava na Câmara Estadual de Minas Gerais. Os próprios jornalistas e os cronistas de rádio mineiros glosaram o resultado do pleito. Os jornais fizeram os seus comentários e um deles chegou a dizer, num soneto dedicado ao assunto:

«Há pelo menos vinte deputados
mais úteis às charruas e aos
[arados
que ao grande campo superior
[da idéia!»

QUEM SERIAM OS «MASCARADOS»?

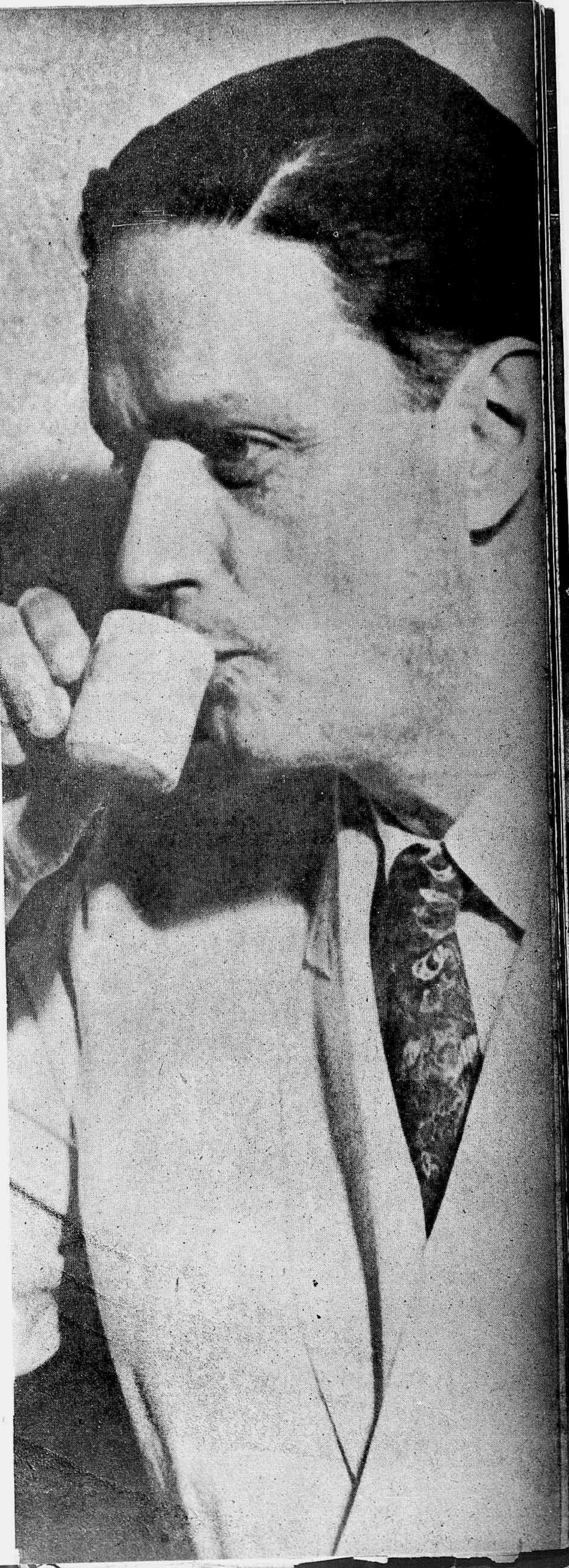
Mas na Assembléia mineira, com a recusa do sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade de aceitar a nomeação, diante dos vinte votos contra, a coisa assumiu aspectos sérios. Setenta deputados haviam se comprometido a votar a favor. Havia votado sessenta, mas vinte... contra. Quem havia traído? Quem não havia? Começaram as acusações recíprocas. A UDN acusava o PTB e o PSD ortodoxo. Este acusava a UDN e assim por diante. A tribuna da Assembléia foi apenas o complemento dos jornais, em que diariamente surgiam declarações dos líderes partidários.

Aí, o líder da oposição declarou que o seu partido cumprira os seus compromissos, o do PTB afirmou que «o sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade estava convencido de que fôra a UDN que votara contra o seu nome», enquanto Mateus Salomé, deputado pela UDN, afirmou que, pelo que se estava verificando, o «povo pensaria que existem vinte cana-lhas nesta Assembléia. Somente não se sabe quais sejam eles. E isto não é possível admitir».

Era esta a situação. Havia votado sessenta deputados, todos a favor do sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, mas apareciam vinte votos contra. Disso ninguém conseguia sair.

Mas, alguma coisa saiu. Primeiro foi a declaração do sr. Uriel Alvim. Rompendo o sigilo, revelou publicamente que havia votado contra. Em seguida, o sr. Último de Carvalho,

“Votei contra o sr. Rodrigo Melo Franco porque não o conheço” — afirmou o sr. André de Almeida, deputado pelo PR, cuja independência de atitudes, ainda mesmo dentro do partido, é conhecida





Uma fração da bancada do PR. "Aleijadinhos", "anões" ou "mascarados"?

do PSD como o anterior fez a mesma afirmativa: votara contra o nome indicado. E, posteriormente, o deputado José de Almeida, do PR, esclareceu que votara em branco.

Por dever profissional, perguntei a todos eles pelas razões da atitude assumida e suas respostas vão abaixo resumidas.

O deputado Uriel Alvim: «Votei contra por que não estava de acordo. Votei com a minha consciência».

O deputado Último de Carvalho: «Votei contra por uma questão política. Dizem que meu partido é sujo, isso e aquilo. Não tenho nada com isso. Ajo de acordo com o interesse partidário. Sou um homem

de partido. Voto sempre contra a UDN.

O deputado André de Almeida: «Votei em branco por que não conheço o sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade».

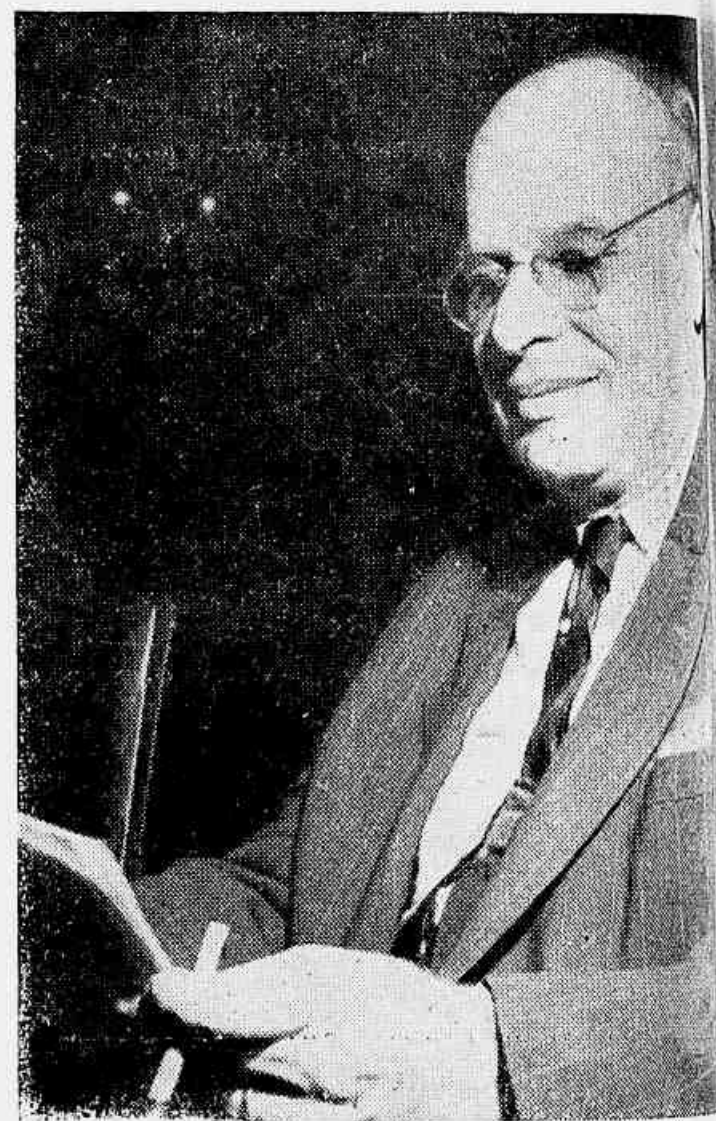
Os demais continuaram dizendo que mantiveram seus compromissos, ou continuaram calados. Surgiram

tantas histórias, tantas versões do caso, tal número de interpretações que nunca acabaríamos de contar.

O fato é que aqueles que realmente votaram com o candidato apontado pelo governador Milton Campos acham que nunca se cometeu uma tão grande traição aos interesses do povo mineiro.

AS RAZÕES DE UMA RECUSA

Em consequência disso, o homem que constituiu o centro de todo o jogo político não aceitou a sua escolha para o Tribunal de Contas de Minas Gerais. O sr. Rodrigo de Melo Franco deu entrevista à imprensa, explicando que, «se os deputados mineiros não o respeitavam ele os respeitava» e por isso não



Simões de Almeida, líder da Ala Liberal do PSD, aliada da UDN. Será um dos "anõezinhos" de Gilberto Freire?



Parte da bancada udenista. Serão estes os "aleijadinhos"?

aceitaria a nomeação. Houve mobilização de várias camadas da sociedade de associações, a própria Associação Brasileira de Escritores, pela sua seção de Minas Gerais, foi posta a serviço da causa e deliberou dirigir-se ao sr. Rodrigo de Melo Franco. Nada, porém, o demoveu da resolução. O governo mineiro teve que indicar à Assembléia mineira um novo nome e esse nome foi mais tarde aprovado, ainda com menor margem de votos. O eleito, porém, aceitou e foi nomeado.

Poderia dizer agora que o caso estava encerrado. Isso, entretanto, não ocorre. De tudo quanto aconteceu, das discussões na Assembléia,

Os deputados Lima Guimarães e Valdir Lisboa, do PTB. Serão eles dois "aleijadinhos", conforme a classificação do sr. Gilberto Freire?

das confabulações preparatórias, do que se chamou de traição, ficou um resíduo, pronto a fermentar em qualquer oportunidade.

Na verdade, as discussões transbordaram do Palácio Tiradentes e o belorizontino que se interessou pelas coisas de política também discutiu sobre o assunto.

O artigo do sr. Gilberto Freire reflete apenas a opinião de uma corrente — aquela que acha que nenhum voto poderia ser negado ao sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade. Outra corrente, porém, não pensa assim. Para estes, existem razões pessoais ou políticas e ninguém pode julgar as ações humanas, assim de plano.

O repórter conversou com muitos deputados após a publicação do trabalho do sociólogo de «Casa Grande e Senzala». Vários deputados não o haviam lido. Outros tinham visto o jornal, tinham passado a vista por ele, mas não tinham ido adiante. Houve também os que o conheciam, mas não mostravam nenhuma reação. Em todos, um certo indiferentismo, misturado com desdém. Um deputado chegou mesmo a revelar-me que o escritor patricio andava escrevendo muito mal, ultimamente. Em tudo, vi a manha e malícia mineira de quem está pensando muita coisa, mas acha preferível guardá-las para o momento oportuno.

Em todo caso, ouvi de alguns a estranheza com que viram a alcunha de Aleijadinho, tão cara aos mineiros, transformada em pecha aviltante.

Dêsse pensamento, também participa o repórter. O nome de Aleijadinho não deveria constituir um insulto. E disso sabe muito bem o sr. Gilberto Freire.

E agora perguntarão: Por que fez ele tal coisa?

Sei lá — responderei. Penso na sua amizade pelo sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, mas penso também que talvez nem o Aleijadinho nem os vinte deputados mineiros tenham a culpa que se lhes atribuem.

No recinto da Assembléia Mineira, deputados da UDN e PSD reunidos. Quais são os "pigmeus"? Quem responderá ao desafio de Gilberto Freire?



Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRAYULLIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A cada dez revistas nacionais. Premiação com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e de Grãndes Prêmios das Exposições de Sevilla e Antuérpia, em 1920, e na Feira Internacional de São Paulo em 1924

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples	— 125 ano	C\$ 140,00	Sem prazo	C\$ 70,00
Registrada	— 125 ano	C\$ 170,00	Sem prazo	C\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— 125 ano	C\$ 300,00	Sem prazo	C\$ 140,00
------------	-----------	------------	-----------	------------

O número atualiza custa C\$ 100 em 1920 e Brasil, atualizado, C\$ 800

75000 de Maringápolis 11 — Instituto Brasileiro "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tela — Carolina de 1920: Semestre "Revista" Publicação de 1920: "Revista" — Rio de Janeiro

Contato: — Na Sala 1, Machado Junior, Av. São da República 145, Cx. de Salvador Bahia, Em São Paulo: Vendas da Capital e cargo de "Agência Internacional" e Rua São Salvador 17 — Tel. 4-1155 — Publicação e cargo de Juntas Gairão.

1 Rua Bragadoira Tobias, 115-11 andar, sala 11 — Tel. 6-6715

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representações — Nos Estados Unidos de América: No Norte: Agente Marcondes, 12 West Street, New York City, N. Y. Na América Oriental: Portuguesa: O. Soares — João Paula, 444 Broadway, Maquês, Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 14, 1.º andar, No Uruguai: Marcondes e Cia — Correspondentes: 148 Montevideo, No Argentina: "Inter-press", Florida 109 — Tel. 10 47 1905 Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Se pretende colaborar submetida pela redação.

Não são remunerados pela publicação de artigos, mesmo quando são publicados

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO DEBUTARÁ DE 10 PAGINAS



Noticia-se vertiginosa queda do peso argentino. Fracassa o movimento revolucionário do Chile, com a prisão de grande maioria dos implicados. Aprovada, pelo presidente da República, a minuta do acordo a ser celebrado com o Governo do Amazonas para a construção de uma escola de agronomia em Manaus. O governo dos Estados Unidos planeja a instalação de uma gigantesca rede de radar em torno do país, o que custaria cerca de 50.000.000 de dólares. Atirou-se do décimo-quarto andar do edifício de "A Noite", tendo morte horrível, o médico e jornalista Aurélio Domingues de Souza. Informa-se que o Brasil receberá novos imigrantes holandeses e portugueses. Em greve os estudantes de farmácia. Em Viena, num concurso realizado na União Austríaca dos Barbeiros, o figaro Otto Frechtel bate o "record" de velocidade no barbear, com apenas 14 segundos e meio. Prossegue a onda de crimes no Rio. Expurgo na Polícia. O inventor "yankee" Floyd Firestone acaba de inventar uma máquina de escrever música. Sancionado pelo presidente da República um decreto do Congresso que manda erigir na metrópole um monumento a Rodrigues Alves. Em conferência realizada no Rotary Club, o professor Mario Kroeff declara que "o câncer aumenta assustadoramente, matando um milhão de pessoas em um ano no mundo". Informa-se que o Brasil exportará lápis e borracha. Os barbeiros pleiteiam oitenta por cento de aumento nos salários, sem majoração de preços para os fregueses, para isso alegando que os proprietários de barbearias desfrutam lucros extraordinários. Anunciam do Vaticano que o Papa admite as possibilidades de irrupção de uma nova guerra. Araci Abelha, depois de rumoroso processo, é absolvida, mas o promotor declara à imprensa que vai recorrer. Os degaullistas dominam a Câmara Alta francesa. Dois empregados da Prefeitura de Belo Horizonte efetuam uma troca "sui-generis": troca de esposas. De São Luis do Maranhão seguirão para Dakar 60 mil sacos de arroz pilado. Criada a Penitenciária de mulheres da capital mineira. Pela primeira vez é representado o teatro existencialista no Brasil, logrando grande êxito uma peça de Sartre. O Deão de Canterbury, o famoso reverendo Hawlett Johnson, afirma, em Toronto, que a reeleição de Truman é uma esperança de paz. Vultoso roubo no Cais do Pôrto do Rio. Encerrado o V Congresso Brasileiro de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal. Segundo os últimos despachos telegráficos, continua cada vez mais angustiante a situação na China. Um novo cometa, descrito como "o mais belo", vem de ser observado pelos cientistas de Harvard, que disseram ser esse corpo celeste conhecido por "cometa 1948 L". O Banco Mundial fará um empréstimo de noventa milhões de dólares à Light, sob garantia do governo brasileiro. Informa-se de Fortaleza que em poucos dias de rigorosa campanha encetada contra o porte de armas, foram apreendidas ali mais de mil armas. Novas e proveitosas visitas dos "Comandos" a estabelecimentos comerciais e cinemas cariocas. Regressa do Planalto Central a comissão parlamentar que foi indicada para estudar aquela região. O sr. Trygve Lie, secretário geral da O.N.U., anunciou estar procurando uma fórmula para a solução do caso de Berlim. Reune-se o gabinete francês a fim de discutir a situação criada na política da França em virtude da vitória dos degaullistas. Mais vinte e um líderes nazistas estão sendo julgados pelo tribunal de guerra de Nuremberg. Depois de 21 anos à frente do governo canadense, o sr. Mackenzie King anuncia que renunciará às suas funções de primeiro ministro do Domínio do Canadá. Atendendo a que não mais trafegam bondes em Fortaleza, o prefeito ordenou a retirada imediata dos trilhos das ruas da capital cearense. Viaja para a Europa o sr. James Forrestal, secretário da Defesa dos Estados Unidos. Brutal atentado contra um jornalista, no Pará. Chegam ao Brasil dois petroleiros adquiridos pela nossa Armada. Uma violentíssima tromba d'água causa grandes danos numa cidade paulista, avultando os prejuízos a 500 mil cruzeiros. Segue para Londres a sra. Eleanor Roosevelt, a fim de assistir à inauguração, em Westminster, de uma placa de homenagem à memória do seu espóso, o grande estadista norte-americano Franklin Delano Roosevelt. Aprovado o aumento dos funcionários civis e militares da União. Tojo condenado à força pelos seus crimes de guerra.

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.



Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: **Conto para a REVISTA DA SEMANA**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

ETERNA PRESENÇA

Versos de **BEATRIX DOS REIS CARVALHO**

Livraria José Olímpio
Editora
Rio de Janeiro
1948

berdades poéticas — e dizer que Bainville não permitia nenhuma! — do chamado modernismo ou futurismo enormemente lhe dilataram as fileiras de exibição. Tendo-se convencido que, para se fazerem versos, não havia necessidade da arte poética, incontáveis moços e, infelizmente, também algumas moças desataram a versejar sem conta nem medida, sem lei ou regra de espécie alguma. E assim a legião, por certos movimentos coletivos e certos livros em que não intervieram os editores, mais parece turba-multa.

A sra. Beatriz dos Reis Carvalho veio para a poesia pelo caminho mais puro. Trouxe consigo o saber, o pensar e o amar. E' bem uma inspirada e uma artista. Estes versos irremediavelmente participam da emotiva e da virtuose. E a sua música, feita de espírito e de sentimento, da primeira à última rima nos envolve e nos penetra ditosamente.

Não nos permite a forçada divisão do espaço nesta página transcrever uma das mais valiosas obras contidas no volume — e que são justamente as mais longas. Daremos, porém, algumas estrofes avulsas, pequeninas jóias de eloquência e graça, que se intitulam sucessivamente: *Sem razão, Doce castigo, Destino e Compensação*:

Não chames tempo perdido
aquele em que amaste em vão.
Quanto mais fores traído
o teu coração ferido
se torna mais coração.

Se o prazer somente existe
não se gostando de alguém,
prefiro ser sempre triste,
que a minha vida consiste
em querer bem...

Passa a dor, passa a esperança,
passa a tormenta e a bonança,
passa tudo, tudo, enfim...
Só a saudade não cansa
de ficar perto de mim.

Não tenho inveja da felicidade
de ninguém.
Espero e creio: um dia ela há de
procurar-me também.
E, se acaso falhar, paciência. A vida,
seja qual for,
vale, apesar de tudo, ser vivida
por um pouco de amor.

PRIMEIROS ESTUDOS

Páginas de crítica de
ALCEU AMOROSO LIMA

Livraria Agir Editora
Rio de Janeiro
1948

figura de um José Veríssimo, com as suas resenhas periódicas no "Jornal do Comércio", bem assim ao vulto de um Araripe Junior, com os seus estudos de revista, opulentos de erudição, maduramente refletidos e compostos a preceito. E já Medeiros e Albuquerque praticava um sistema de apreciação mais ligeiro e familiar, tratando os autores como camaradas, para lhes louvar com entusiasmo o possível merecimento ou aconselhá-los a tomar outro caminho para se aproximarem da perfeição.

Tristão de Athayde apresentava-se imbuído de teorias recentes; trazia a público idéias e noções ainda pouco divulgadas mas de largo alcance para o futuro; e grandemente contava com o prestígio da sua sinceridade. Tomara parte, entre os adeptos mais compenetrados e ardorosos, no movimento platonicamente revolucionário, lançado por Graça Aranha na Academia de Letras; tinha os seus companheiros, os seus irmãos de armas, outros tantos conjurados para a campanha da nova Lite-

ratura; e estava bem persuadido de que, todos juntos e mais alguns que haviam de vir, dariam ao ideal do seu chefe a mais ampla e poderosa realização. Em breve, porém, a personalidade do jovem crítico passava a afastar-se daquele culto incondicional, a libertar-se de qualquer compromisso, para atuar independentemente e sozinho. Os seus trabalhos patenteavam, além da marca da inteligência e da garantia da cultura, um cunho de absoluta lealdade para com o público em tantos casos à mercê da disciplina dos grupos ou da política as igrejinhas. Inclinado sem dúvida a acolher com especial deferência prosadores ou poetas que pudessem oferecer obra, além de boa, mais ou menos "diferente", nem por isso Tristão de Athayde os favorecia em detrimento daqueles em quem perdesse o espírito conservador. Tanto lhe apraziam, desde que bem orientadas, as tentativas de modernismo e revolução, quanto se lhe impunha o respeito das formas clássicas — tanto vale dizer eternas. Sobretudo cuidava de fazer justiça, fosse a quem fosse. Por isso examinava cada livro com requintes de imparcial escrupulo. A sua análise obedecia, o mais conscienciosamente possível, aos preceitos e exigências do mister. Até certos rigores que a outros críticos — e principalmente aos criticados — se afigurariam excessivos, por deixarem de atender a atenuantes ou desculpas pessoais, nele representavam a convicção do dever a cumprir, da equidade a exercer. E era então uma espécie de crueldade sem o propósito de destruir ou supliciar, ao contrário: sempre nobremente intencionada.

Em volumes posteriores, correspondentes a sucessivas épocas, veremos se esse empenho de exatidão sentenciosa se veio ou não modificando no sentido de atenuar pela forma aquilo cujo fundo não sofreria modificação. Havemos de verificar se Tristão de Athayde, revelado já e celebrizado o seu verdadeiro nome, tomou ou não, algumas vezes, o partido de suavizar a composição da frase cujo sentido, através de mais francas palavras, se tornaria impiedoso; e chegaremos talvez a notar com segurança alguns dos momentos em que o escritor de idéias e linguagem intransigentes se viu forçado a recorrer ao providencial eufemismo. Entretanto, vamos contemplando, por estas trezentas e cinquenta páginas iniciais, o desfile dos homens de letras que até hoje se conservam os mesmos, triunfaram mais nobremente, decaíram ou desapareceram. Todas as figuras nos surgem nítidas de desenho e cor, expressivas deveras — e algumas realmente ressuscitam. Acompanhemolas com olhos admirativos ou consternados, até ao fim do cortejo. E fiquemos agradecidamente esperando as outras.

IMPRESSIONES E EMOÇÕES

Páginas variadas de
CARLOS TÔRRES

Imprensa Oficial
Bahia
1948

agora, se decidira a organizar um livro e dá-lo à publicidade. Receava que de tal empreendimento lhe viessem desilusões. Temia sobretudo que, na sua vida tranquila e por outras circunstâncias ditosa, interviesse de modo desfavorável o Crítico, entidade caprichosa, dúbia, a qual ora assumia, para ele, a imagem sorridente de um "anjo", ora se lhe afigurava positivamente um "monstro". Entre essas duas visões contraditórias, hesitava o sr. Carlos Tôres e ia protelando. Agora, porém, foram os seus amigos mais chegados e mais sinceros que, por meio de conselhos e exortações, suavemente o obrigaram a passar das colunas de certos jornais e do recurso dos pseudônimos para a exibição e a espécie de aventura da livraria. Assim ele selecionou, dentre produções numerosíssimas, aquelas que, em seu rigoroso juízo, considerava mais dignas de tal destino. E aqui temos o volume *Impressões e impressões*, comportando "assuntos estudantis, contos, crônicas, fantasias, descrições e páginas íntimas".

Como se vê, a inspiração do sr. Tôres se distribui por diferentes gêneros; em nenhum deles, porém, acentua a sua preferência. E o estilo é sempre correntio, fácil, denotando a absoluta sinceridade.

A MUTILADA DE SANTA TERESA

Contos de
CLAUDIONOR LINHARES

Rio de Janeiro
1948

das, pensando constantemente na felicidade perdida e sem esperança sequer de resignação.

Sua irmã escreve ao homem a quem a enferma de hoje amou e o qual acaba de voltar de longa viagem. A carta pede-lhe encarecidamente que venha ver a infeliz; talvez a sua visita agrade a Sandra, a distraia, restituindo-lhe um pouco do ânimo de outrora. O homem obedece sinceramente. Também ele conta com o bom efeito do encontro, a que outros se poderão seguir; até se tornarem bem serenos e familiares na amizade que nos dois corações certamente virá substituir o antigo amor... Logo, porém, as primeiras frases do diálogo o desenganam: "Sandra, eu lamento"... E ela, amarga e rispida: "Não lamente! Não quero lamentações inúteis! Foi para isso que veio?". Tendo assim começado, não pode o diálogo mudar de tom nem durar muito. O homem dá um pretexto para se retirar. Sandra fica sozinha e há então uma cena patética. A doente diz à criada que a conduza ao quarto; depois, que tire dos armários, das prateleiras, os vestidos, os chapéus, os enfeites agora inúteis; e, finalmente, que guarde tudo para si. Assim ela se desfaz das coisas que ainda a ligavam ao passado. E, algum tempo depois, recebe o antigo namorado nova carta comunicando-lhe que Sandra morreu de um mal súbito, cuja origem os médicos não souberam explicar...

No segundo conto, um cego escrupuloso, brioso, que debalde tentou ganhar a vida com algum trabalho, acaba pedindo esmola, pelo amor de Deus. Depois, um funcionário, receoso de chegar tarde à repartição, precipita-se, ataranta-se e fica de baixo de um trem. Outras histórias mais ou menos dolorosas se sucedem, narradas com o ardor e o ímpeto de um jovem escritor bem dotado, a quem falta ainda certa experiência — inclusivamente para rever melhor as provas tipográficas. E', com efeito, a essa circunstância que julgamos poder atribuir desacertos e impropriedades contidos no volume, tais como: "Principalmente aquele recho da carta... passado os primeiros tempos... tinha nas mãos aquela carta; devia respondê-la?... assistir uma "soirée"... atender um pedido... sofria como estava a indicá-lo duas lágrimas"... para se entregar ao seu cotidiano mister: embebedar-se pelas tascas das redondezas etc.

RECEBEMOS:

Revista de Portugal, nº 68, volume XIII do mensário lisboeta dirigido por Alvaro Pinto e o qual contém trabalhos assinados por Augusto César Pires de Lima, Elza Paxeco, Augusto Moreno, Silveira Bueno, José de Sá Nunes, José Pedro Machado, Harri Meyer, Afonso Alvares e Herbert Palhano. Lisboa, 1948.

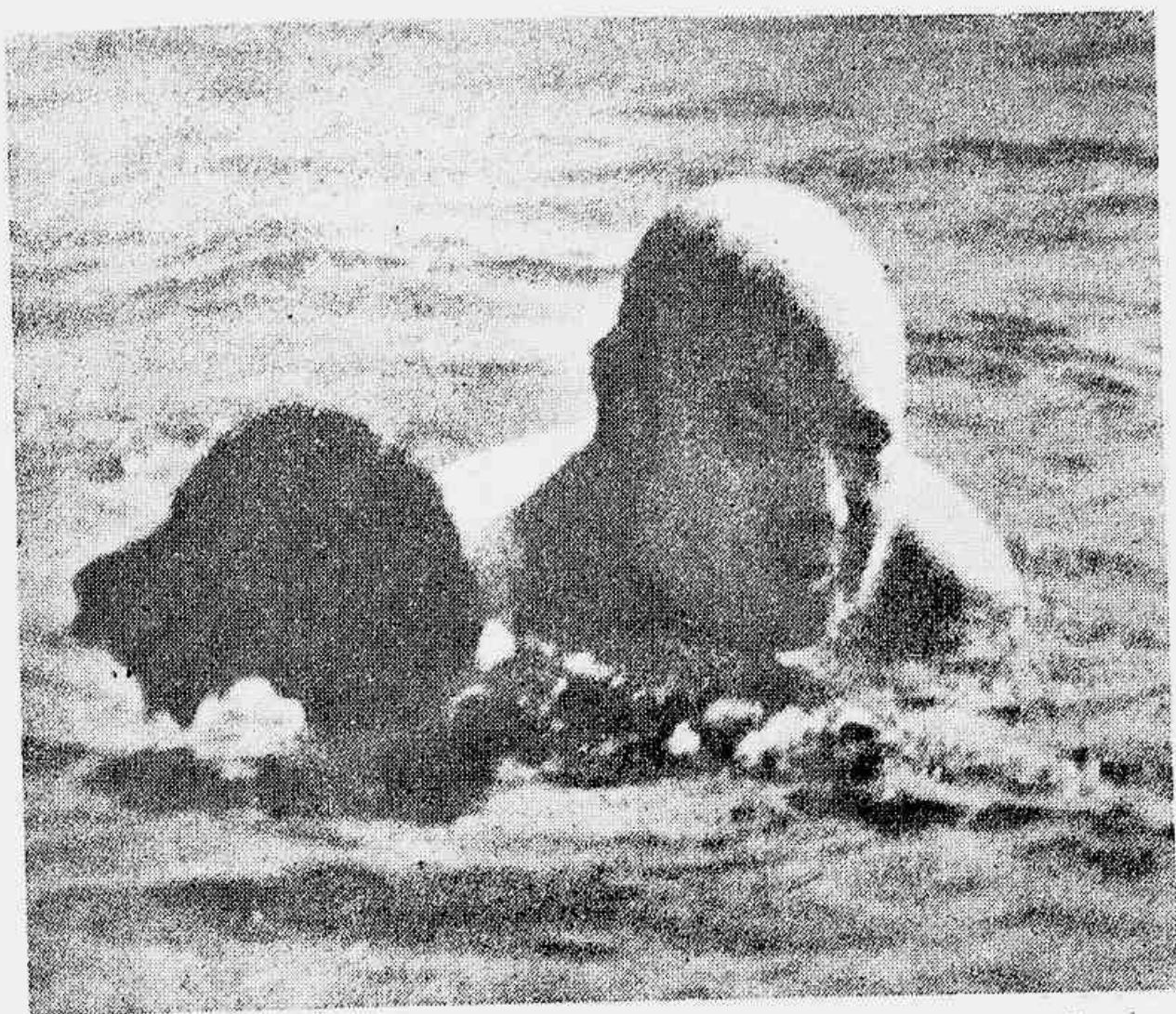
Sessão solene comemorativa do Centenário de Teixeira de Queiroz, separata do Boletim da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa, 1948.

Dois centenários (de Alfredo Moreira Pinto e José Vieira Fazenda), por J. P. Leite Cordeiro, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. São Paulo, 1948.

Obras completas, páginas de prosa e poesias de Gil do Val (Cícero Cordeiro), publicação póstuma. São Paulo, 1948.

A lenda do Patriarcado, estudo histórico pelo capitão de mar e guerra Aníbal do Amaral Gama. Publicação da Imprensa Naval. Rio de Janeiro, 1948.

Figuras contemporâneas



Entre os intervalos da preparação de suas "Memórias", Churchill dá mergulhos em companhia de seu "Fluffy"



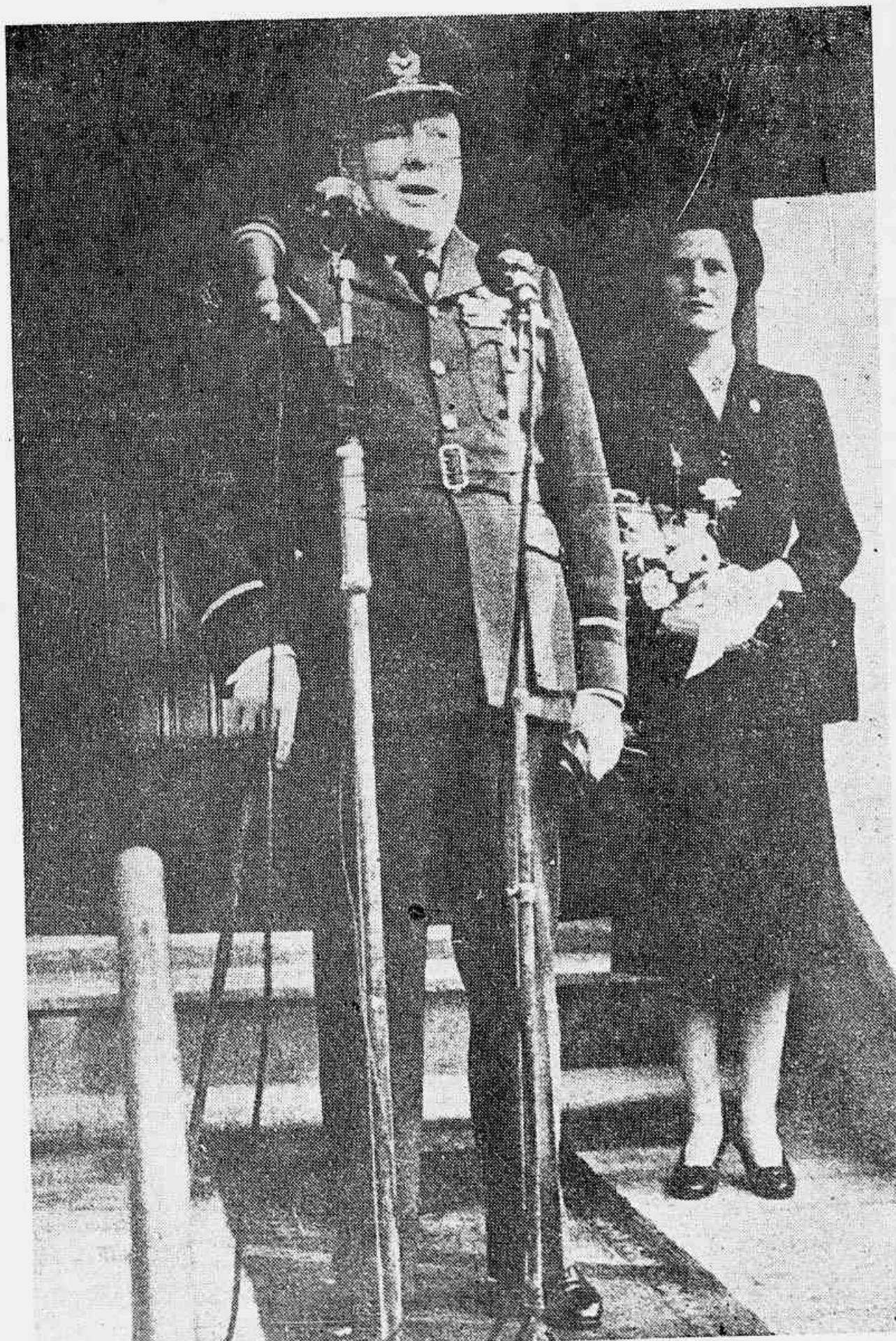
A Rainha Juliana da Holanda condecora sua augusta mãe, com a Ordem Militar de Guilherme, por seus serviços na última guerra



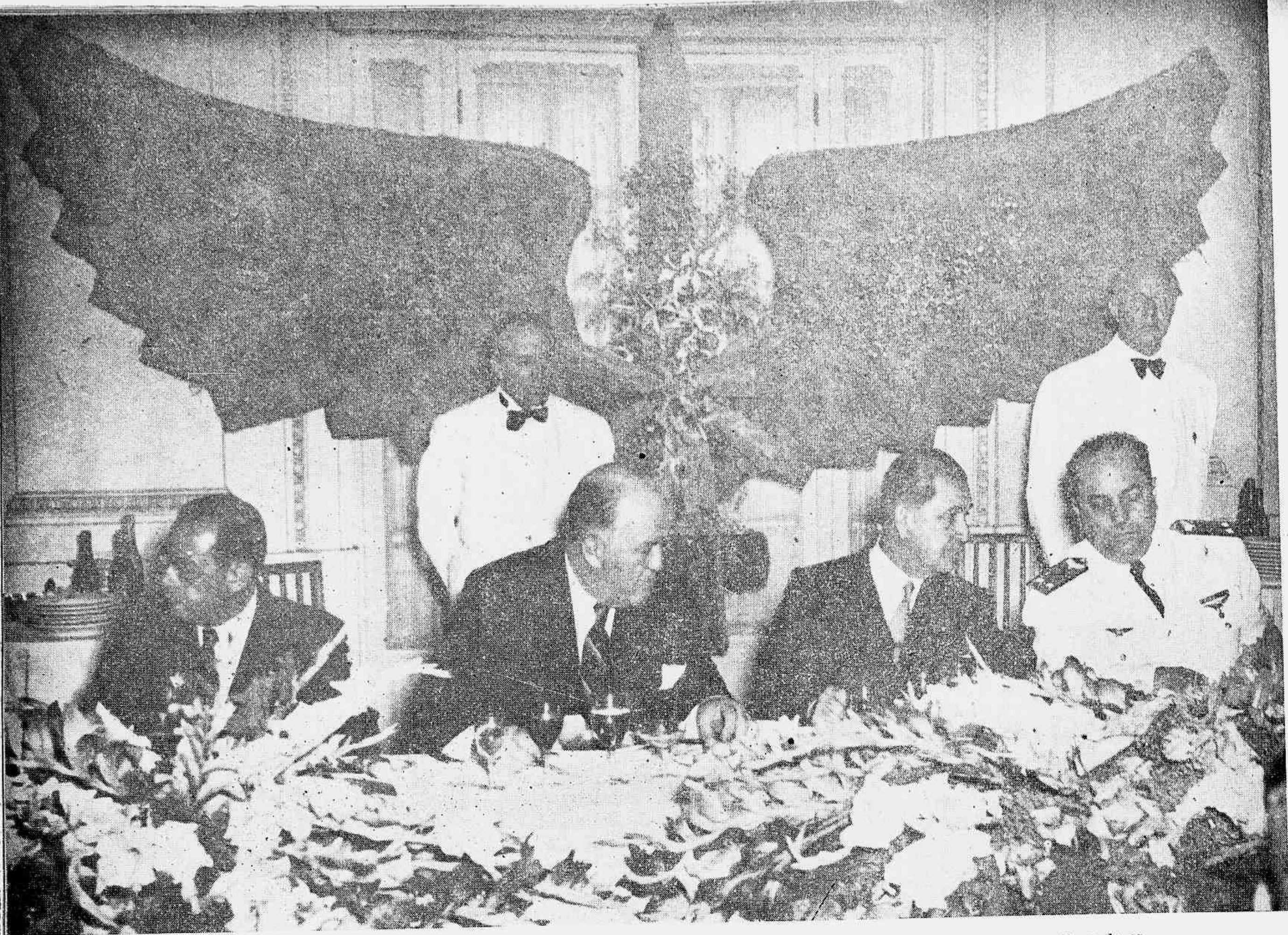
Mrs. Eleanor Roosevelt, da delegação americana à O.N.U., inicia seus trabalhos obtendo informações. Naquele dia completara 64 anos



Ann Sheridan, "estrêla" norte-americana, palestra com Bernard Shaw sobre sua produção "Homem e Super-Homem", antes de partir de Londres para a América



Prevenindo a Europa e a América de que as fronteiras da Ásia estão hoje no rio Elba, Churchill discursa ao lado de sua filha Mary

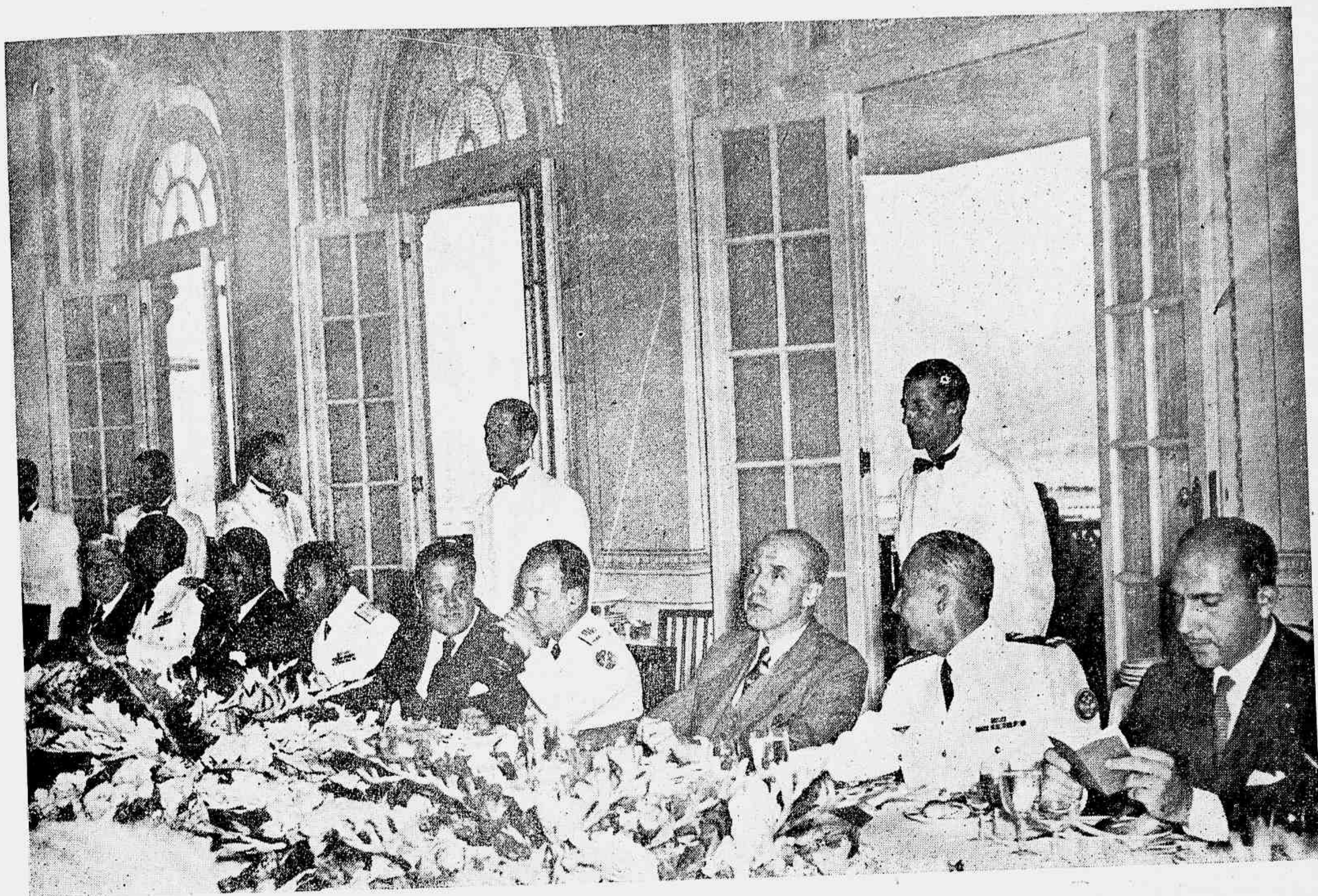


O brigadeiro Armando Trompowsky presidindo o banquete oferecido pelo Jockey Club às altas patentes das nossas forças do ar

O JOCKEY CLUB BRASILEIRO ÀS NOSSAS FÔRÇAS DO AR

Aspecto da animada reunião dançante que se seguiu às carreiras disputadas em homenagem à aviação brasileira, no Prado da Gávea





AO ALTO: Outro flagrante do banquete realizado durante a festa oferecida à aviação nacional. A DIREITA: Novo aspecto da reunião dançante



Prosseguindo na série de homenagens que anualmente vem o Jockey Clube Brasileiro prestado às nossas classes armadas, a veterana sociedade turfista ofereceu, no domingo, 7, uma bela festa de confraternização às Forças Aéreas Brasileiras, fazendo disputar um programa inteiramente dedicado à nossa aviação, seus vultos, datas e acontecimentos mais caros à evolução entre nós do mais pesado que o ar, destacando-se o G. P. "Alberto Santos Dumont", ganho pelo cavalo nacional Irapuru. Antes dessa prova, a diretoria do Jockey Club ofereceu em banquete ao ministro da Aeronáutica, brigadeiro Armando Trompowsky e às altas patentes das nossas forças do ar, decorrido num ambiente dos mais distintos e da maior camaradagem. Ofertou o ágape o sr. João Borges Filho, em nome da associação de que é presidente, tendo agradecido o titular da Aeronáutica. Terminadas as provas de pista, teve lugar uma animada reunião dançante, durante a qual se exibiu ótimo "show" de artistas do nosso rádio, à mesma tendo comparecido grande número de cadetes da nossa Escola de Aeronáutica. Da magnífica festa a REVISTA DA SEMANA colheu os flagrantes que ilustram este registro.



Excelente "show" exibiu-se no intervalo das danças, tendo aparecido destacados elementos do nosso rádio, como se vê na fotografia à direita



VIDA LITERARIA

MONTEIRO LOBATO E A MORTE

Por NELSON VAINER (Especial para REVISTA DA SEMANA)



Monteiro Lobato, numa foto apanhada em 1939, quando o saudoso criador de "Jeca Tatu" concedia uma entrevista a um vespertino paulista

EM minha imaginação, vejo sempre Monteiro Lobato cabisbaixo e amargurado, procurando disfarçar com sua demoníaca gargalhada o que ele realmente pensava das coisas contra as quais se revoltava e que ele combatia. Em meus ouvidos ainda soa a sua voz. Ouço-o sempre falar sobre a morte, da qual foi um grande apologista.

Lobato brincava com a imagem da morte como quem se distrai com um passatempo. Todas as vezes que me encontrava com Lobato, ele não deixava de dizer algo que se relacionava com a terrível consequência da vida. "A morte é uma delícia, Nelson", dizia ele e jamais lamentava o desaparecimento

dum amigo. Nem a do próprio filho, Edgard Monteiro Lobato, que faleceu em 1942, se não me engano. Pouco depois da morte de Edgard, telefonei ao infeliz pai, para apresentar-lhe os meus pêsames. "Está melhor que nós" — respondeu-me incontinenti Lobato, e acrescentou: "A morte é uma delícia, Nelson"...

No entanto Monteiro Lobato temia a morte. Considerava-a uma delícia, mas não queria morrer. O que ele queria era viver, como o queria Larsen, de "O Lobo do Mar", de Jack London, que Lobato traduziu e sempre comentava: "Viver, viver, viver!"

Lembro-me como se fosse hoje: Lobato se preparava para deixar o Brasil e exilar-se voluntariamente na Argentina. Enquanto isso, Belmonte se achava na iminência de empreender a viagem da qual viajor algum jamais regressa... Eu sabia, através do médico de Belmonte, que a morte pendia sobre a sua cabeça como a espada de Dâmocles, que poucos meses de vida lhe restavam... E disse-o a Lobato, por ocasião de uma das minhas visitas que fazia semanalmente ao grande escritor. E Lobato me pediu para acompanhá-lo um dia à casa de Belmonte, e marcou o dia.

Encontrei-me com Lobato na Editora Brasiliense, tomamos um taxi e rumamos para a casa do saudoso caricaturista. Belmonte estava terrivelmente abatido naquele dia. A dispnéia, que durante muitos anos o torturava como a águia a Prometeu, não o deixava respirar e ele falava com dificuldade. Lobato queria, então, convencê-lo de deixar de fumar. Contou com orgulho como ele melhorou desde que não enchia os pulmões com o fumo. Até chegou a engordar cinco quilos, dormia melhor do que antes e descobriu que a vida sem fumar era "uma delícia"... Já não falava mais da morte e, à certa altura, referindo-se a ela, não me recordo a que propósito, disse abanando a cabeça: "E, Belmonte, isso de morrer é muito porco"...

Eu havia ganho do próprio Lobato as suas obras completas, trinta volumes lançados pela Editora Brasiliense. Belmonte também reclamava uma coleção completa. Lobato tinha consigo um dos primeiros volumes, "Idéias de Jeca Tatu", se minha memória não me engana, que ele deu a Belmonte com uma dedicatória na qual lamentava não ter cultivado a amizade com Belmonte, com o qual se encontrara poucas vezes nestes últimos anos. Mas, como adepto do espiritismo, alimentava a esperança de se encontrar com Belmonte no Além, onde continuariam a ser amigos. Foi o que escreveu, mais ou menos, na sua lacônica dedicatória.

Dias depois Lobato partiu para a Argentina. Nas primeiras semanas, escreveu-me cartas cheias de entusiasmo, das quais publiquei algumas na "Fôlha da Noite", de São Paulo, e na REVISTA DA SEMANA. Certo tempo depois, operava-se no grande escritor a mudança que eu esperava, pois, como já disse de início, ele procurava disfarçar com sua gargalhada demoníaca o que realmente pensava das coisas. Entre nós, falava mal da nossa terra, que ele realmente adorava, pois, em uma de suas cartas, que publiquei num artigo intitulado "Emília no País do Tango", ele escrevia entre outras coisas: "...depois, voltarei à pátria amada"... Exatamente como procedia ao referir-se à morte, com cuja imagem brincava, mas que ele temia, como qualquer outro mortal...

A última vez que vi Monteiro Lobato foi em abril deste ano, poucos dias antes do meu segundo embarque para Paris. Ele ia ao consultório do dr. Jagle, que o tratava, e me pediu para acompanhá-lo. Foi a única vez que falamos algumas horas nas quais ele não fez a mínima referência à morte. Falava de tudo, menos disso...

Naquele dia eu me despedia do meu grande amigo sem pensar que essa nossa despedida era para todo o sempre... Para todo o sempre? Quem sabe... Se a morte é a consequência da nossa vida, qual será, então, a consequência da nossa morte? Estará Lobato cultivando a sua amizade com Belmonte, alhures, no Além, conforme a sua dedicatória num dos livros de sua autoria que ele deu a seu grande amigo? — Quem sabe...



Belmonte numa foto feita em 1940



BROADCASTIST



Por A. MIGUEIS



HONRA AO MERITO

Gagliano Neto, desde seu ingresso no rádio, não tem feito outra coisa, senão valorizar a carreira que abraçou. Idealista cem por cento, entregou-se a batalha pela valorização dos verdadeiros radialistas, proporcionando-lhes a chance de que há muito careciam. E, sabe Deus os sacrifícios com que teve de lutar para que suas idéias prevalecessem, dando o ambiente ambíguo de então. Precursor dos salários condignos, o locutor da "Copa do Mundo" inaugurou nova era no "broadcasting" nacional, atraindo a atenção de figuras expressivas em todos os campos de atividade.

A passagem de Gagliano Neto, por algumas das emissoras cariocas, serviu para confirmar seu absoluto conhecimento dos problemas radiofônicos. Pondo em prática suas observações, ele melhorou, em grande parte, o clima radiofônico, através de iniciativas grandiosas. Assim aconteceu quando de sua presença na Rádio Club do Brasil. Repetiu-se por ocasião da temporada que levou a efeito na PRE-3, quando a mesma pertencia ao sr. Nelson Dantas. Ainda nesse prefixo, por ocasião da passagem do mesmo para o sr. Roberto Marinho, observou-se o dedo de gigante de Gagliano Neto. O "speaker" pernambucano, interessado em fazer rádio de verdade, não dava ouvidos aos conselhos absurdos dos "amigos ursos". Grudado ao microfone, sacrificava o próprio bem estar em benefício do público ouvinte. Depois, veio o esgotamento, que o obrigou a deixar as atividades radiofônicas, por alguns meses. E, quando menos se esperava, foi-o junto a Ari Barroso comandando a programação desportiva da Tupi.

Mas, o sonho dourado do "speaker" da "Copa do Mundo", era lançar uma estação cem por cento desportiva. Daí, aproveitar a oportunidade surgida. Juntando-se a outro radialista, surgiu ao leme da Rádio Continental, reunindo em torno à sua pessoa, gente moça. Gente capaz de apresentar novidades. Gente disposta a trabalhar pelo desporto. Esta, podemos afirmar, é a razão do triunfo da Continental, onde se acham figuras, como Jaime Moreira Filho, Sérgio Paiva, Ademir Pimenta. Sem alardes, procurando servir à causa a que se dedicou, Gagliano Neto trabalha anonimamente, confiante na grande vitória que, para todos nós, já se confirmou. Por isso, neste breve comentário, queremos render nossa admiração ao pioneiro da estação cem por cento desportiva.

★

RÁDIO-FLASHES

Ribeiro Fortes, durante a temporada teatral levada a efeito por Bibi Ferreira, foi a grande atração. Saído das hostes radiofônicas, seu trabalho no palco mereceu calorosas referências da crítica. Hoje, talvez saudosos do microfone, Ribeiro Fortes está de volta ao elenco rádio teatral da Tupi, onde conquistou os maiores louros de sua carreira no "broadcasting" nacional.

★ — Desmantelou-se o conjunto orquestral de Fon Fon, quando da vitoriosa temporada na França. Os componentes dessa orquestra dividiram-se em dois grupos, fi-



Silvino Neto não está fora de circulação. O criador de Pimpinela, Anestesia, e tantas outras personagens, no momento, leva a efeito uma temporada ao microfone da Rádio Club de Recife. Quanto a seu reaparecimento nas ondas cariocas, parece prematura qualquer informação a respeito, dados os compromissos que o prendem à capital paulista. Isso não quer dizer que Silvino Neto recuse certa proposta que lhe foi endereçada

cando um com Fon Fon, o qual seguiu para a Espanha, onde está se exibindo numa das "boites" locais, tendo como "laddy crooner", a cantora Lili Moreno. É lamentável que os músicos brasileiros se desligassem do conhecido maestro, numa hora em que tanto se reclama de nosso bom nome lá fora.

★ — Ciro Monteiro e Odete Amaral, depois de onze anos de atividade ao microfone PRA-9, desligaram-se desse prefixo, assinando contrato com a Rádio Nacional. Idêntica atitude teve Carlos Galhardo que, contrariando todos os prognósticos a seu respeito, achou melhor não continuar emprestando seu concurso a programação mairynquiana. Fala-se, ainda, que Edú ingressará na PRG-3.

★ — Aloisio Silva Araujo está novamente no Rio. O criador da "Cadeira de Barbeiro", acedendo ao convite que lhe foi dirigido pela Nacional, voltou a juntar-se a Max Nunes, seu velho companheiro da Tupi. Enquanto isso, já se anuncia a volta de Isaurinha Garcia ao "broadcasting" paulistano. A interessante estrelinha está obtendo grande sucesso na programação de estúdio da PRE-8, em virtude dos números que vem interpretando.

★ — A Secretaria de Educação e Cultura instituiu a "Semana da Música", cuja finalidade nitidamente educativa, visa à elevação do nível cultural popular. Integram a comissão organizadora, entre outros, a professora Magdala da Gama Oliveira, da Rádio Roquete Pinto, e o conhecido artista Sylvio Salema, hoje à testa do Serviço de Educação Musical da Prefeitura.

Maria Tubau é o novo cartaz internacional da Tupy. Intérprete das melodias espanholas, ela teve oportunidade de se apresentar ao público paulista através de uma das estações locais. No momento, Maria Tubau participa da programação de estúdio da "emissora associada", cantando números escolhidos do seu variado e seleto repertório.

★ — Outra novidade do microfone PRG-3, é a "Academia de Esportes", programa que se destina a formar doutores em futebol, box e atletismo. São professores dessa academia, Antônio Maria e Paulo Gracindo.

ZEZÉ FONSECA E AS CARTAS

Zezé Fonseca, cujo regresso ao Rio acaba de se dar depois de vitoriosa "tournee" por terras portuguesas, não escapa às missivas amorosas de certos fãs apaixonados. Um desses arrojados fãs, não contendo os impulsos do coração, assim se dirigiu a querida rádio atriz: "Tudo fiz para não perturbar a sua serenidade, porém, maior do que a minha vontade, foi a do meu coração, ordenando-me que o fizesse e, convicto de sua absoluta supremacia sobre mim, não olvidei em obedecê-lo. Justiça sendo feita, serei contente e dos homens o mais feliz, ao contrário, a tudo enfrentarei resignado ainda que sobre os meus ombros pesem todos os martírios e tormentos determinados por você pouco importa, como sabe, onde o amor impera, desaparecem todos os obstáculos que se nos deparam, não acha?"

Zezé, preocupada com os compromissos artísticos, deixou à espera de uma resposta, esse triste pierrot apaixonado...



Maria Helena é uma das mais operosas locutoras de nosso "broadcasting". Atuando em diversos microfones, ela comanda os mais diferentes programas. Mas, é com a mesma personalidade que apresenta um dos cartazes matutinos da Rádio Jornal do Brasil, comanda as novelas da Mayrink Veiga e participa das transmissões dos programas agro-pecuários da Roquete Pinto. Maria Helena já desempenhou sua profissão na Continental, tendo ingressado no rádio por intermédio da Nacional, ao tempo em que ali se encontrava Zezé Fonseca, Paulo Gracindo e outros valores.

CUBANA-CAN

Cubana-can
Misterioso país del amor
Donde forman tus campos en [flor]
Un vergel primoroso.

Cubana-can
Mayari de luz y calor
Un perfume de fiel en el ardor
Con placer delicioso.

Cubana-can
Preferida del sol y del mar
Todo en vida te buscan un [cantar]
Te dejando tu amores.

Cubana-can
Guardaré tu recuerdo en mi ser
Porque allí enganar mi querer
Y me nacé otro amor
Y me nacé otro amor...

★

R I O (Samba)

De Ary Barroso. — Gravado por Dircinha Batista.

Rio barulho de rodas rangendo
Barulho de gente correndo
Que vai p'ro trabalho e é feliz
Rio... Batida de bombo e pan- [deiro]

Batuque do bom no terreiro
Cabrochas gingando seus [quadris]

Rio... Que conta anedota no bar
Que vai pros estádios gritar
Canta samba de improviso
Rio... Copacabana, feiticeira
Joia da terra brasileira
Pedago do paraíso
Bate o tamborim
Bate o omelê é é

Rio de Janeiro (Rio Rio)
Céu azul
Verdes montanhas
Um mar de águas verdes
Praias inundadas de sol.

Prá Yayá-Yayá
Prá Yoyô-Yoyô
Prá Sinhá-Sinhá
E prá Sinhô
Terra de amor de luz de vida e [resplendor]

Rio de Janeiro ô ô
Canta canta cantador.

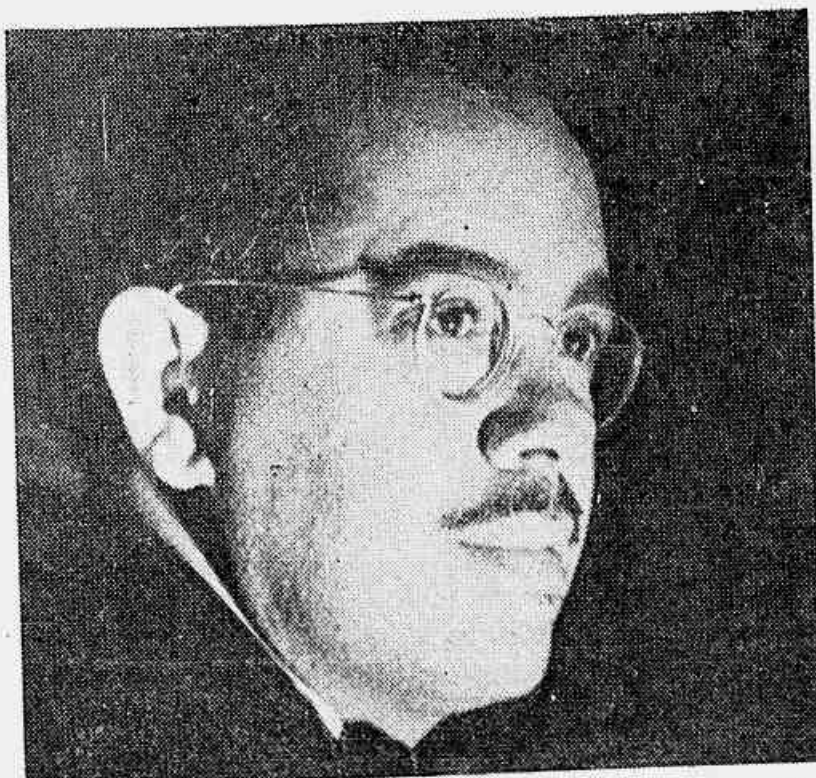
★

NATURE BOY

De Eden Abbez.

There was a boy
A very strange enchanted boy;
They say wandered very far
Very far over land and sea.
A little shy and sad of eye,
But very wise was he.
And then one day
A magic day, he passed my way
And while we spoke of many [things]

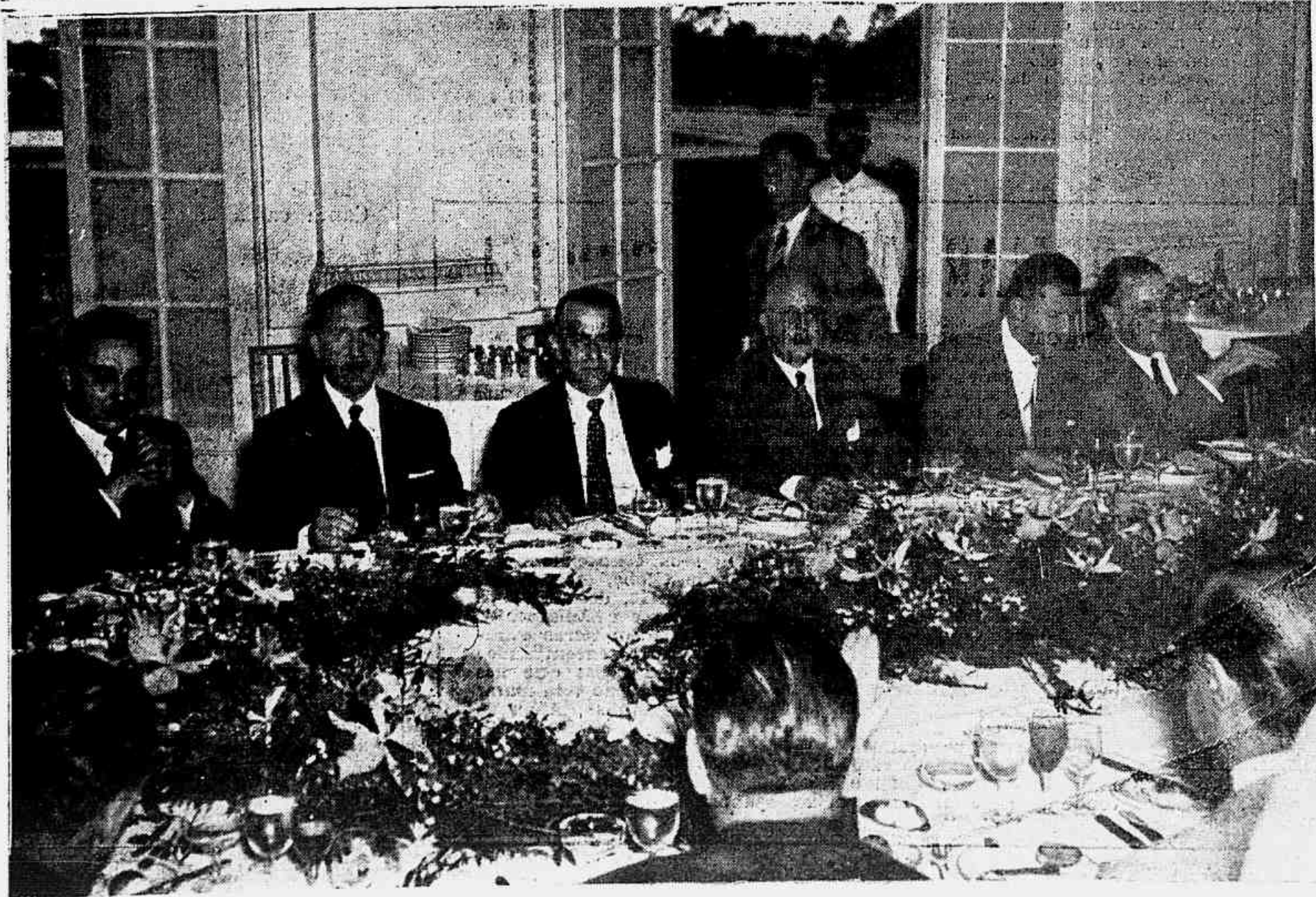
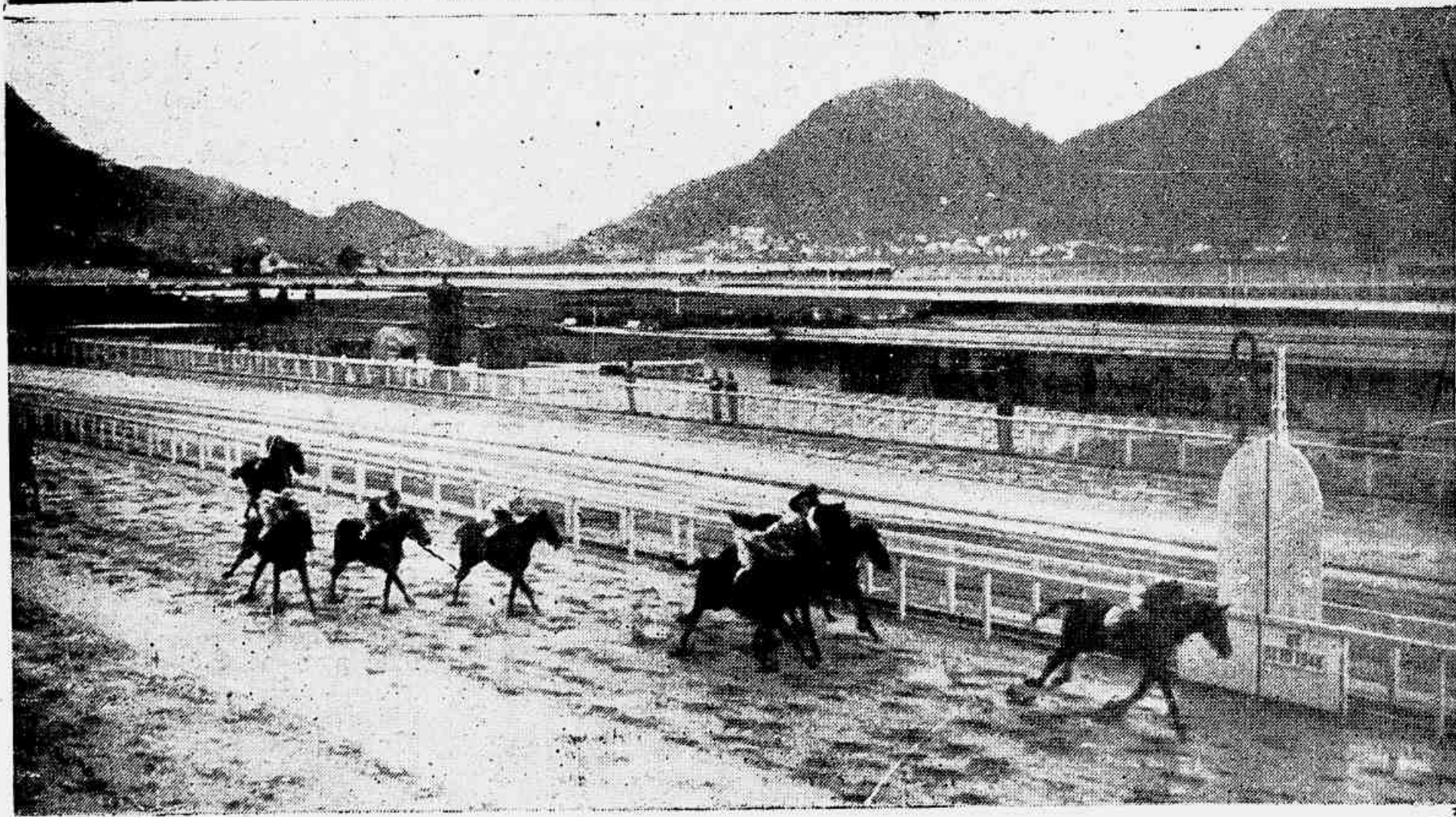
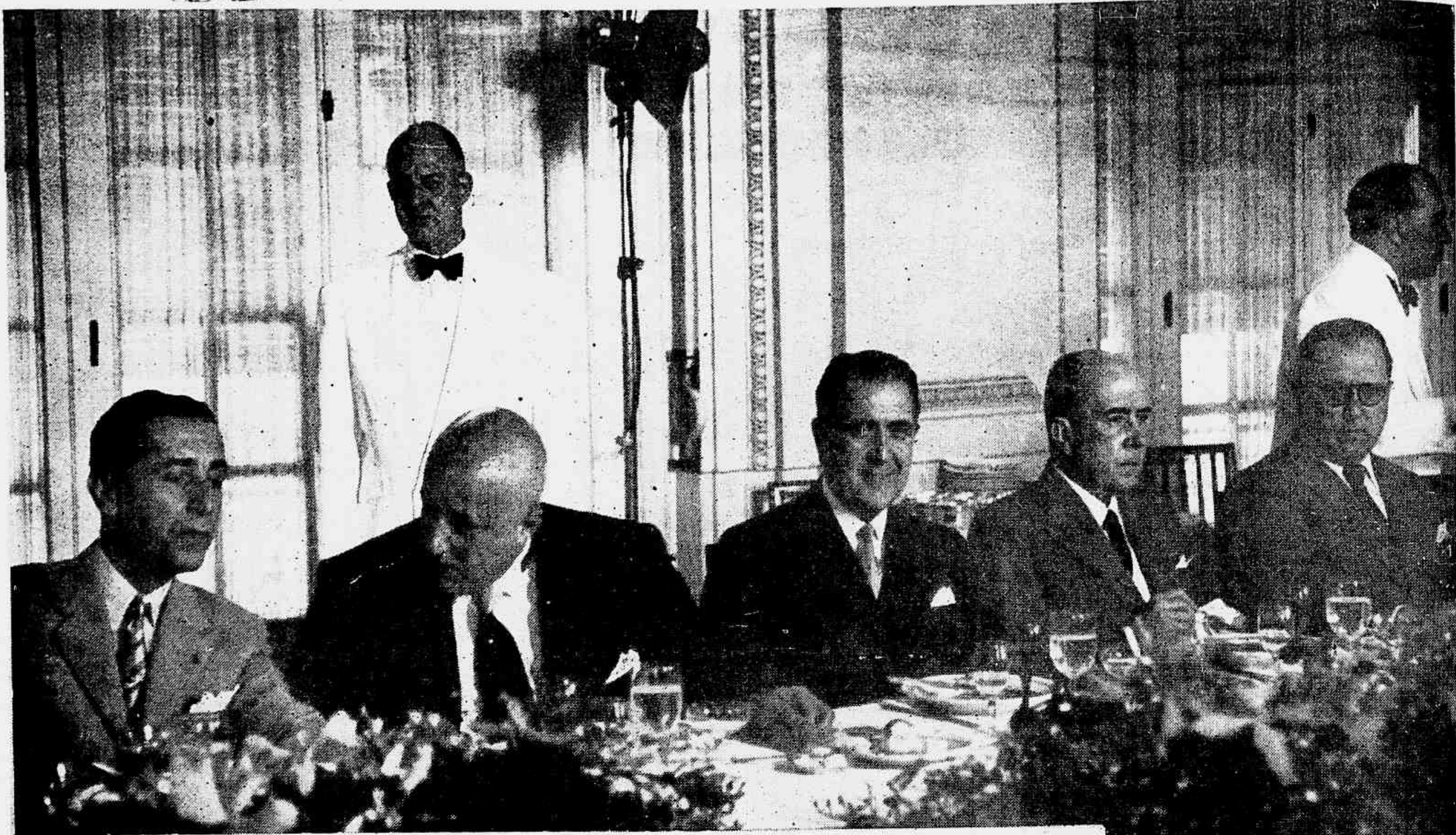
Fools and kings
This he said to me:
«The greatest thing you'll ever [learn]
Is just to love and be loved in [return»



G A O

ODMAR AMARAL GURGEL

COM este nome foi batizado num dos cartórios de São Paulo, aquele que mais tarde tornar-se-ia famoso como regente de orquestras, passando a ser conhecido por Maestro Gaó. Nascido na cidade de Salto do Itú, aos 12 anos de idade assinava interessante composição musical. Como aluno do Conservatório de Música da terra bandeirante, foi agraciado com o diploma do curso normal, além de conquistar o de concertista. Conquistou, ainda, inúmeras medalhas, as quais conserva com muito carinho. A frente da Orquestra Columbia, ingressou no rádio paulistano, apresentando-se ao microfone da Cruzeiro do Sul. Mais tarde, esteve no Rio, realizando audições na PRD-2 e PRA-3. Integrou uma das direções da Rádio Nacional, emprestando seus conhecimentos à Tupi e, quando do lançamento da Rádio Globo, teve a seus cuidados o departamento musical desse prefixo, destacando-se na apresentação de programas como "Operetas em Miniaturas". Levado pelo desejo de divulgar nossa música em terras estranhas, Gaó rumou para os Estados Unidos, ali se encontrando. Sua atuação na terra lanque, segundo as notícias que nos chegam, é das mais brilhantes. Não faz muito, Gaó veio matar saudades dos seus, aqui se demorando alguns dias. Além de ter participado ativamente no "broadcasting" nacional, ele formou entre as grandes atrações do Cassino da Urca, ao tempo em que ali se exibiam os mais famosos cartazes internacionais. Aliás, quando da temporada de Pedro Vargas, coube a Gaó e seus músicos, acompanharem o querido artista.



NA tarde do dia 31 de outubro p.p., o Jockey Clube Brasileiro prestou significativa homenagem ao gal.

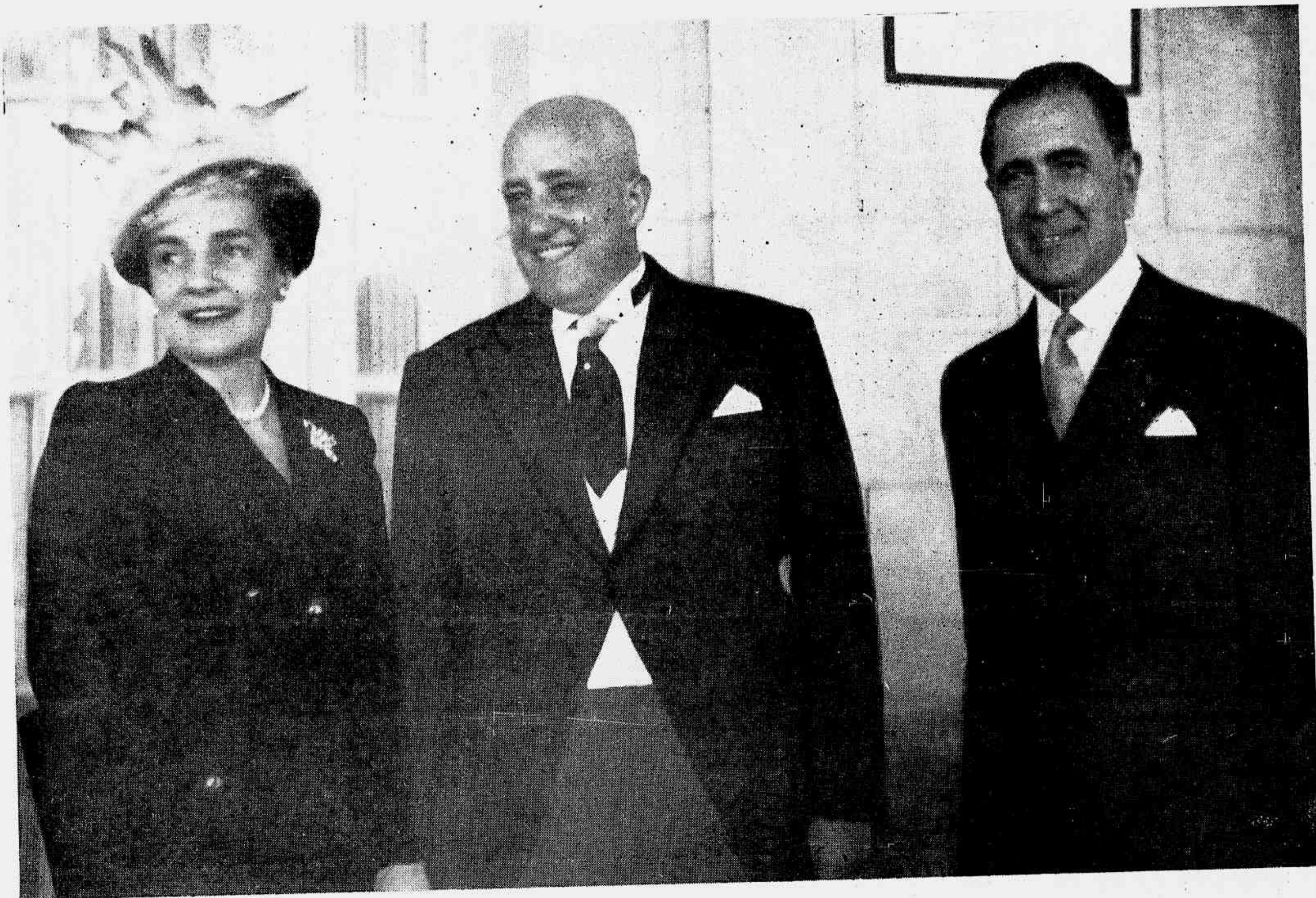
Ângelo Mendes de Moraes, prefeito da cidade, fazendo correr um Grande Prêmio que teve por patrono o homenageado, na distância de 2.000 metros e com a dotação de Cr\$ 100.000,00. Antes, a diretoria da nossa principal associação carreirista ofereceu ao governador da cidade um banquete, nas dependências do Hipódromo da Gávea, ao qual compareceram inúmeros convivas e sócios do Jockey Club, ocasião essa em que foi oferecido a s.s. um título de sócio efetivo da aristocrática associação turfista. Em nome do Jockey Club falou o seu presidente, sr. João Borges Filho, saudando o homenageado, tendo este agradecido. A linda festa foi encerrada com a realização da prova de honra já referida, ganha em belo estilo pelo cavalo Saravan, pilotado por Luiz Rigoni.

A homenagem prestada pelo Jockey Club ao prefeito Mendes de Moraes foi motivo para que a reunião do dia 31 de outubro decorresse em um ambiente de invulgar animação, vivendo o encantador hipódromo uma das suas tardes de gala, com a presença dos elementos mais destacados dos nossos meios sociais, que cercaram o ilustre homenageado das maiores demonstrações de aprêzo e estima. O general Mendes de Moraes, trazendo um elegante fraque, mostrava-se vivamente emocionado com o ambiente de simpatia que o rodeava, chegando e retirando-se do Hipódromo da Gávea sob aplausos gerais.

A. M.

★

No alto da página: Aspecto do banquete oferecido ao prefeito Mendes de Moraes, vendo-se o homenageado, tendo à esquerda o sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club. AO CENTRO: A chegada do "Grande Prêmio Ângelo Mendes de Moraes, vencido pelo cavalo Saravan. EM BAIXO: Outro flagrante do grande banquete



O prefeito Angelo Mendes de Moraes, ladeado pelo presidente do Jockey Clube e pela sra. João Borges Filho, num momento da elegante reunião

HOMENAGEM AO PREFEITO ANGELO MENDES DE MORAIS

EM BAIXO, à esquerda: O sr. João Borges Filho discursa oferecendo a homenagem, a que agradece o general Mendes de Moraes (foto à direita)





BOM HUMOR



A TROCA

A Tê por louco já passei na vida. Não é o fato de ser incompreendido ou alimentar idéias extravagantes, contrárias aos pontos de vista comuns, que me arrastaram a isso, incompatíveis com a sociedade. Esta é bem benevolente até, dentro dos seus limites. As circunstâncias é que nos arrastam ao precipício. Um engano, o menor deslize, às vezes, são suficientes para a desventura, momentos terríveis, verdadeiramente alucinantes, como passei, quando me arrancaram da prisão. Prêso, por que?... Nem sei bem por que. Não me ocorria a idéia de haver praticado algum crime. Crime por... Ia dizer amor, mas disso afasto todas as dúvidas que porventura possam existir. O meu temperamento não se coadunava com a maneira como as mulheres encaram o amor contemporâneo, com todos os requintes de sentimentalismo, a despeito da minha dolorosa timidez. Amor é amor. Eu não era o ídolo delas nem tinha tal veledade. Preferia o celibato do coração, embora sofresse muito. Ignoro, portanto, se promovi alguma desordem por causa de Eva.

Tudo, aliás, não teria a menor importância se não fosse o equívoco do comissário. E' preciso ser muito forte para suportar certos sofrimentos. Nem sei mesmo como posso contar isso. Há acontecimentos tão marcantes, na vida da gente, que nos causam mal-estar à menor lembrança. As vezes, quero crer ter sido apenas pesadelo, porém não dormi naquela noite. Noite de Idade Média! Aquelas sombras, perguntas e respostas, as grades... O meu pensamento girava em torno dos fatos antecedentes, procurando uma agulha. Os guardas chegaram. Pensei que fosse ser pôsto em liberdade, mas a esperança foi logo desfeita. Os policiais escoltaram-me, primeiro, até a presença do plantonista. Entramos no gabinete. Eles, então, os meus guias, falaram:

— E' este, "seu" comissário?...

A resposta foi imediata:

— E'. Podem levá-lo.

E nada mais. Enquanto isso, no xadrez vizinho ao meu ficava o homem que eu estava substituindo eventualmente, naquela viagem, e só depois vim a saber quem era. Coitado! O percurso, longo, não me causou tanta estranheza, pois não via nada que se passava fora do carro de segurança, nem caminhos, nem ruas, sentindo apenas a trepidação do veículo. A minha imaginação era que desandava. Para onde me estavam conduzindo, se não era nenhum sentenciado, que merecesse detenção?!... Ao chegarmos, o auto fez ligeira parada, depois entrou por um portão de ferro e parou. O motor cessou de trabalhar. Os guardas abriram as portas e me tiraram de dentro. Estávamos diante de um casarão velho. Por um passeio comprido, separando jardins maltratados, árvores, ia-se ter à porta de entrada, de onde chegavam, até nós, esturros tremendos, ora berros, ora gritos horrorosos. Ao nosso

encontro veio um homem gordo, atarracado. Outro guarda, que eu não havia visto, entregou-lhe um ofício. O homem gordo, sem dúvida zelador, encarou-me com um sorriso:

— Como é o seu nome? — perguntou.

— José Lúcio de Menezes.

— Como?

— José Lúcio de Menezes — repeti.

— E' engano seu.

— Engano! Então vou-me enganar com o meu nome! Só se fosse um energúmeno.

O homem olhou para os guardas, comentando:

— Viram?... Todos são assim. As vezes, aparentam calma e são furiosos. E' preciso, por isso, experimentá-los, a fim de separá-los dos mansos.

Os policiais entreolharam-se, atentos em mim. Um cheiro de eucaliptos vinha do arvoredo. Reflexos do luar projetavam sombras de folhagem. Os esturros continuavam nas jaulas.

— Mas, afinal, — falei, — que querem os senhores de mim?...

— Ora, que querem os senhores de mim... — respondeu o meu interlocutor. — Diga o seu nome direitinho.

Aquilo me irritou:

— Eu já disse. Deve haver algum engano.

— Há, sim. Você não é Napoleão?... Não é Ramsés III?... Fale.

Houve silêncio.

Ele confabulou qualquer coisa com um dos guardas, ordenando em seguida:

— Vamos.

Fomos. Mas quando chegamos diante da cela dos loucos furiosos, vi o inevitável. Não adiantavam explicações. Era onde iam pôr-me. Pensei mesmo que já nem estivesse no juízo perfeito. Por isso digo: nenhuma emoção violenta se apodera mais de mim. Que tristeza!... Os esgares, os mistérios da doença insondável, e nenhuma luz baixava sobre a cabeça daqueles homens sãos, como eu, que queriam sacrificar-me à força, nada mais poderia acontecer, naquele momento, para mostrar o engano, a troca de um louco por um prêso correccional! Vali-me, então, da força bruta, forte como era e espadaúdo, lutando como verdadeiro louco, quando quiseram agarrar-me, para me despirem, mas inutilmente. Eles me abateram logo. E o maldito zelador saiu triunfante, comentando com os guardas:

— Viram?... E' sempre assim. Muitos até são calmos, só na aparência. Falam difícil... Eu já estou acostumado com isso.

E os guardas riam.

F. PEREIRA

É um fato curioso que os maiores escritores, homens que sabem falar com tanta eloquência sobre os outros, são em geral reticentes sobre a sua própria pessoa. Conheçamos pouco da vida de Rabelais como pouco sabemos da de Shakespeare. Ambos estiveram tão atarefados em escrever seus pensamentos que se esqueceram de nos falar de suas pessoas. A história da vida de Rabelais pode ser contada em poucas centenas de palavras.

François Rabelais dava sua rudeza franca e saudável ao sangue camponês que corria em suas veias. Seus antepassados mais próximos tinham passado da condição de camponeses para a de burgueses. Seu pai, Antoine Rabelais, era um abastado proprietário de terras e advogado em Chinon, a cidade na qual Joana D'Arc iniciara sua memorável carreira meio século antes. François nasceu em 1493. Sua infância e sua adolescência permaneceram até hoje na obscuridade. Só aos vinte e seis anos temos notícia de Rabelais, "uma figura de homem alto, belo, jovial, muito simpático, com uma testa ampla, os ossos da face proeminentes e fortes e olhos magníficos". Sua cultura é espantosa. "É difícil que outra cabeça daquela época tenha sido um tão vasto repositório de informações". Não se sabe onde fez seus estudos. Sabe-se, entretanto, que em 1520 entrou para a Ordem de São Francisco, no convento de Puy-St. Martin.

Ninguém sabe a razão que o levou a isso já que sua natureza amante do convívio social parecia tão inadequada à vida de humildade e pobreza que levavam os frades franciscanos. Talvez ele tenha dado esse passo para ser agradável a alguns dos seus amigos que, antes dele, tinham entrado para a mesma ordem religiosa. A amizade era uma das grandes paixões de sua vida. Rabelais sentia grande prazer em proporcionar alegria aos outros.

Além disso, a vida num mosteiro, para um homem de cultura, não deixava de oferecer suas compensações. Oferecia-lhe o tempo necessário ao estudo e ao trabalho de escritor e removia de seus ombros o peso das preocupações financeiras. E se ele fosse estudioso e, ao mesmo tempo, gostasse de aventuras, a Igreja dava-lhe possibilidades de viajar quer como missionário quer como agente de seus negócios seculares.

Em resumo, o cênobio não era um lugar completamente impróprio para um homem que amava o estudo e também a vida. As obrigações rotineiras da vida monástica não eram nem muito demoradas nem tinham horário muito rigoroso. No convento de Puy-St. Martin, Rabelais pôde entreter suas tendências literárias segundo seus desejos. A cidade de Fontenay, onde estava situada a casa monástica, tornara-se o centro de um círculo intelectual de humanistas — isto é, homens que procuravam aplicar "a sublime cultura do passado às necessidades humanas do presente". Inspirados por seu patrono espiritual Desiderio Erasmo, reuniam-se no jardim de magistrado André Tiraqueau, onde bebiam seu vinho à sombra dos loureiros e discutiam poesia e política, música e religião, arte e metafísica, moral e leis.

Rabelais entrou para o círculo e, embora jovem, foi logo aclamado seu chefe intelectual. No momento uma tempestade de controvérsias agitava violentamente a superfície tranquila de suas desprezíveis discussões. A principal dessas disputas era o problema da mulher e do casamento. Tiraqueau, que casara com uma menina de 11 anos, havia escrito para orientá-la um livro sobre os deveres da mulher para com o marido. Considerava todas as mulheres como crianças irresponsáveis e como tais as tratava. Seu livro, simpático aos conservadores que insistiam em conservar as mulheres em "seu devido lugar", fora entusiasticamente recebido e tivera grande saída. Tiraqueau foi aclamado como o maior antifeminista do seu tempo.

Mas no círculo literário de Fontenay havia certo número de jovens que discordavam vigorosamente dos pontos de vista de Tiraqueau. Um destes jovens "rebeldes" publicou um livro no qual esposou a causa do sexo "um tanto mais fraco, mas muito mais fascinante". Diante disto, o encolerizado Tiraqueau lançou outro livro ainda maior que o primeiro — um manual sobre os deveres da mulher e os privilégios do homem. A mulher deve obedecer sempre ao marido e o homem nunca deve ceder com a esposa. "Nenhum homem", dizia ele, "deve jamais casar-se com uma mulher que seja ou muito pouco atraente ou bonita de mais. Se ela é completamente despitada de atrativos, não é provável que agrade a seu marido. Se é bonita de mais, poderá agradar a outros maridos. Não permitas que tua esposa se considere tua igual. Por outro lado, não permitas que tua igual se transforme em tua esposa. Conserva sempre tua esposa a uma distância discreta — nem muito perto para te enfeitar nem muito longe que vá enfeitar outros homens. Trata-a sempre com uma bondosa severidade. Alimenta-a com um regime escasso de carícias, de vez em quando temperado com ameaças".

Quando este livro surgiu, travou-se no círculo intelectual de Fontenay um animado bate-bóia. Todos tomaram suas posições. E, o que é muito estranho, Rabelais tomou o partido do conservador Tiraqueau. Embora não estivesse impressionado pelos argumentos do magistrado, estava sempre disposto a dirigir as setas de sua sátira contra as loucuras do belo sexo. Ele não tinha grandes simpatias pelas mulheres — como classe.

Nem pelos homens como classe — embora gostasse deles como indivíduos. Sentia um desprezo amigável pela "estúpida e malévola" família humana. Sentia pena de "seus desprezíveis irmãos", ria-se com eles, estudava-os e depois pintava-os para a vida em seus *Pantagruel* e *Gargantua*. Os advogados, médicos, comerciantes, artistas, acadêmicos e todos aqueles profissionais e homens de negócios que Rabelais encontrava no jardim de Tiraqueau tornaram-se modelos para os numerosos e inimitáveis personagens de suas obras. Com uma facilidade só igualada por Shakespeare, ele metia-se sob a pele dos seus personagens e pesquisava-os até o mais íntimo. Conhecia todas as espécies de tipos das mais variadas situações na vida. Tinha aprendido os costumes dos camponeses em Chinon. Falava seu dialeto, analisava suas emoções, compreendia seus pensamentos. Tinha um conhecimento íntimo da vida dos franciscanos. Sua familiaridade com os magistrados em Fontenay tinha-lhe dado uma base prática para seus

(FRANÇOIS RABELAIS — 1495-1553)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

Fez uma viagem à Itália. Para um homem de imaginação viva como a dele, esta viagem foi como uma excursão ao reino das fadas. Roma, aquela estimulante combinação de beleza pagã e santidade cristã, era uma cidade de mil encantos. Com sua habitual exuberância de linguagem, Rabelais chamou-a "a capital do mundo". No curto período que passou na cidade, conheceu-a tão intimamente como se nela tivesse vivido sempre. "Nenhum homem conhece tão bem a sua casa", escreveu ele após seu regresso à Itália, "como eu conheço Roma, com suas ruas e becos".

Em companhia de seu abade, Rabelais viajou por vários outros países europeus, e onde quer que fosse, tomava a si a tarefa de estudar o povo e seus princípios em suas várias "atitudes, atividades e temperamentos". Tinha oportunidade de observá-los na paz e na guerra. Porque naquela época, como sempre aconteceu na história da humanidade, os agressores tentavam despojar os possuidores. Os reis da França e da Espanha estavam devastando as províncias do norte da Itália; o sultão da Turquia cercava Viena; os soldados germânicos estavam esmagando Roma. E assim por diante, num contínuo redemoinho de loucura e assassinio. Rabelais observou este vergonhoso espetáculo da desumanidade do homem para com seu semelhante e resolveu atacá-lo com uma gargalhada em vez de fazê-lo com a ira. No trigésimo terceiro capítulo de *Pantagruel*, ele desmascara a estupidez da guerra de agressão reduzindo-a a uma caricatura. O duque Pierochole está ansioso por ampliar sua glória e encher sua bolsa. Acredita na ridícula idéia de que um país só pode ser próspero a expensas de outras nações. Daí, planeja atacar os vizinhos, sendo suas forças comandadas por seus três companheiros no crime: Sir Smalltrash, o conde Swashbuckle e Lord Lousylockst. Convoca os três generais a uma reunião, e juntos traçam o esboço de uma campanha que se destina a cobrir o seu país de glória e o país vizinho de cadáveres. "Mas estava presente à reunião do conselho um senhor idoso que tinha grande experiência de guerras, chamado Echephron. Este, ouvindo os planos para a campanha, disse: 'Suspeito que toda esta empresa tenha bastante semelhança com a história do sapateiro que se orgulhava muito do cântaro cheio de leite que possuía; mas quando o cântaro se partiu, o sapateiro ficou sem ter o que jantar... Que pretendeis com estas grandes conquistas? Conseguireis apenas quebrar o vosso cântaro...'. 'Oh! Que simplório!', disse o conde Swashbuckle. 'Vinde, vamos meter-nos num canto do fogo e passar aí a nossa vida, em companhia das senhoras, fazendo crochê, tricô e ensartando pérolas. Quem não arrisca não petisca...'. 'Mas quem arrisca de mais — retorquiu Echephron — 'não petisca coisa alguma e perde o que quer e o que tem'".

Eis aqui em poucas palavras toda a idéia do militarismo agressivo. Rabelais sabia, como o sabe em qualquer época todo homem avisado, que para o agressor não existe esta coisa chamada vitória final — que suas vitórias iniciais são apenas um prelúdio à sua derrota definitiva.

Rabelais, porém, não estava profundamente preocupado com a questão da guerra e da paz. Na realidade não estava profundamente interessado em nenhuma questão política e social. Ele foi essencialmente um humorista e não um satírico. Sentia-se muito feliz, dizia, quando podia "sentar-se, descansar e divertir-se" com a comédia humana aparentemente destituída de significado. Estava sempre na melhor das disposições de espírito. O grunhido do misantropo nunca se fez ouvir em meio à sua risada. Sua digestão era demasiado saudável para que ele se fosse indignar com a estupidez dos seus semelhantes. Seu modo de apreciar a vida foi sempre impessoal. Ele parecia ser uma criatura superior enviada de algum outro planeta à terra para, de volta, trazer consigo um relatório sobre a farsa divertida que estava sendo representada no palco do mundo.

Como insaciável repórter da vida, procurava sempre observá-la de um ângulo novo. Terminados os seus compromissos como monge beneditino, pôs-se a estudar medicina. Tinha trinta e dois anos de idade quando iniciou seus estudos na Universidade de Montpellier. Três anos mais tarde recebeu seu diploma de médico, e daí para a frente entregou-se à execução da tarefa importante de sua vida: curar as moléstias humanas com remédios e risos. Começou a escrever suas receitas e seu *Pantagruel*. E cinco anos mais tarde entregou ao público com um pseudônimo — sua obra-prima.

II

A história de *Pantagruel* não cabe em nenhuma das classificações usuais. É uma espantosa mixórdia de loucura e moral, grosseria e beleza, irreverência e devoção, asneira metafísica e sabedoria filosófica, patricio absurdo e grandeza poética. É tão sem enredo como a vida é, como ela, cheia de surpresas. Através de todo o livro surgem mudanças bruscas de idéias e de estilo que somente Deus e Rabelais poderiam ter concebido. O autor vos leva por uma estrada amena e, de repente, vos encontrais diante de uma montanha intransponível. Enquanto vos detendes, surpreso e desapontado com o embuste, ele perfura um túnel na montanha e vos leva de roldão por cavernas de subterrânea beleza tal como nunca háveis imaginado nem ainda em sonhos. Nisto, ao saídes do túnel para a luz, ele vos submerge num dilúvio de sujeira que quase vos sufoca. Estais a ponto de deixá-lo, enojado, quando ele vos purifica e revigora com um banho mágico de orvalho matutino e, assim, estais prontos para continuar em sua companhia e apreciar o encanto da paisagem seguinte. Tal é a sensação, ou melhor, a sucessão de efeitos, que Rabelais produz na mente do seu leitor. Ele é o Proteu do mundo literário, o mágico capaz de um milhão de atitudes e fantasias. (Cont. na pág. 45)



RABELAIS

Noz Bastidores Femininos



Joan Fontaine, da Universal-International, exhibe um deslumbrante vestido em brocado. Diadema de pérolas

UMA SÓ VEZ NA VIDA... Chegou o seu dia sonhado... Hoje, enfim, você se unirá para sempre ao homem amado. Pela primeira e pela última vez em sua vida, você vestirá o vestido de noiva... Quantos sonhos e quantas e quantas ilusões vão dentro dele! "O lar mais feliz do mundo!" No entanto, saberá você como deverá agir afim de realizar todos esses sonhos e todas essas ilusões? Já pensou em como irá viver depois desse grande dia? Já imaginou que não basta que duas pessoas se gostem para que tudo corra bem? Alguém já lhe terá dito que você deverá empregar toda a sua inteligência, todo o seu tato, a fim de evitar um fracasso? Já lhe disseram também que a lua de mel não começa no dia imediato ao seu casamento, mas só depois de passado esse primeiro período — o período de adaptação que varia de um mês a um ano? E sabe você que dentro desse período você poderá construir ou destruir a sua felicidade? Sabe ainda que essa felicidade está em grande parte, nas suas próprias mãos? A verdade é realmente essa: da mulher depende, quase que exclusivamente, o sucesso de um casamento. É óbvio que lhe será difícil converter um demônio num anjo, mas, desde que se case com um homem

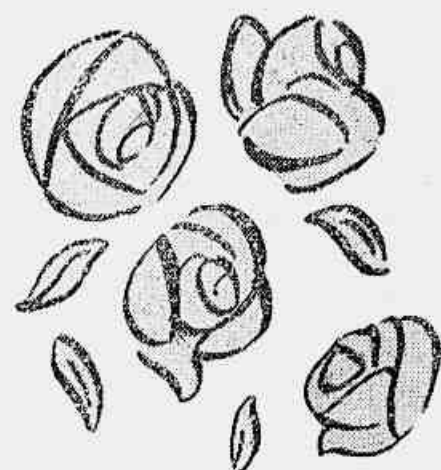
normal, a responsabilidade desse sucesso está quase que totalmente sobre os seus ombros. Seu primeiro passo será viver dentro do nível de vida e do ambiente que o esposo lhe possa proporcionar. Deverá também traçar um programa que lhe permita trazer a casa sempre em ordem, limpa e agradável, quer tenha ou não empregadas. Deverá procurar compreender o esposo e desculpar pequeninas faltas ou pequenos esquecimentos que possam, a princípio, ferir a sua suscetibilidade. Deverá evitar discussões quer existam ou não pretextos para isso. Não tentará dominar o esposo; nem controlará todos os seus passos; não fará cenas de ciúmes; não lamentará — no meio de uma discussão — não haver casado com um outro que talvez a compreendesse melhor. Não esperará que ele a trate como a uma criança mimada e nem exigirá que faça sacrifícios para satisfazer os seus caprichos. Não "flirtará" com os outros homens a fim de provocar os ciúmes do marido; não negligenciará na sua aparência; não criticará a sua família; não "inventará" doenças para merecer os seus cuidados. Procurará, enfim, ser sempre, além de esposa, amiga e companheira, compreensiva e agradável, sempre disposta a fazer-lhe companhia "na alegria ou na tristeza".

O. B.

Lindíssimo modelo todo em renda, jaqueta curta com pequena "basque". Touca de renda



Em pesado crepe; drapeado sobre os ombros formando decote. Banda torcida sobre os quadris



Corpo longo drapeado sobre os quadris. Frente bordada a pérolas. Cauda muito longa

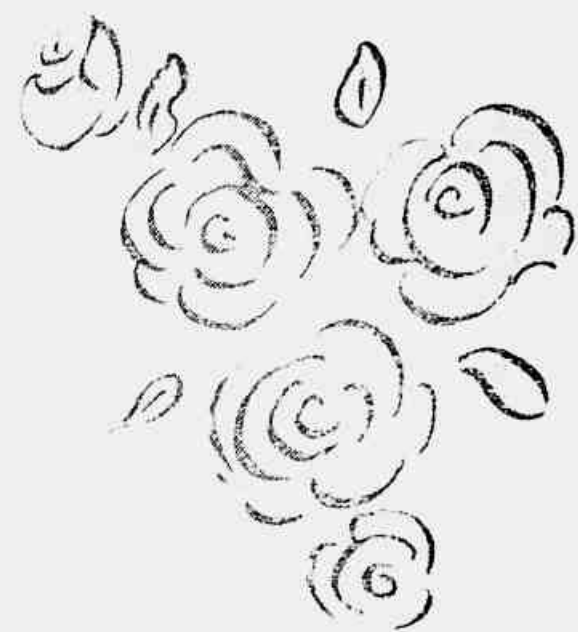
Uma recordação que durará para sempre... Um "quê" de romântico que jamais será esquecido... Há nestes modelos selecionados para as noivas de Dezembro, um toque de beleza e de poesia que realçam ainda mais o brilho da felicidade.

MODELOS

Romântico



Em cetim e renda. Botões de pérolas e pérolas também salpicadas sobre a renda. Ramo de flores em "lamé" prateado caem sobre os quadris



Maravilhoso este modelo em tafetá. Decote amplo forma com babados em renda, cintura justa, mangas compridas. Saia bem farta também ornada com renda

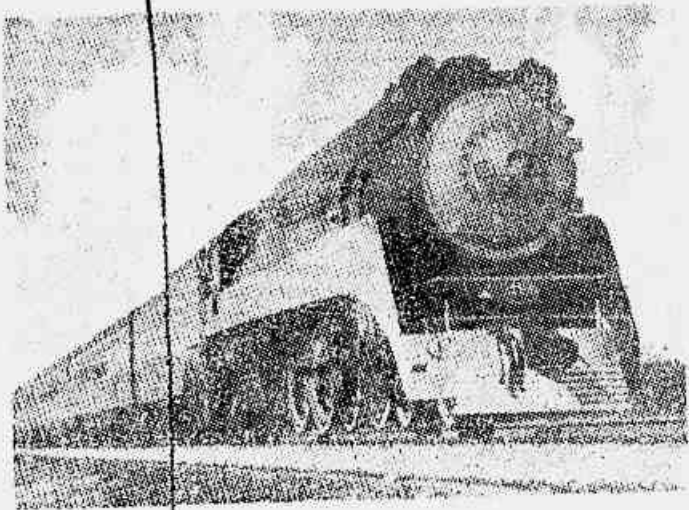
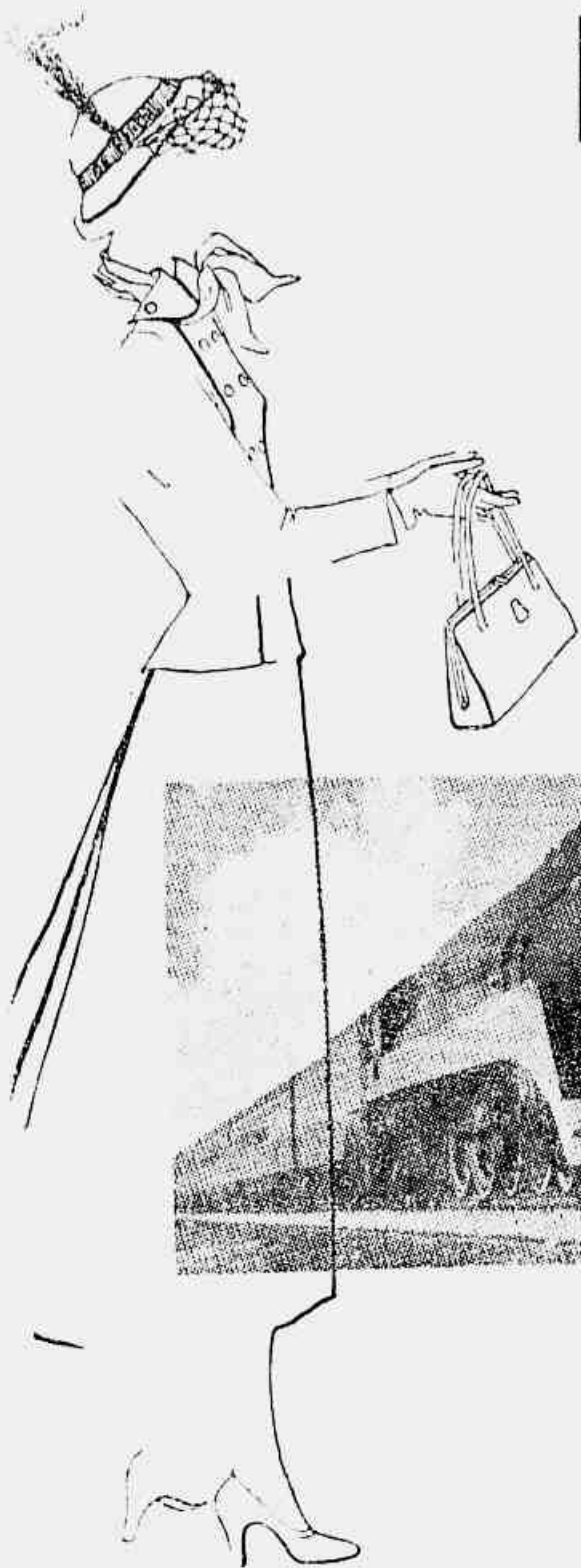


MODELOS

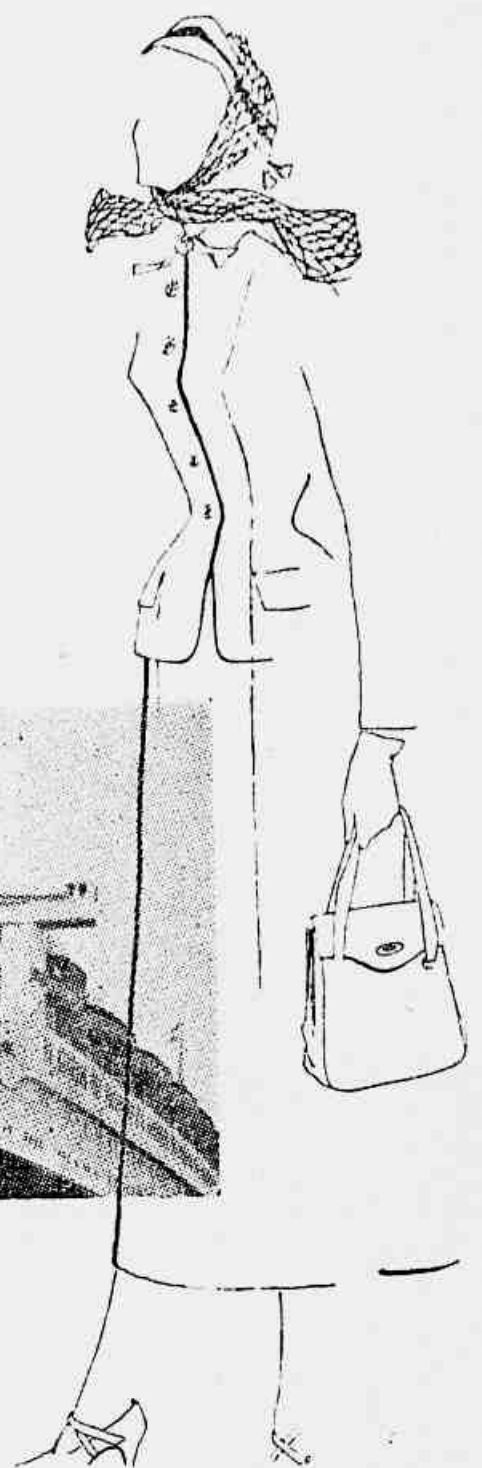
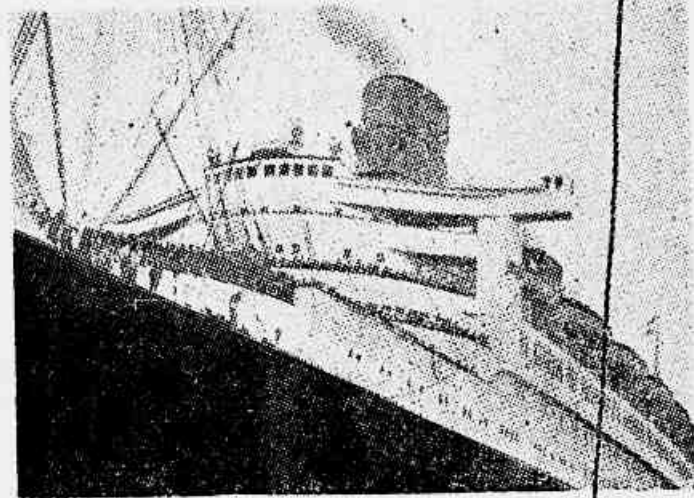
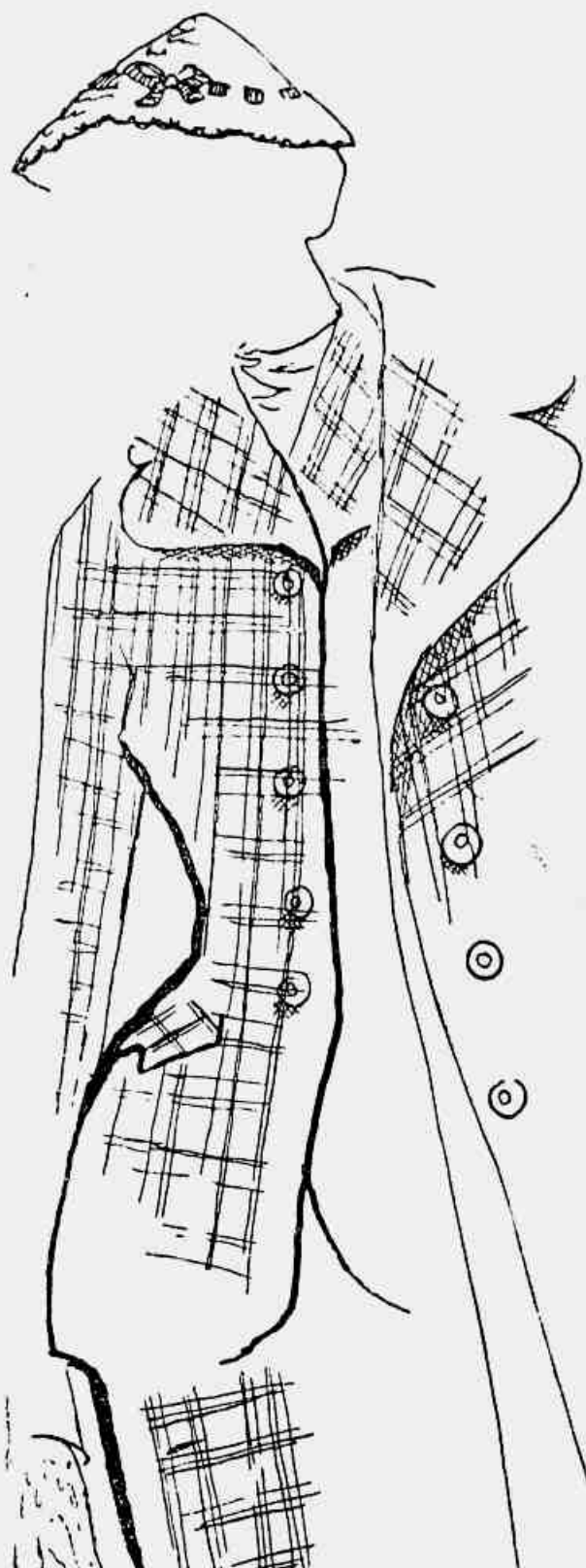
Romanticos



PARA A VIAGEM DE NÚPCIAS



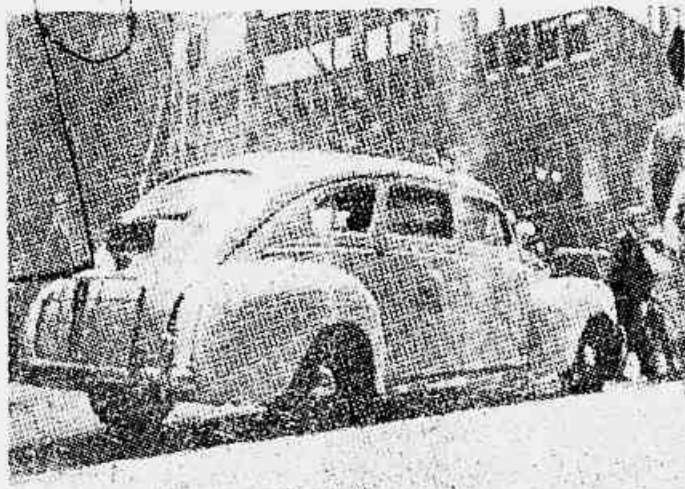
1 Se você vai viajar de trem, deverá usar um traje que tanto se adapte à viagem propriamente dita e à sua chegada ao local para onde se dirige. O traje ideal será um "tailleur" não muito esportivo completado com um chapéu "cloche"



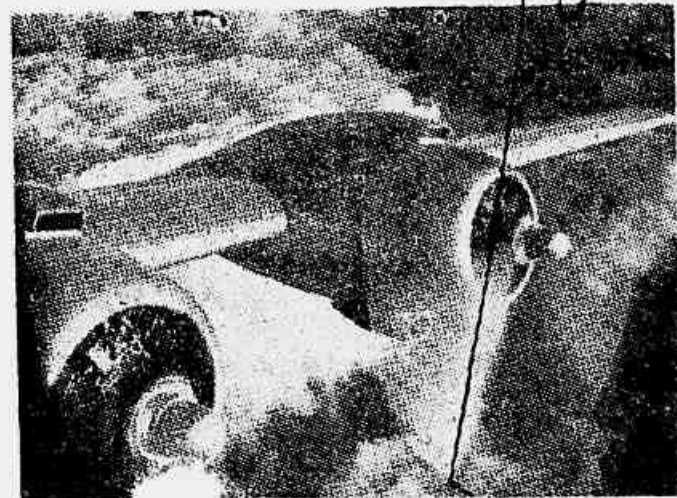
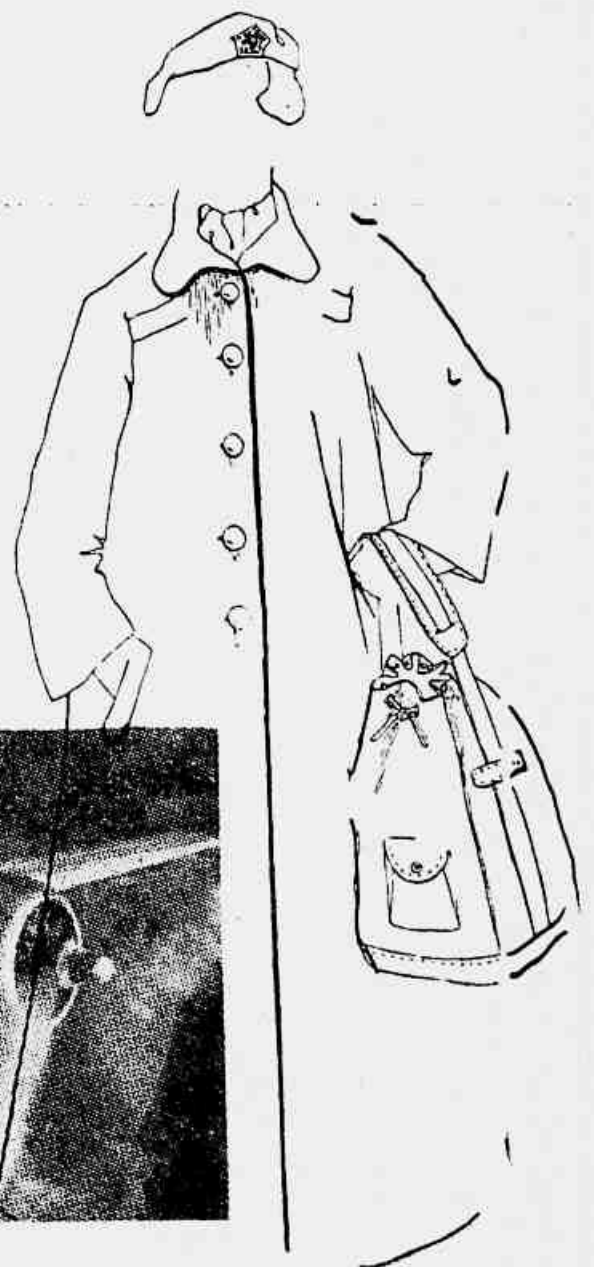
2 Indo por mar você estará elegantíssima neste "duas-peças" em gabardine, e um chapéuzinho de palha graciosamente amarrada sob o queixo



3 Se vai de carro, no seu próprio carro, precisará então de coisa mais confortável e prática como este "tailleur" em tecido quadriculado e blusa em tom unido



4 Finalmente, se você pretende viajar em ônibus ou carro de qualquer empresa, dê preferência a este casaco leve, em dois tons, que conservará a sua elegância cidadã



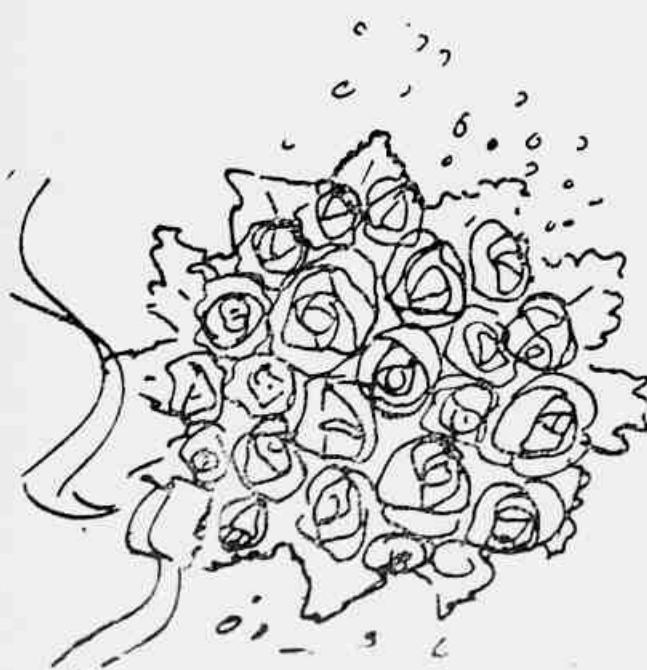
5 Para uma viagem aérea, você precisará deste casaco de linhas amplas que protegerá o seu vestido. O "beret" substitui o chapéu. Grande bolsa de lona ou camurça



EM

Cetim

Notável este modelo em cetim
branco pérola. Decote amplo em
"mousseline", com incrustações
trabalhadas no próprio cetim.
Corpo terminando em "V"





Neste modelo elegantíssimo a gola é formada por pétalas recortadas do mesmo cetim. O corpo é bem justo e a saia com calda ampla

P

ELO seu brilho, pela sua "queda", o cetim é um dos tecidos preferidos pelas noivas para os vestidos do "grande dia". Alguns dos modelos aqui sugeridos são guarnecidos de rendas e de bordados, o que os torna ainda mais encantadores.

Em cetim, corpete justo terminando em "V". Saia franzida, armada com anquinhas. Barra de renda em toda a volta do decote e na saia





EM

Estim

A ESQUERDA — Gola original formada por três babados enfiados e acromados ao alto por guirlanda de folhas do lado forro. A DIREITA — Neste modelo, o cetim é combinado com o bordado inglês que forma a gola

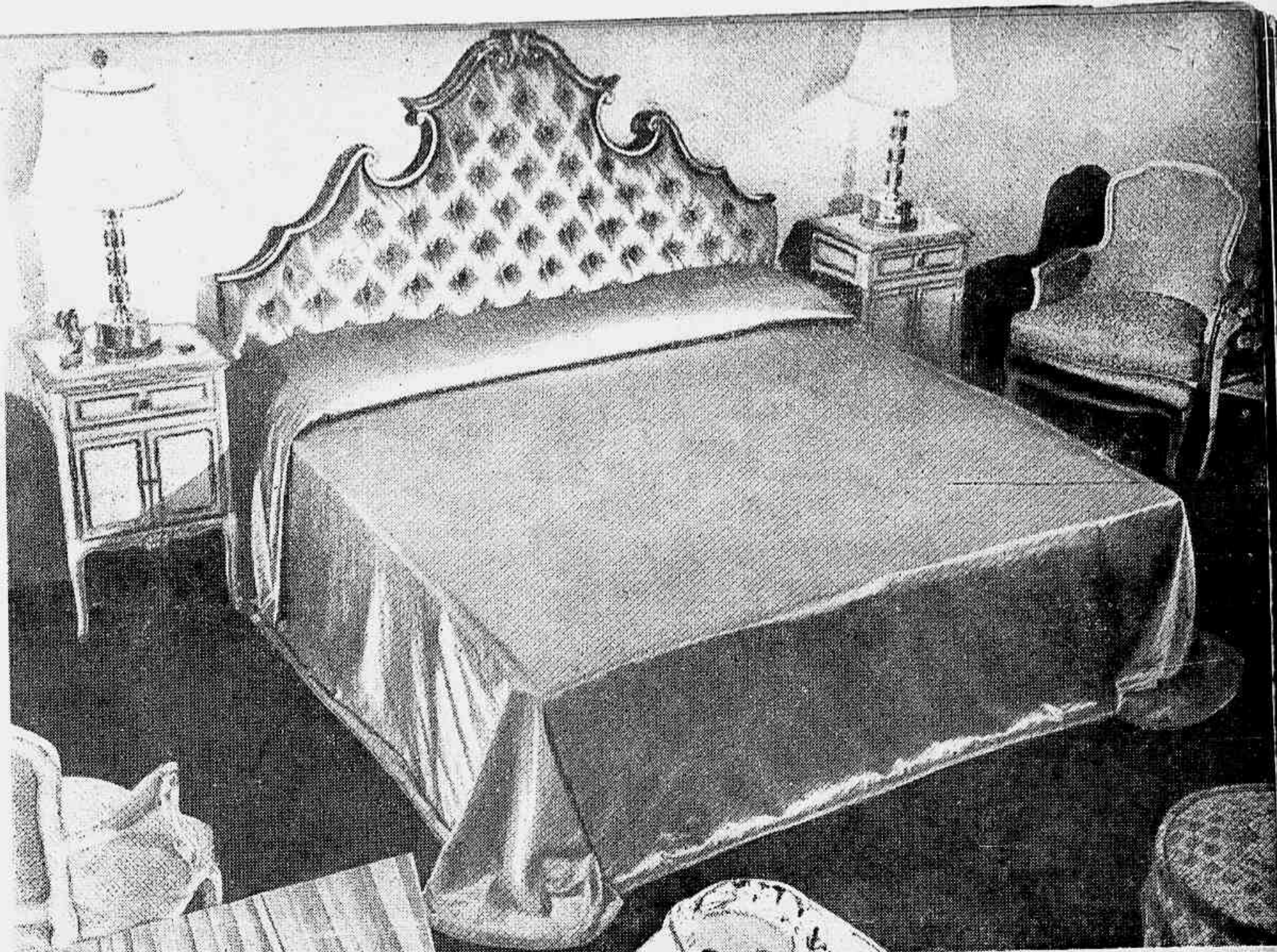
★

Também neste modelo se destaca uma pala de "mousseline" com incrustações de cetim. A garnição para a cabeça lembra um príncipe medieval



A PRESENTAMOS nesta página
duas lindas sugestões para in-
teriores do seu quarto de noiva.

Em cima — Cama trabalhada em "capitonet"; colcha em cetim damasco liso. **Em baixo** — Outra sugestão: cama também em "capitonet", cetim de tom liso; a colcha em cetim estampado. Esta é uma sugestão mais suntuosa, porém ambas são elegantes e distintas.



Interiores



A FESTA NACIONAL

COMEMORANDO a 4 de corrente, o Dia Nacional da Itália, o ex-cônsul e embaixador do grande país latino e senhora Martini abriram os salões do solar em que residem no aprazível bairro das Laranjeiras, oferecendo à alta sociedade carioca e às representações diplomáticas acreditadas no Rio de Janeiro, uma recepção que se revestiu daquele "esprit de finesse" que sempre caracterizou o elevado grau de beleza social das representações diplomáticas da Itália em nosso país.

A bela festa afluía o nosso escal social, tendo o ex-cônsul e a embaixatriz se regozijando em proporcionar a todos os que foram levar à grande nação italiana as demonstrações de sua solidariedade uma noite de rara hospitalidade social, cuja magnificência jamais se esquecerá.

O acontecimento não somente nos trouxe ao es-

pírito o desejo e o de a delegado italiano no il os transcurso da data nacional ainda reviveu o ant clin fraternidade que se exis a Itália e que haviam o pe conflagração.

Agora, porém, quando a Itália de nação democrática um tinos humanos, a região q xador da pátria de (ur fo Janeiro aquele anti splen durava as relações is, p entre os dois povos os.

Uma data italiana mag vembro tem o fascio e re sileira com o mesm tusio



CIONAL DA ITÁLIA

o e o de apresentar ao máximo
ano no os nossos parabens pelo
a data onal de seu país, como
a o climá de convivência e
que se existiu entre o Brasil e
haviam perturbados pela última

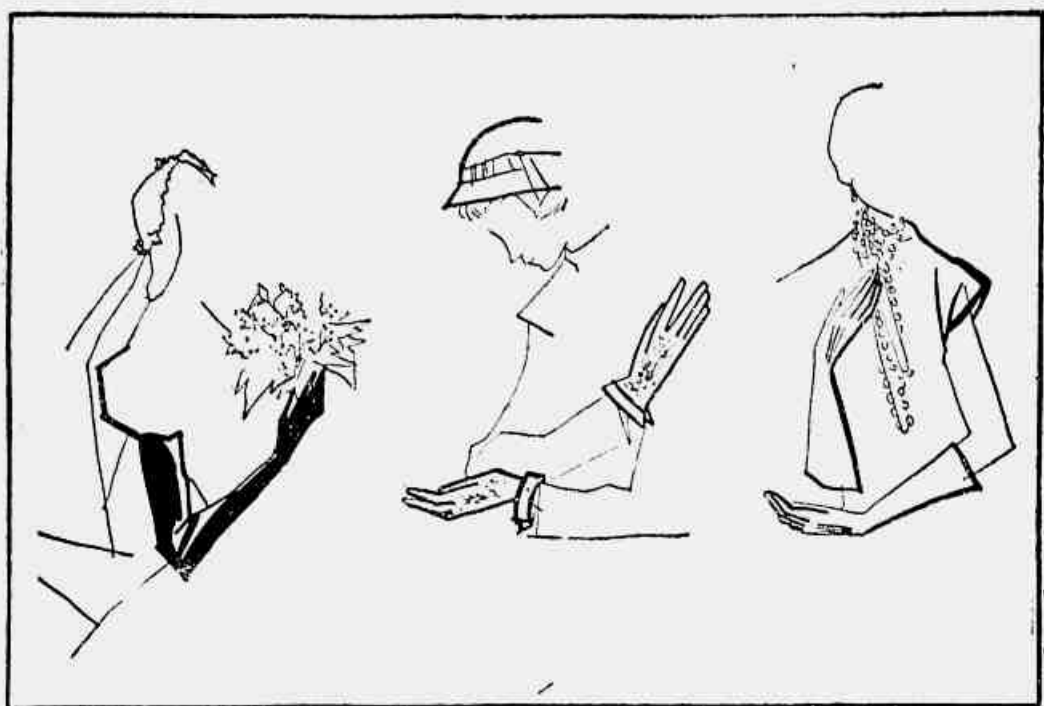
ém, qu a Itália retoma seu pôsto
mocrático um dos lueiros dos des-
s, a reão que ofereceu o embai-
ria de Cur faz ressurgir no Rio de
le antispendor que tanto emol-
lações is, políticas e de amizade
povos os.
magnitude da de 4 de no-
o fascie reperautir na alma bra-
mes entusiasmo com que os pa-

trícios de Garibaldi sentem no peito os estos de
felicidade de que se ufanam os brasileiros com o
seu Sete de Setembro.

Muito felizes foram, pois, todos aqueles que ti-
veram a ventura de partilhar das alegrias do sr.
embaixador da Itália e madame Martini na grande
data nacional italiana, sendo como foram tão dis-
tinguidos pelo casal que sabe honrar as tradições
de urbanidade e de elevada civilização de sua
imortal Itália.

Nossos povos se nutrem dessas permutas sociais,
especialmente quando se reúnem sob os altos de-
sígnios de eventos de tão grande significação e
sob os auspícios de um cavalheiro da estirpe do
casal Martini, tendo ficado a sociedade carioca
sensibilizada e cativa pelas provas de cortesia e
finura social de que foi alvo na memorável noite.





"DO TROUSSEAU"

Um dos grandes problemas da noiva, é saber qual a quantidade de cousas que deve levar no seu enxoval. Vamos procurar ajudá-la com algumas sugestões:

"LINGERIE" — Mínimo, 6 jogos; 3 mais simples para o uso diário; 2 mais luxuosos, com rendas e bordados; 1 escuro para usar com roupas escuras

★

CAMISOLAS — Mínimo, 6; 3 mais simples; 2 em tecido mais caro e com rendas; 1 formando jôgo com liseuse

★

CINTAS — Mínimo, 3; 1 não muito justa para trajes esportivos; 1 justa para vestidos habillê; 1 inteira para os modelos de noite

★

ROBES — Mínimo, 4; 1, o mais belo que você possa ter; 1 fácil de ser usado e com o qual você possa receber as amigas mais íntimas; 2 simples para o uso diário

★

SAPATOS — Mínimo, 6 pares: 1 preto habillê; 1 preto simples; 2 esportivos; 1 branco habillê; 1 azul marinho, meio-térmo

★

MEIAS — Mínimo, 6 pares: 3 mais finas; 3 mais baratas

★

LUVAS — Mínimo, 6 pares: 3 curtas e esportivas; 2 semi-longas para a tarde; 1 longa para trajes de noite

★

VESTIDOS — Mínimo, 12: 4 esportivos; 1 preto habillê; 1 branco habillê; 4 meio-térmo; 2 para a noite

★

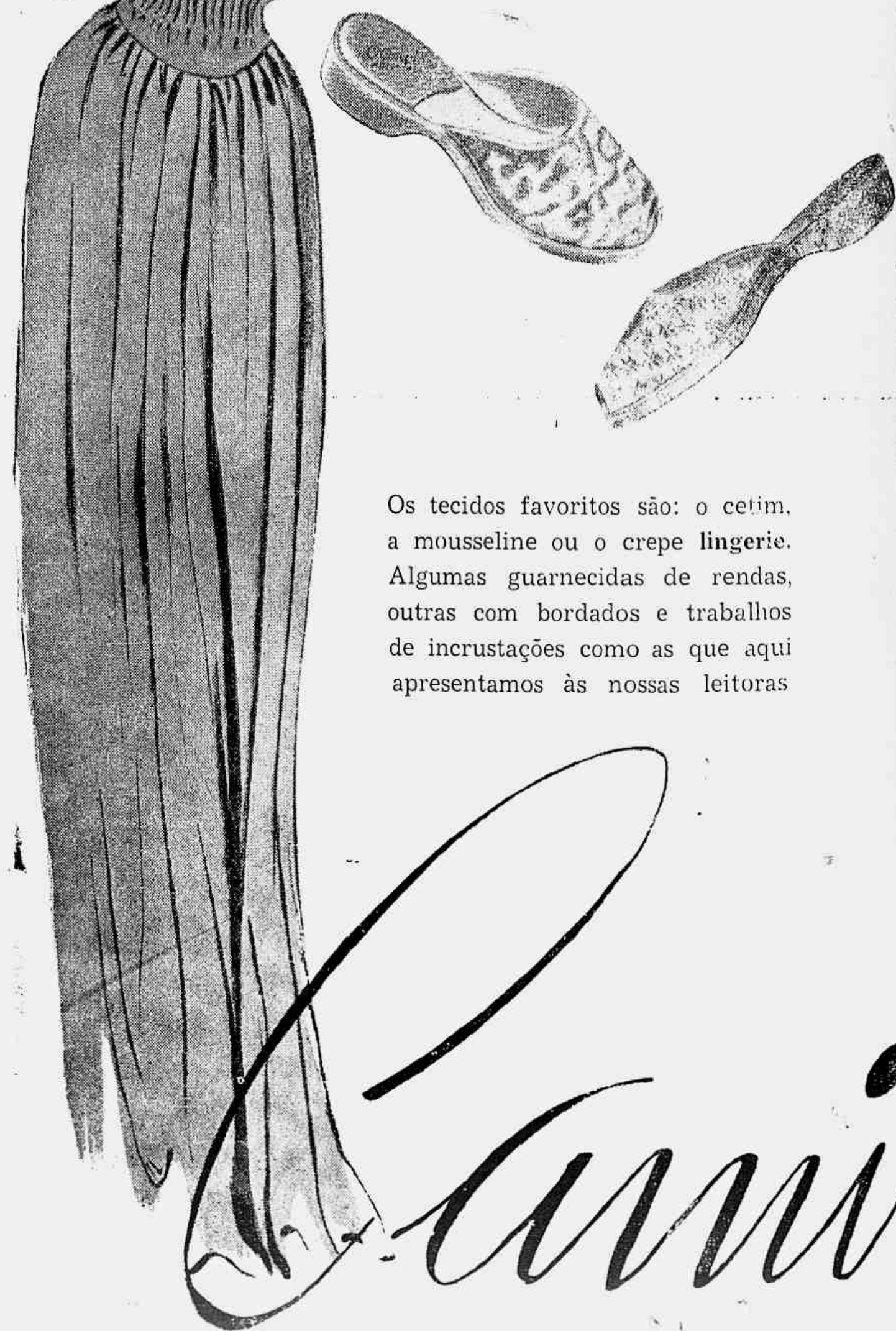
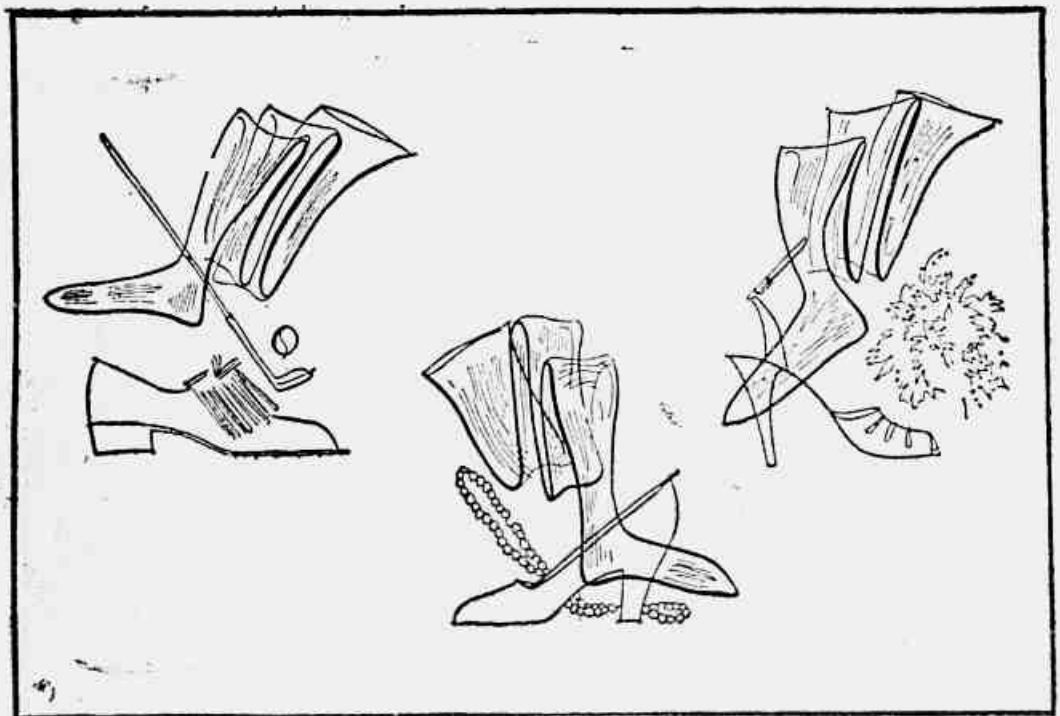
LENÇÕES — Mínimo, 6 jogos: 3 em linho bordado à mão; 3 em cretone com barras e ajours

★

TOALHAS — Mínimo, 6 jogos: 2 brancos com monogramas; 4 em cores

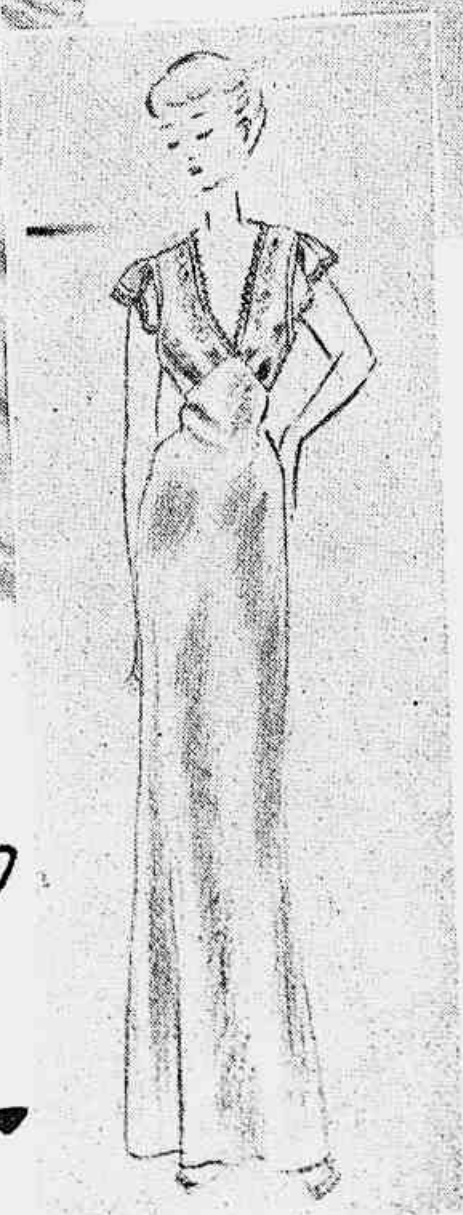
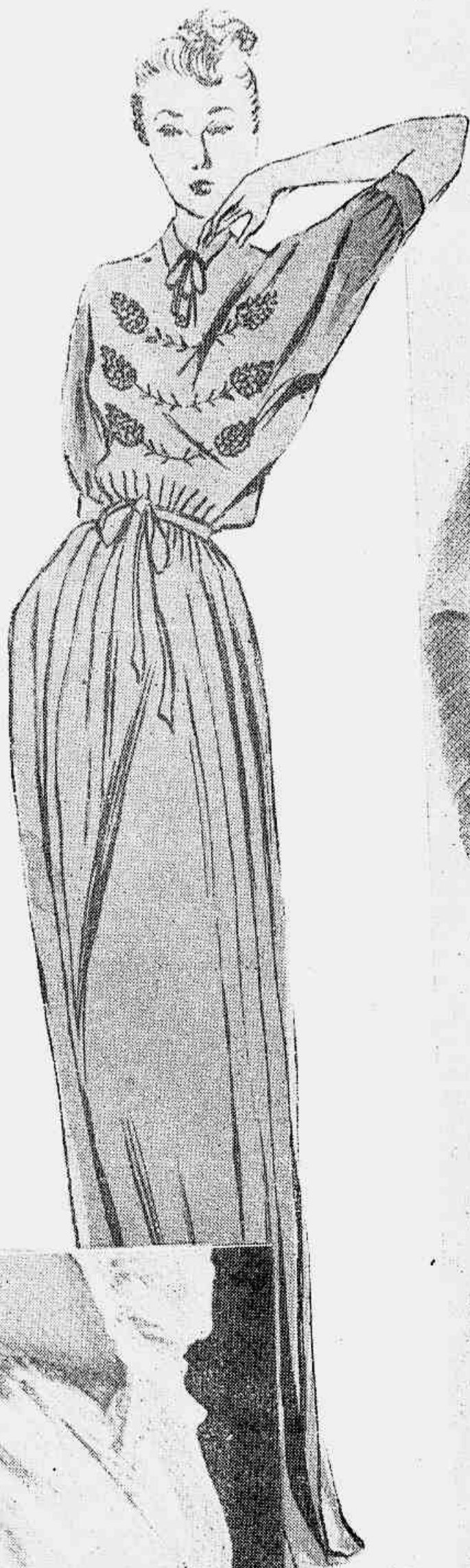
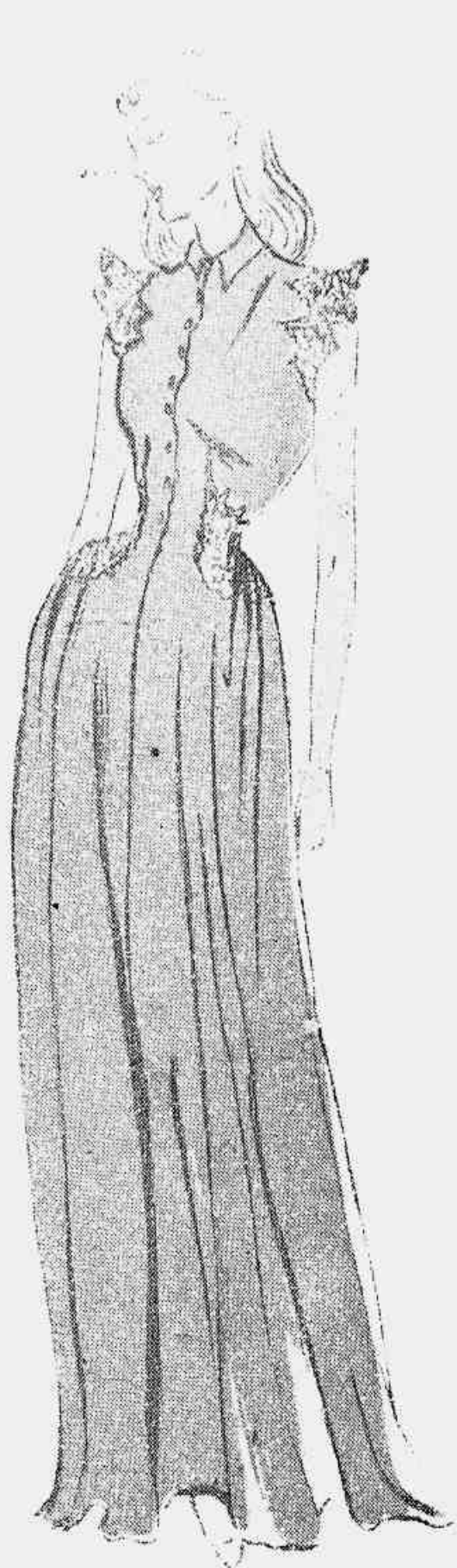
★

PARA A MESA — Mínimo, 6 jogos: 2 simples para o café da manhã; 2 serviços americanos para almoço e jantar; 1 toalha de linho bordada em cores; 1 toalha de linho branco bordada a branco



Os tecidos favoritos são: o cetim, a mousseline ou o crepe lingerie. Algumas guarnecidas de rendas, outras com bordados e trabalhos de incrustações como as que aqui apresentamos às nossas leitoras

Lumi



isolus



Por ANAMARIA CÉLIA

Sua filha vai casar...

Como todas as mães em idêntica situação, você está preocupada. E' um grande passo que sua filha vai dar

e que implicará na mudança total de sua vida. Pesa sobre os seus ombros uma tremenda responsabilidade; dos seus ensinamentos e dos seus exemplos dependem, em grande parte, a felicidade de sua filha. Tê-la-ia você preparado convenientemente para enfrentar a nova vida? Teriam sido bons os exemplos por ela colhidos em casa? Teria você compreendido realmente qual a tarefa da mulher na preservação de um lar e teria sabido ensiná-la à sua filha? O mal de muitas mães é julgar que educar uma filha para o lar consiste em ensinar-lhe a fazer "tricot", "crochet", bordados, pratinhos saborosos, etc... Não lhe dão o que há de mais essencial: o senso da responsabilidade, que lhe permitirá fazer tudo isso e tudo o mais que a vida venha a exigir dela. De nada valerão os conhecimentos culinários e artísticos de sua filha sem a necessária noção de responsabilidade que a torne apta a executar aquilo que aprendeu e a aprender aquilo que não lhe foi ensinado. Outra coisa de grande importância é o bom exemplo. Se a sua filha viveu sob um teto calmo e feliz; se presenciou sempre atenções, respeito, admiração e amor entre os seus pais, se êstes evitaram sempre discutir em sua presença, se demonstraram em todos os momentos o firme propósito de harmonizar as coisas a fim de evitar um fracasso, então ela poderá contar com cem por cento de probabilidade para ser feliz. Quanto a você, pode ficar tranquila, pois ela está preparada para alcançar essa felicidade. Naturalmente, vindo de um lar como o seu e tendo vocês como exemplo, ela terá sabido escolher o marido que lhe convém. Agora, compete a você deixar que ela viva a sua própria vida; não procure se envolver nos seus problemas íntimos; não procure dirigir o seu novo lar, a não ser que seja chamada para isso. E tire da cabeça essa idéia absurda de que "perdeu" uma filha; pense, sim, que você "ganhou" mais um filho. Mostre-se feliz com a felicidade da sua filha, mas saiba correr para ela, sem ressentimentos e repreensões, toda vez que precisar de si. Êste é o seu papel.



Exemplos sadios e construtivos orientam mais do que palavras e castigos.



E' dando bons exemplos à criança de hoje que se prepara os homens e as mulheres de amanhã.



Ensine o seu filho a discernir, com a sua própria experiência, o bem do mal, a fim de que êle possa, mais tarde, escolher acertadamente o caminho que lhe convém.



E' preciso que ela esteja preparada...



RKO
"Robes"

E "NEGLIGÉES"

ELES desempenham um papel importante no enxoval de uma noiva. Devem ser tão elegantes quanto os mais elegantes vestidos de sair. Aqui, temos um "negligée" de mousseline rosa seco, com mangas muito largas e fitas de cetim sobre os ombros, que Ann Sheridan, da RKO, usa para completar a sua elegantíssima camisola. Também muito elegante é o robe em cetim, transpassado na frente, com larga pala guarnecida de babado em mousseline. Um outro, é em tafetá vermelho, com pregas em sentido horizontal. Para o inverno você poderá escolher este modelo em lã, com grupo de pregas sobre os quadris, formando basque.



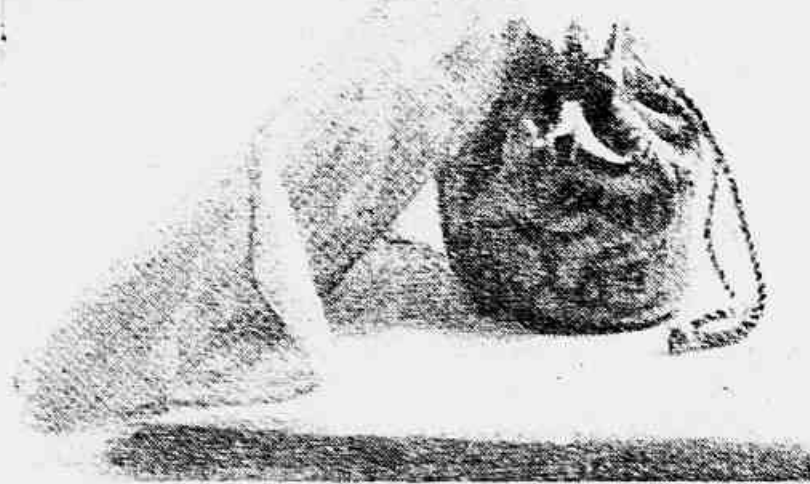


Leque de marfim e cetim
azul-celeste

DETALHES E NOVIDADES



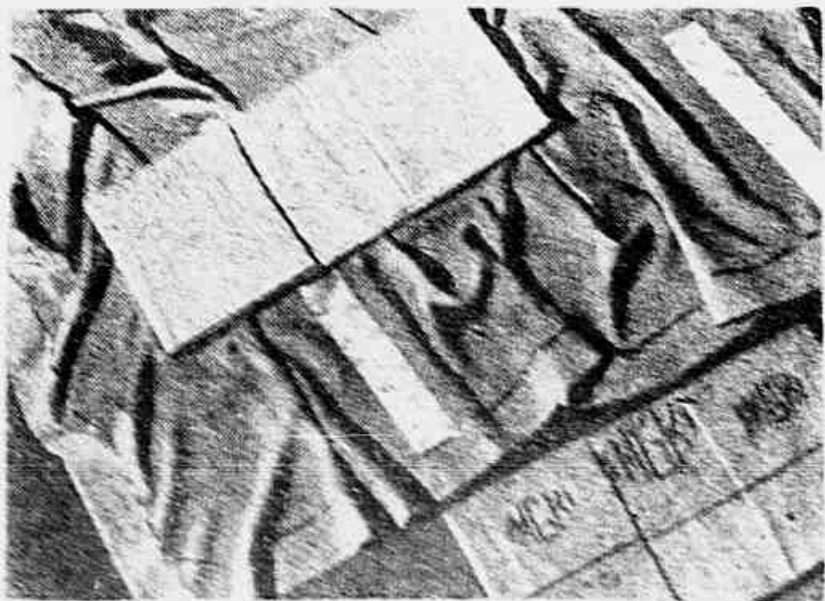
Uma bolsa de tafetá com "strass",
sandálias iguais e rica barra de
combinação em renda verdadeira



Muito elegante é esta
bolsa em brocado e ouro

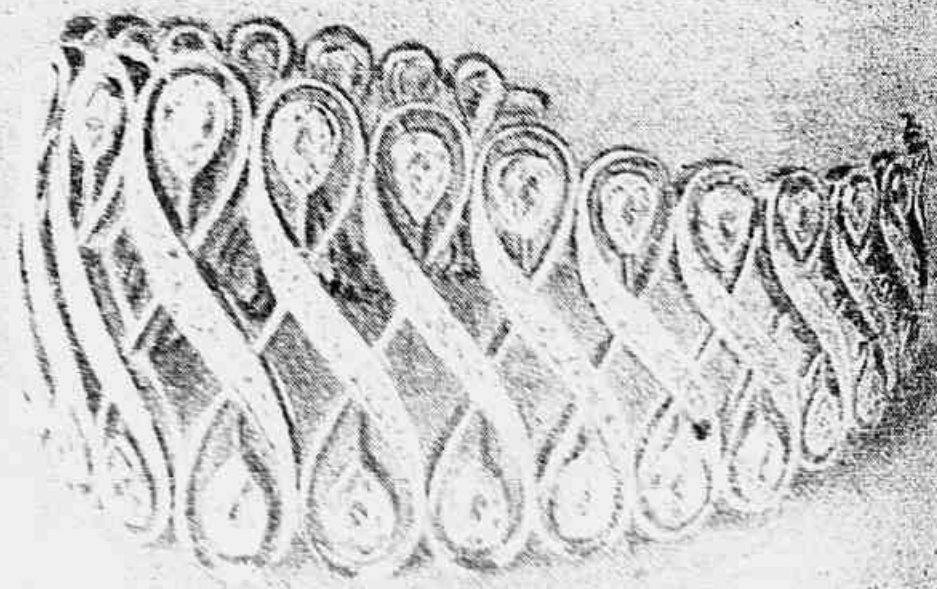
Para uma noiva jovem, o
"toque" de rendas acentua
a sua mocidade, como se
vê no oval acima

Dê um cunho especial à
sua roupa de cama mar-
cando-a com monogramas



No seu enxoval não deve-
rão faltar estes modernis-
simos guarda-roupas

Aqui está uma originalis-
sima pulseira de ouro e
diamantes





Lindíssima touca em "crochet"



Blusa de organdi branco com aplicações em cetim



Para as manhãs no praia ou no campo, leve um chapéu assim, feito em fustão ou linho cru, com pespontas na aba

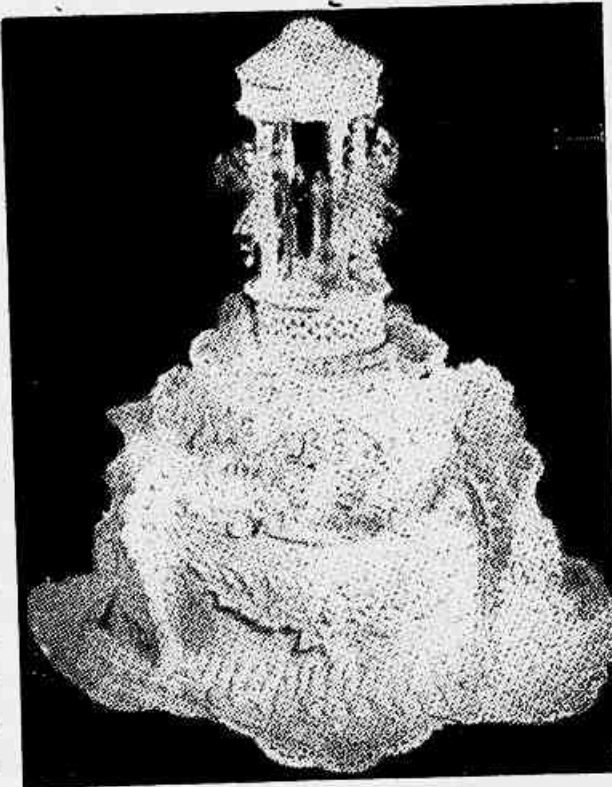
Lenço de cetim creme e renda negra



O sapato da noiva poderá ser em cetim branco com taxas prateadas. Este é um elegante modelo que sugerimos

BOLO DE CASAMENTO — **Ingredientes:** — 1 quilo e meio de passas sem sementes e picadas, 500 grs. de farinha de trigo, 500 grs. de açúcar, 500 grs. de passas Corinto, 500 grs. de "citron" cortado em tiras finas, 500 grs. de figos picados, 250 grs. de nozes picadas, 250 grs. de amêndoas picadas, 12 ovos, 1 xícara, das de chá, de Rum, 1 colher, das de sopa, de caldo de limão, 2 colheres, das de chá, de canela em pó, 1 colher, das de café, de noz moscada, 1 colher, das de café, de "alopice", 1 colher, das de café, de "mace", 1/2 colher, das de café, de cravo.

Preparação: — Numa vasilha grande põem-se o açúcar e a manteiga e batem-se bem. Em seguida, juntam-se-lhes as gemas batidas e depois as claras em neve. Mistura-se tudo e adiciona-se a farinha peneirada com as especiarias. Vai-se batendo com uma colher de pau e acrescentando-se aos poucos os demais ingredientes. Bate-se durante uma hora mais ou menos. Despeja-se numa forma grande, untada com manteiga, e assa-se em forno regularmente quente durante quatro horas mais ou menos. Depois de assado, põe-se num prato e cobre-se tudo com "glacé" branco. Enfeita-se com "glacé" igual pôsto na máquina de confeitaria e espalham-se por cima florinhas e pombinhos de açúcar. Antes de se juntar as passas e os figos convém passá-los em farinha de trigo, para evitar que se aglomerem.



O bolo tradicional...

BOLO DE NOIVA — **Ingredientes:** — 480 grs. de açúcar, 600 grs. de farinha de trigo, 320 grs. de manteiga, 2 xícaras, das de chá, de leite, 2 colheres, das de chá, de fermento, 18 claras. **Preparação:** — Bate-se a manteiga até ficar como um creme e em seguida junta-se-lhe o açúcar e torna-se a bater bem. Acrescenta-se então o leite, a farinha de trigo peneirada três vezes, com o fermento, e por último as claras em neve. Mistura-se tudo e põem-se em três formas de tamanhos diferentes. Assa-se em forno regularmente quente. Depois de assados, coloca-se o bolo maior em baixo, depois o médio e finalmente o menor. Cobre-se tudo com "glacé" branco e espalha-se por cima côco ralado. Enfeita-se com confeitos prateados.

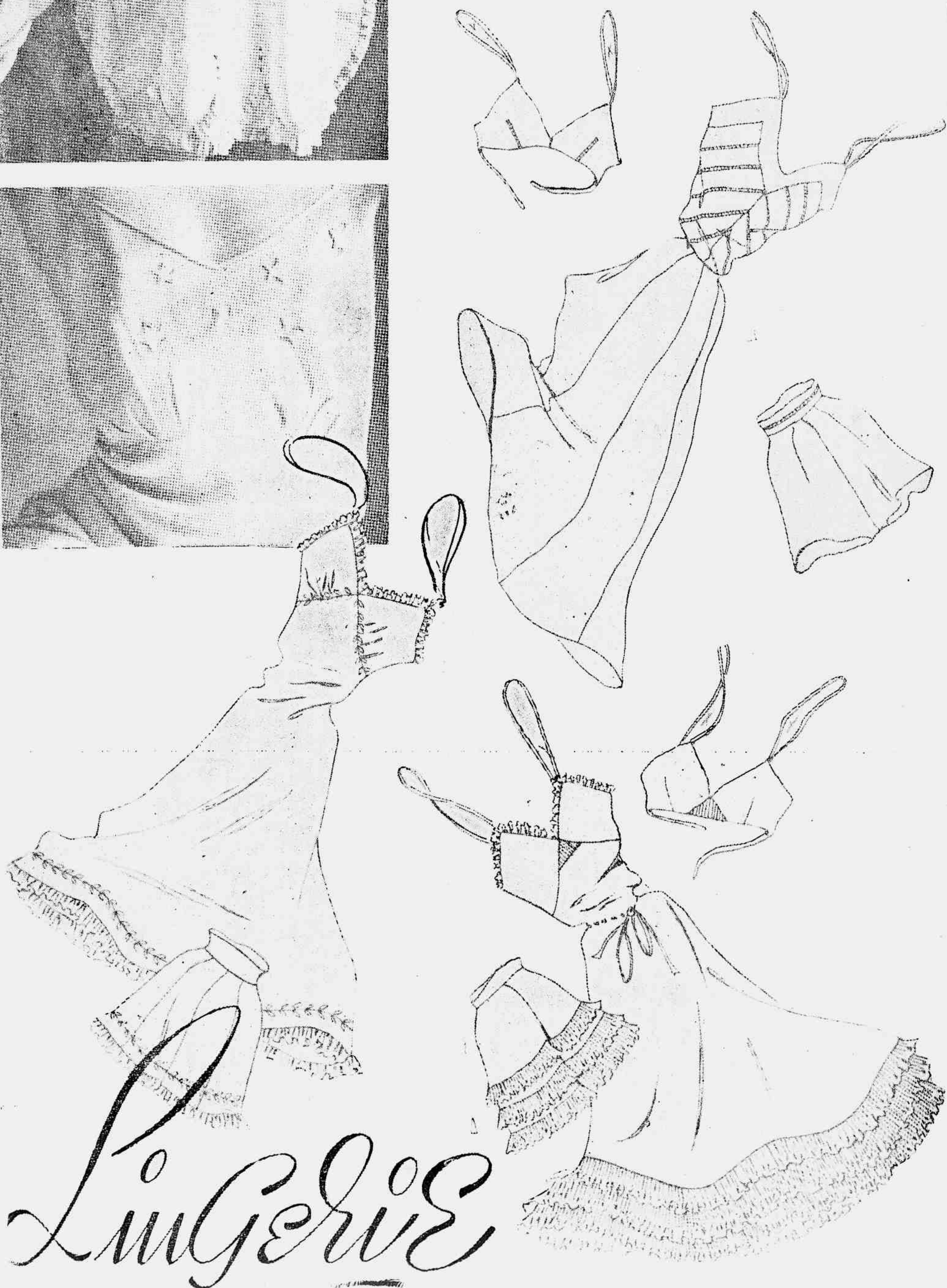
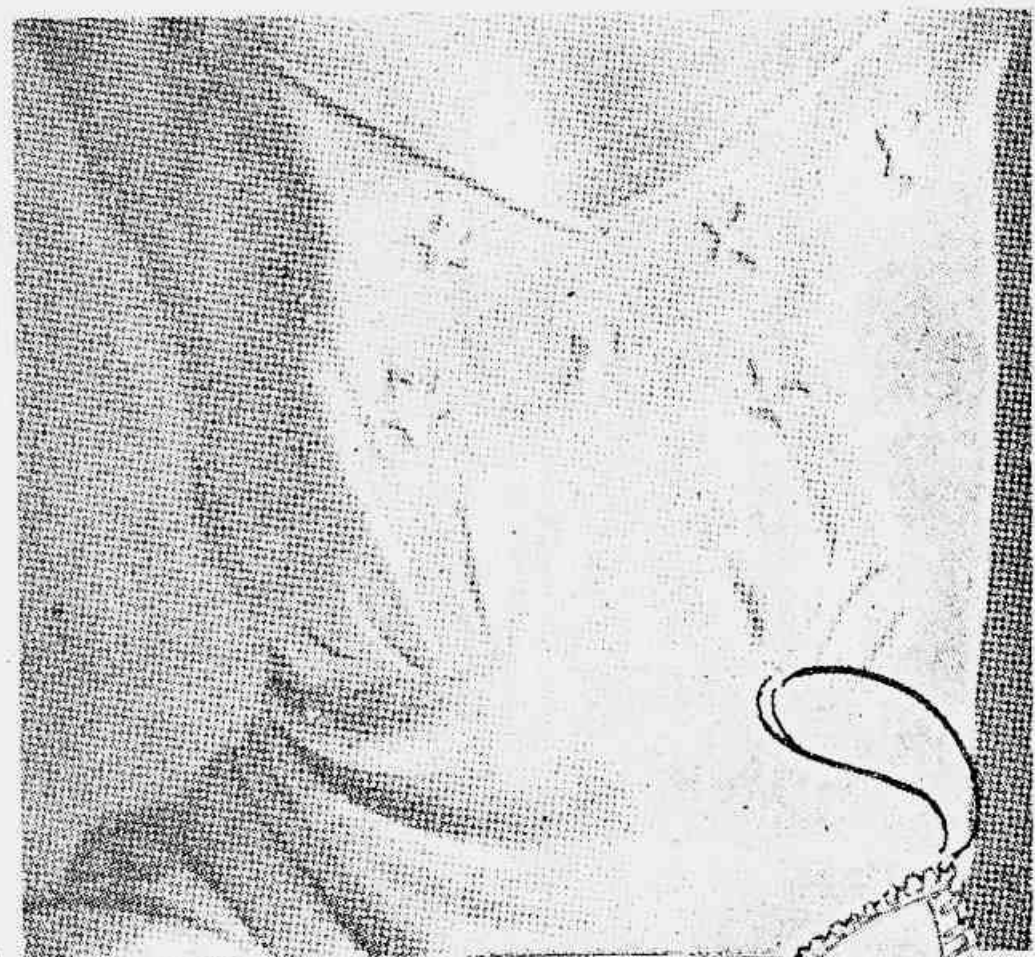
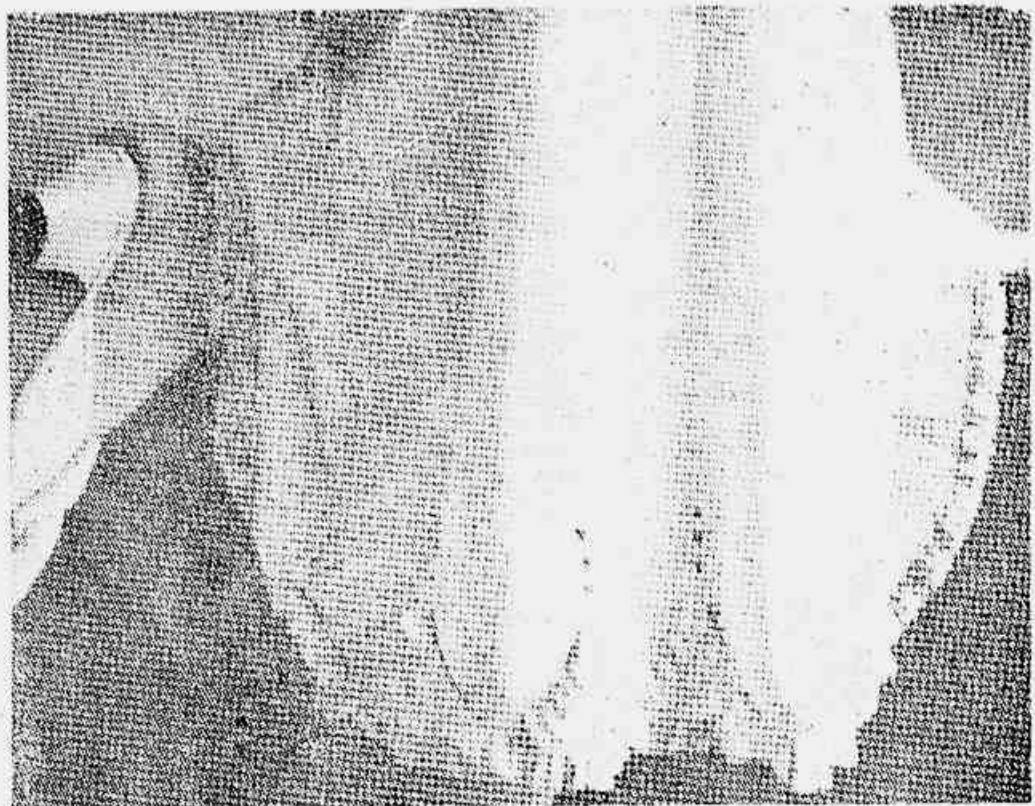
"PONCHE" DE CHAMPAGNE — **Ingredientes:** — 2 colheres, das de sopa, de açúcar, 2 colheres, de xarope, de groselha, 4 rodela finas de laranjas, 4 rodela de abacaxi, 2 garrafas de champagne, gelo socado. **Preparação:** — Toma-se uma poncheira e põem-se todos os ingredientes acima indicados. Mistura-se tudo muito bem, gela-se e serve-se em taças.

RUM "PONCHE" GELADO — **Ingredientes:** — 500 grs. de açúcar, 1 copo de conhaque, 1 copo de rum, 1/2 xícara, das de chá, d'água, 3 laranjas, 4 limões, água de sifão. **Preparação:** — Espremem-se duas laranjas e três limões, põe-se o caldo numa vasilha e juntam-se o açúcar e a água. Mexe-se bem e em seguida adiciona-se-lhes o copo de conhaque e de rum, a laranja e o limão restantes, com a casca e sem os caroços, cortados em rodela finas. Mistura-se tudo, despeja-se num jarro contendo um pedaço grande de gelo e caba-se de encher com água de sifão.



A MESA DOS NOIVOS Numa pequena reunião, o noivo e a noiva podem sentar à mesa com os convidados, ficando os dois no centro da mesa, ladeados pelos pais e pelos demais presentes, tendo-se o cuidado de colocar uma senhora ao lado de um cavalheiro.

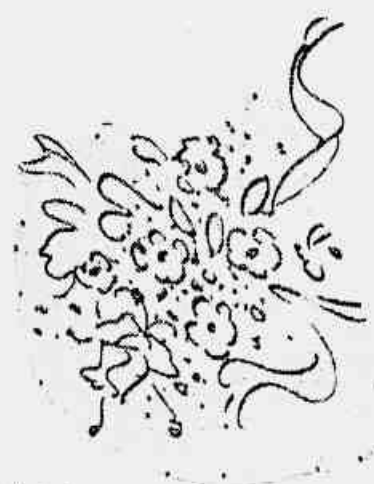
Nesse setor, a imaginação é também fertilíssima. As peças revelam toda a sutileza e toda a feminilidade de sua possuidora. Os tecidos próprios são também o cetim e o crepe *lingerie*. Rendas, bordados e guarnições de *mousseline*, aumentam a beleza da *lingerie*



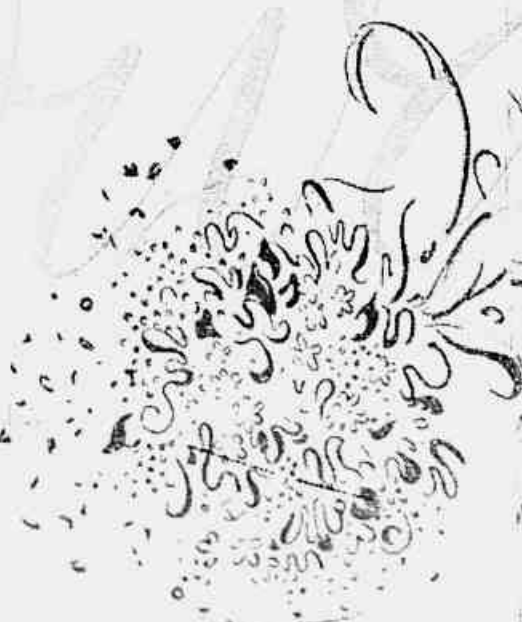
Lingerie

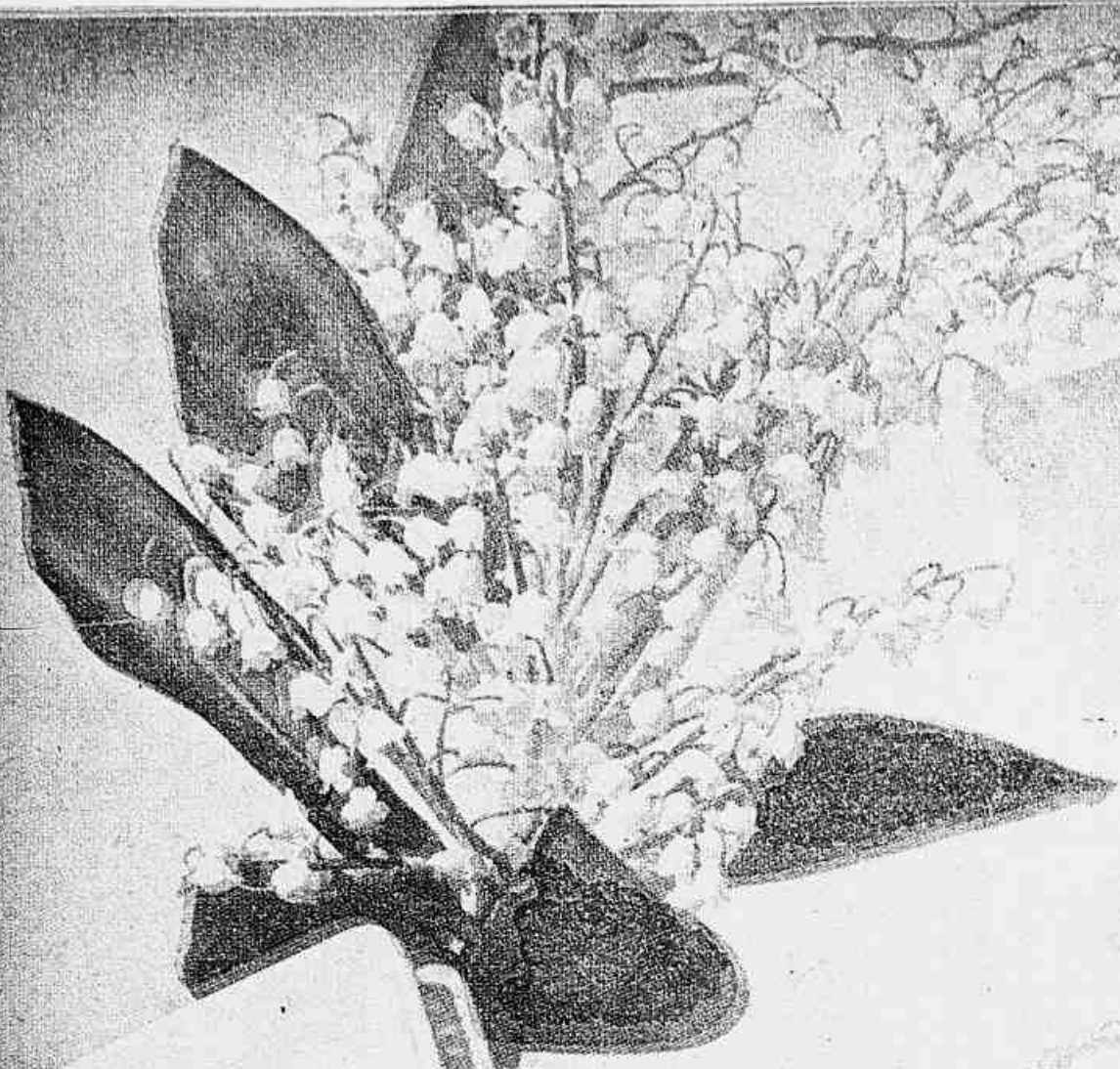


PARA as noivas e suas acompanhantes, estampamos nas três páginas que se seguem alguns encantadores e graciosos modelos. São modelos variados e que por certo agradarão às nossas gentis leitoras. Na foto acima, temos um elegante e simples modelo para noiva em cetim. E para a demoiselle um lindo vestidinho em tulle branco.



E SUAS ACOMPANHANTES





Noiva

**E SUAS
ACOMPANHANTES**



A noiva, com vestido de cetim, corpete justo, incrustações de pérolas. Saia "godel", formando cauda. A "demoiselle" em tafetá azul claro com babados franzidos na blusa e na saia





A noiva, em cetim e renda ao redor da barra da saia e a "de-moiselle" com vestido de organdi, com "ruche" e grande laço atrás



Continuamos nestas páginas a apresentação de mais alguns sugestivos modelos para a noiva e suas acompanhantes. São modelos originais e graciosos que farão realçar a beleza e a graça das já encantadoras noivas

CONTRABANDO

De DARCY AZAMBUJA

(Antologia do Conto Brasileiro)

MARCHAVAM em fila indiana. Na frente ia o Fidêncio Lopes, o maior do negócio. Dirigia do "pescante" a travessia arriscada, com tino e segurança de velho boleceiro de diligência, que fôra, batendo, anos, a mesma estrada. Logo atrás o Zeca e o Osório; em seguida os cargueiros, sem arreata, pelas dúvidas, que acolherados, num apêto, atrasariam qualquer manobra. Fechavam a marcha o Bento e o castelhano Negrito, que se lhes agregara, de acaso. — "pa mirar de mas cercano a los guitás". E como quartador, para garantir nos repechos, a umas cinquenta braças na frente, ia o Chiru — novilho de aspa fina, como dizia o Fidêncio, para bombear o caminho.

A noite pendia para a madrugada, nãas a névoa, adensada já nos baixos, cerrava mais a escuridão. Mal se divisavam, diluídos na noite, os vultos negros das coxilhas mais próximas, e as árvores e as moitas fundiam-se na tinta escura, surgindo, de chofre, a roçar os ombros e as bombachas dos cavaleiros. De quando em quando, ao contornar-lhes as faldas, os coxilhões elevavam-se numa grande mancha negra dentro da cerração e pareciam crescer, barrando a estrada.

Silencioso dentro da noite perdia-se o campo enorme, imenso nos vapores cada vez mais densos no ar frio e calmo.

Fidêncio Lopes fazia empenho em entregar o contrabando sem desconto algum, não só pelo valor das mercadorias, como por orgulho e capricho de velho cruzador clandestino das fronteiras. Era para diversos negociantes da vila e ia nos três cargueiros; sêdas, jóias e armas, afora alguma miudeza de pouca monta. Dezessete a dezoito contos. Mas o comandante da guarda aduaneira, que de há muito lhe seguia os passos fúgidos, esperava desta vez seguramente apreender-lhe o negócio. Fidêncio sabia disso e era, pois, uma questão de honra profissional o enredar o rastro ao fisco e chegar a salvo. — Ultimamente p'ra que serve o quarenta e quatro? — arrematava disposto, anteendo escaramuça quente.

Pouca gente levava sempre consigo — que em tropa grande há mais refugio que matambre gordo.

Do ponto em que estavam pouco mais de meia légua havia para entrar na porteira do Capão Grande, já em terras do Fidêncio. Depois de alcançarem-no, estava concluída a empreitada pois "nos campos dele, só Deus".

Tinham passado a linha divisória um pouco acima do Centurion. Mais de uma semana de tempo ruim — as chuvas tinham levantado a água aos galhos — ilhara-os do outro lado da fronteira, na pulpéria do Aguirre, a comer carne assada e jogar o truco. Aberto o tempo, fizeram-se de viagem, à boquinha da noite.

O rio campo fora. Não era para qualquer o achar o caminho certo naquele mundo de água solta. As picadas do passo, borradas pela enchente, perdiam-se por mais de duas quadras entre o mato baixo das margens, torcendo em cotovelos, mergulhando mato a dentro, contornando sangas e atoleiros, sumidas na noite densa. Amarraram os cargueiros uns aos outros para não se extraviam e levantaram as canastras, se bem que tudo viesse retornado com oleado e as bruacas fossem de couro inteiro. Mas, pelas dúvidas, que água não é brinquedo, Fidêncio, com as botas atadas nos tentos, guasqueou o Colorado, que dava bufidos na beira d'água, e "caiu" na frente, certo que nem capincho em pórtio velho.

— Rédea frouxa e venham vindo no mais, que eu aqui estou mesmo que em casa.

A água marulhava, soturna, nas patas dos cavalos, subindo às vèzes até meia costela. Através da noite grande e negra vinha o rumor abafado da cachoeira, quadras abaixo, afogada pelas águas grossas da cheia.

O Negrito, que vinha na retaguarda, chasqueou para o Bento: — "Pero, ché, por acé ni los biguás". — E, livrando o corpo a um galho baixo: — "Palos, antonces, andrede pa rachar las aspas a un christiano. Por lo seguro no me quedo aficionau".

O Bento, crioulo daqueles pagos e veterano em passagens idênticas, respondeu no mesmo calão: — "Hace fuego en los ojos, castejano, que te plantas en el charco".

Passado o fio da correnteza, embrenharam-se pela picada que serpejava entre os caponetes ilhados, através dos sarandisais fechados, nunca em linha reta, sempre quebrando à direita, à esquerda, procurando a feição propícia da terra firme.

Afinal tinham saído para o campo limpo, e já traziam cinco léguas de marcha cautelosa e suspicaz, cada um com a Winchester atravessada no lombinho, a mão no delgado, esperando pelo que desse e viesse.

Era a zona perigosa. De dentro da treva podia, a cada momento, surgir, de abrupto, a guarda que velava. Desfeita e confundida na noite opaca, a emboscada podia atalaiar, estupindo de chofre numa arrancada, atacando a queima-roupa. Por isso, na frente, distanciado da coluna, ia o Chiru de bombeiro. Nele e na sua perspicácia e sangue frio, estava a segurança de todos. Era simples mas arriscadíssima a incumbência. Não tinha mais que, ao presentir a guarda, avisar os companheiros. Se ao perceber o perigo já não pudesse voltar, prevenilos-ia com um tiro, e depois cuidasse da vida... Era pôsto que demandava coragem e dedicação. Todos, porém, confiavam no Chiru, que, mesmo a custo da vida, não os deixaria cair desaperecidos sob as carabinas da guarda.

Mas não a temiam. Afeitos àqueles perigos e sobressaltos, sempre em risco, na iminência da morte, cristalizara-se-lhes em hábito a existência errante e insegura, noite e dia sob a coxilhas da fronteira. Ora cautos, resvalando em fugas contornantes, ora afoitos, rebatendo de frente, à bala, o fisco vigilante, carregavam sempre as mercadorias que a tarifa tornava preciosas. Entre a vida e a morte aproximadas na expectativa dos recontros, passavam calmos, quase indiferentes, derivando para aquele comércio perigosíssimo a bravura e o estoicismo da raça, vindo de longe, do passado guerreiro, aceso outrora nas lutas que haviam feito vibrar o imenso arco da fronteira, distenso do Iguaçu ao Chuí, nos vai-vens incertos das guerras e revoluções.

O Zeca, tentando divisar estrélas no céu encoberto pelo nevoeiro, murmurou a meia voz para o Osório, que vinha logo atrás: — "Deve ir virando p'ras quatro. Como quer, parece que escapamos".

(Continua na página 44)

Ilustração de ANA ZAGORSKA



... E PARA OS SEUS

Cabelos?

...PETRÓLEO OXFOR, é a resposta indicada! Porque, OXFOR, dá vigor, beleza, vitaliza o bulbo capilar, amacia sem engordurar e evita a queda do cabelo. COMPRE OXFOR, É UM GRANDE PETRÓLEO!

PETRÓLEO OXFOR



... E PARA O SEU

Banho?

...SABONETE PARÁ, também lhe agradará imenso! Sim, o SABONETE PARÁ, à base de pau rosa, delicadamente perfumado, é um sabonete de classe que faz bem à pele. O SABONETE PARÁ, É MUITO BOM!



SABONETE PARÁ
em caixas de 3

criações **PHEBO**

PERFUMARIAS

PHEBO



PERFUMES

Exótica



Finíssimo e exótico perfume, em rico estojo de Madeira de Lei

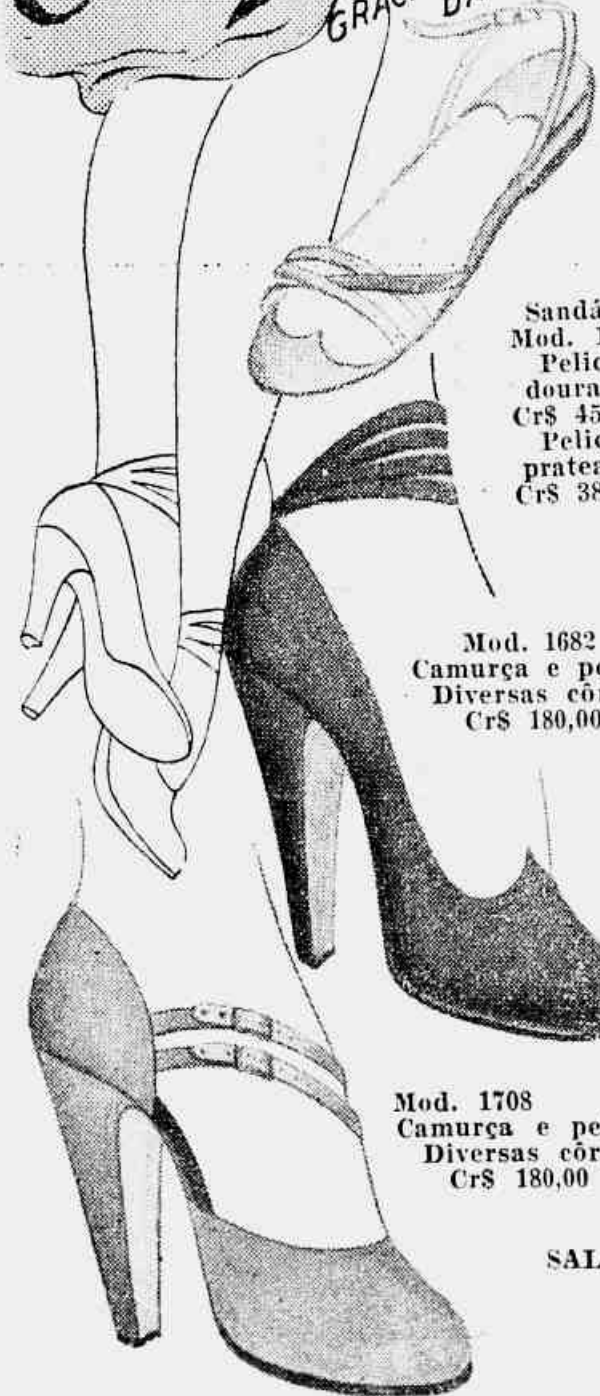


Delicados e flagrantos perfumes, Narciso Negro e Narciso Branco, em lindo estojo forrado com finíssimo cetim, ambos constituindo lindos e valiosos presentes. Pelo Reembolso Postal sem qualquer despesa. Pedidos à

PERFUMARIA EXÓTICA
Rua Campos da Paz, 167. — Fone: 48-8137
— Rio — Enviamos catálogos

Calçados ZELIA

PARA O PASSO GRACIOSO E LEVE DA MULHER



Sandália
Mod. 1691
Pelica
dourada
Cr\$ 450,00
Pelica
prateada
Cr\$ 380,00

Mod. 1682
Camurça e pelica
Diversas cores
Cr\$ 180,00

Mod. 1708
Camurça e pelica
Diversas cores
Cr\$ 180,00

SALTOS
4,5
5,5
6,5
7,5

Fabricação própria
Aceitamos encomendas
pelo Reembolso Postal
Gomes Freire, 29, sob. Tel. 22-2753 — Rio

Modelo	Côr	Tamanho	Salto
.....			

NOME
ENDEREÇO
CIDADE EST.

CONTRABANDO

(Continuação da página 22)

Negrão, que não se sofria muito tempo calado, pôs o cavalo ao lado do Bento — "Sabes, chê, que estoy c'una gana danada de pitar?". — O Bento sacudiu os ombros. Que era ordem. Não se fumava. Acender farol aos guitas, não é? Só se fumasse com a brasa para dentro.

De feito, naquelas ocasiões baniu-se tudo que pudesse assinalar a presença de passantes. Não se fumava e a conversa era pouca e em voz baixa. E deslizavam assim, cortando o campo em silêncio, evitando os pedregulhos da estrada, onde os cascos dos cavalos fariam ruído. O Fidêncio ia sempre alerta, ouvido atento aos mínimos ruídos que dissonassem do rangido abafado dos cargueiros e arreios.

Por sorte, nem quero-queros haviam encontrado, que os denunciassem com o alarma estridulo de eternas sentinelas dos campos. O velho contrabandista prelibava já, no intimo, mais aquele boçal passado aos aduaneiros. Também era que nem sorro velho naquelas coxilhas, onde conhecia restinga a restinga, de há tanto que cruzava por ali. Mais algumas quadras e estava em casa. Depois era um brinquedo.

Na frente, meio indistinto, ouviu um estrépito surdo, como de cavalo que tropeça. — Havia de ser o Chiru. Indiozinho de confiança, aquele! Ia certo e vivo no rumo da querência.

Com efeito, o Chiru ia na frente, no tranco do picaço, furando com os olhos a treva cinzento-negra da madrugada de névoa, orgulhoso daquele pósto de honra que lhe dera o patrão. Era, apesar de muito moço, a confiança do velho Fidêncio. Morreria-lhe o pai o ano atrasado, e ele passou a ser o capataz, o faz tudo na fazendola da Limeira, onde o dono quase não parava. Deixara o rancho com a mãe e instalara-se definitivamente na casa do patrão, tomando a si todo o serviço. Pouco mais que adolescente, a vida do campo fizera-o homem depressa. Fidêncio estimava-o deveras, passando ao filho a velha gratidão de que tivera ao pai, de quando andavam na revolução de 93, curtindo juntos as durezas da campanha e onde fôra por ele salvo, num entrevero, baleado na perna e destinado a morrer sob as patas dos cavalos, se o amigo o não atirasse na gadupa. Morto o velho companheiro, que jamais juntara pecúlio, a proteção e a amizade reverteram ao filho, aquela amizade funda e concentrada, niveladora de peões e de patrões, criados nas mesmas lides, onde gradua, não o nascimento ou fortuna, mas o valor de cada um.

O Chiru ia pensando na sua vida. Tinha ainda que cangar duas juntas antes do inverno e debulhar as carradas de milho que estavam no girau do galpão pequeno.

Afora todo o trabalho do campo. Inda mais agora, com a compra das duzentas reses do Ferico. Gado lindo... Tudo pampa. Cada novilha de sobre ano que dava gosto olhar-se. O patrão já dera ordem de ajustar mais um peão, que os dois que havia não davam conta do serviço. E ia passando em revista tudo que havia a fazer, toda a sua vida simples e laboriosa, sem desvios nem ansias perturbantes, onde mal aflorava uma ambição. Mais tarde, com certeza, assim que tivesse a sua juntinha de tambeiros, podia então, mesmo sem deixar a estância da Limeira, dar uma arrumação na vida. Essa "arrumação" era a Lavica... E ao pensar enchia-se-lhe o peito de uma onda doce. Ah! a Lavica... Como um homem se deixa bolear... A sua imaginação abria uma clareira na noite e, num retângulo de sol, via-a, todo o rosto trigueiro da chinoquinha inundado da luz dos olhos. Mais que os lábios úmidos, mais que o peitinho redondo de róla, mais que todo nela, prendiam-no aqueles misteriosos olhos de mulher, onde havia o infinito e a suavidade das coxilhas, ora banhados de sol, cantando de vida, ora imersos na saudade e no langor das noites enluaradas. Neles moravam todos os seus sonhos mal definidos e profundos. Queria-a e, pois, trabalharia para possuí-la. E uma doce certeza confortava-o. Era só mais...

Aqui, porém, interrompeu as cismas. Pareceu-lhe ouvir adiante um ruído de metais, qualquer rumor abafado quebrando o silêncio, agora pressago e inquietador. Puxou a pistola para a frente e foi seguindo, de ouvido atento, os olhos muito abertos para absorver a luz escassa da noite nas pupilas dilatadas. Nada percebeu, no entanto, e foi avançando. — Raio de noite! Está que nem um forno. — Cresceu-lhe à direita o vulto negro de uma reboleira de arbustos, e não a passara ainda, quando uma voz grossa e seca intimou:

— "Faça alto, amigo!"

E bem junto, como nascendo da treva, vultos de cavaleiros cercaram-no. Percebeu os reflexos frouxos de botões de metal em "dolmans" escuros. Sentiu um nó na garganta, as fontes latejaram-lhe e nos ouvidos rolou como um trovão de intermitências surdas.

— "Não se mexa e diga quem é."

A hesitação foi rápida: aquela voz restituiu-lhe a calma. Num segundo lembrou os companheiros que se aproximavam do perigo sem suspeitar. Tinha que preveni-los. Viu o cano do revólver do guarda apontando-o. Talvez morresse, mas tinha que preveni-los. Foi levantando a mão direita devagar, colada ao corpo; encontrou o cinto, apertou a coronha da pistola, o indicador tateou o gatilho.

"Fale, amigo, senão..."

época



"Não ha beleza Sem Saude"

As irritações da pele proveem de um mau funcionamento interno. Para conservar sempre viçosa a sua cutis, livre de quaisquer defeitos, use diariamente os

GRÃOS DE SAUDE DO DR. FRANK

LAXATIVO E DEPURATIVO

A venda em todas as farmácias e drogarias

Laboratório Primá
Caixa Postal 1344 - Rio



O grande restaurador dos organismos DEBILITADOS, CLORÓTICOS, ANÊMICOS, DESNUTRIDOS. Regenerador do sangue.

VINHO E XAROPE

HEMOGLOBINA GRANADO

Preparado com hemoglobina pura retirado do SANGUE DE BOVINOS

BUSTO IDEAL

EM DOIS MESES COM AS PILULES ORIENTALES

TONICAS E RECONSTITUINTES

Sempre bemfazejas para a saude



Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de J. R. ATIE, — farmacêutico — 45, rue de l'Éclair — PARIS — à venda em todas as farmácias e drogarias. Agente geral para o Brasil: Caixa Post. 2562, RIO DE JANEIRO. Appr. J.N.S.P. sob o N. 87 em 26-6-1971

Torceu o cano para o lado e premeu o dedo. Uma linguazinha de chama relampejou, chamuscando-lhe os pelegos. O guarda, supondo-se alvejado, atirou também.

Era o quanto bastava. Prevenidos pelo duplo sinal, os contrabandistas executaram logo o preconcebido. O Zeca e o Osório, com os cargueiros, penderam por uma encosta, sem ruído, furtando a volta. Fidêncio e os outros infletiram à esquerda, coxilha acima, disparando as armas. Era a manobra de sempre. Os guardas seguiram a direção dos tiros, enquanto o contrabando mesmo, contornando, retomava longe o caminho, já à retaguarda do perigo, reaviado e certo no destino.

Fidêncio com os companheiros continuavam retirando. Diferenciava-se o estampido sonoro das Winchesters e a deflagração seca das Mausers da guarda, em tiroteio frouxo, ao acaso dos alvo móveis e indistintos, afastando-se dentro da noite.

★

Tênuas começaram a dealbar no oriente as primeiras claridades do dia. Uma aura leve foi dispersando a névoa adormecida nas baixadas. Em pouco surgiu o sol, longe na imensidão do horizonte, dourando a silhueta dos capões e mato que demoravam no campo como manchas escuras.

Arrastado pelo cavalo, Chiru ficara estendido num alto, os braços abertos e o rosto voltado para o céu. O primeiro raio de sol, tangenciando a lombada das coxilhas adormecidas, veio incidir-lhe na face, onde coagulava um fio de sangue.

Banhado daquela luz tépida, o gaúcho parecia apenas dormir, tão sereno tinha o rosto e tanto, para aquela alma nobre, era simples a lealdade e até mesmo a morte.

ALMANAQUE EU SEI TUDO 1949

SERÁ POSTO À VENDA NA 1.^a
QUINZENA DE DEZEMBRO ★
UM MANANCIAL DE INFOR-
MAÇÕES, RECREIO E UTILIDA-
DES PARA TODO UM ANO! ★
GRANDE E LUXUOSA EDIÇÃO

Preço para todos os Estados do
Brasil: Cr\$ 15,00. Atende-se pelo
Reembolso Postal ou mediante
vale do Correio. Pedidos à CIA.
EDITORA AMERICANA — Rua
Visconde Maranguape, 15 — Rio

UMA NOVA SALA

Por Cr\$ 98,50
No RIO e em SÃO PAULO



COM **Kem-Tone**

- qualquer um pode usá-lo!

TRANSFORME a sua sala num aposento novo, por apenas Cr\$ 98,50. É tão fácil... você mesmo pode pintar com KEM-TONE as paredes internas de sua casa. KEM-TONE é fabricado em lindas cores e seca em apenas uma hora. Cobre até papel de parede com uma só demão, podendo ser aplicado em qualquer superfície — ... e não deixa cheiro de tinta!

Um galão de KEM-TONE, diluído com água, dá um galão e meio — o bastante para pintar um quarto ou sala de tamanho médio... e custa apenas Cr\$ 98,50!

ONDE SE VENDE
TINTAS
HÁ SEMPRE

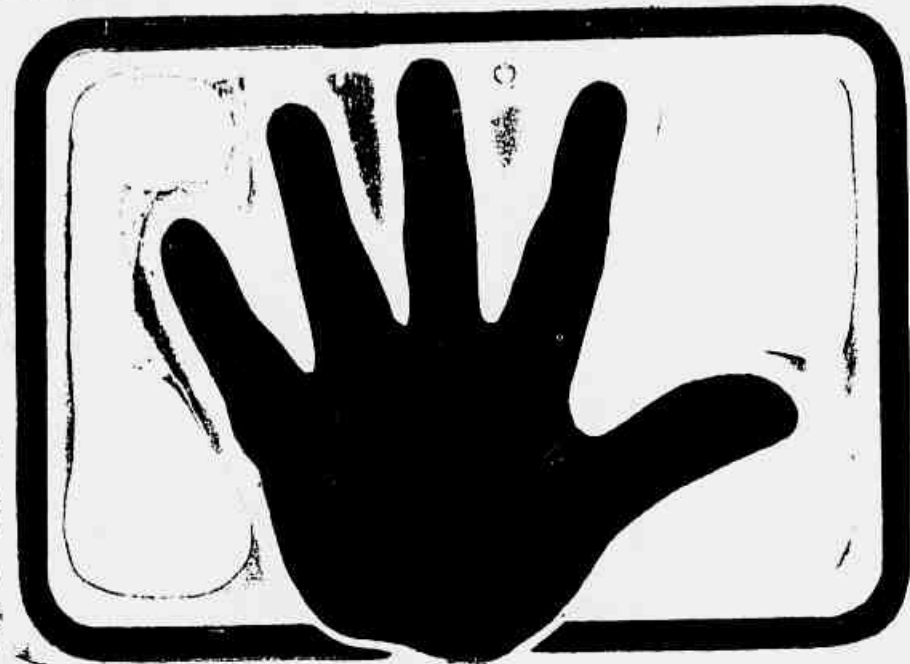
Kem-Tone

TINTAS E

VERNIZES

SHERWIN DO BRASIL **WILLIAMS**

São Paulo: R. Dom José de Barros 264-6.º andar
Rio de Janeiro: R. André Cavalcante 23
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

**E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO**

A PREVENÇÃO DUMA CATÁSTROFE

Muitas vezes temos visto no reino vegetal como a imprudência do homem ameaça extirpar o útil, enquanto é quase impossível extirpar o que é inútil. Nas regiões tropicais, por exemplo, é quase impossível abrir-se caminho e mantê-lo reaberto numa selva onde abundam os bexucos, totalmente superfluos e muito prejudiciais. Por outra parte e a consequência dum descuido atrevida e.o. Nos Estados Unidos, o homem tem provocado o perigo das inundações.

Outra exploração atrevida que tivesse tido consequências catastróficas, se não tivesse intervindo a tempo, foi a da quineira na América do Sul. Nos tempos dos descobrimentos espanhóis, conheceu-se na Europa a ação saudável da casca da quina nos que padeciam de sezonismo. Durante alguns séculos se importavam na Europa grandes quantidades da casca da quina, sem pensar numa nova plantação desta árvore. Felizmente, antes de que a quineira desaparecesse totalmente, umas pessoas conceberam a idéia de iniciar a plantação delas noutras regiões do mesmo clima, por exemplo, nas Índias Holandesas e Inglesas. Felizmente, foi favorável o resultado deste cultivo. Em caso contrário teria sido uma catástrofe invencível para a humanidade. Hoje em dia a quina — ou seja um dos elementos mais ativos da casca da quina — considera-se o melhor remédio contra o sezonismo, devido à sua ação segura e porque quase nunca produz toxicidade. Além disso, o conhecimento do uso dela está muito divulgado. A Comissão muito competente de Impulso da antiga Liga das Nações, prescreve a título de profilaxia uma "dosis" diária de 400 mgs. de quina durante todo o tempo que durar a doença e algum tempo depois e para o tratamento: uma "dosis" diária de 1-1,3 gramas de quina durante 5-7 dias. Não se aplicam curas secundárias, mas cada reincidência se trata da mesma maneira. E sendo o sezonismo uma das doenças mais perigosas que conhecemos, podemos imaginar-nos qual seria a catástrofe se já não houver quina.

L. B

"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.



Pedidos pelo Reembolso Postal para
**VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 --
TIJUCA -- RIO DE JANEIRO**

PREÇO: Cr\$ 20,00



Asaúde do BEEBÊ

Dr. SABOIA RIBEIRO

Com relação a males e taras provenientes dos pais, a prole tem sido protegida, em vários países, pelo exame pré-nupcial — espécie de certificado sanitário, exigido obrigatoriamente dos nubentes. Só isto, e, todavia, quanta desgraça se terá evitado à família e à sociedade!

O exame pré-nupcial teve seu começo na Inglaterra, em princípios do século XIX. Desde 1909, já o adota os Estados Unidos. Os estados de Washington, Oregon, North Dakota, Wisconsin, Alabama, Wyoming, Louisiana, foram, sucessivamente, adotando a medida, que se generalizou, com o tempo, cada vez mais. As exigências do exame variam apenas nos detalhes, nesses Estados. Uns incluem somente as moléstias transmissíveis, como a tuberculose aberta, para objeto de indagação na saúde dos futuros pais. Outros se cingem, principalmente, às doenças mentais. Em todos os exames deverá preceder, de perto, a data do casamento — 10 a 15 dias, em regra.

A Suécia, em 1915; a Noruega, em 1919; a Dinamarca e a Estônia, em 1922, também incluíram a medida na sua legislação. Adotam-no, mais ou menos indolentemente, a Suíça, a Bélgica, a Holanda, a Alemanha. Na Turquia, a lei é severa: a fraude ou deturpação do exame, além de outras penas, acarreta a própria anulação do casamento.

No Brasil, tentativas já foram feitas para a adoção do exame pré-nupcial. Em 1919, Eloi de Souza e Alvaro de Carvalho justificam a necessidade do instituto, perante o Legislativo, e apresentam um projeto nesse sentido; mas infrutiferamente. Em 1927, o deputado Amaury de Medeiros apresenta outro projeto; no ano seguinte, outro, o deputado Marcondes Filho, como substitutivo; porém nenhum teve curso depois. Na Constituinte de 1934, foi aprovado um artigo instituindo a obrigatoriedade do exame pré-nupcial, assim concebido: "A lei regulará a apresentação pelos nubentes da prova de sanidade física e mental, tendo em atenção as condições regionais do país". Presentemente, acha-se em andamento mais um projeto, na Câmara Federal, da autoria do deputado Lameira Bitencourt. Praza aos céus que tenha melhor sorte.

★

O instituto do exame pré-nupcial não repugna à tradição de nosso direito. Um antigo decreto dava aos pais o direito de exigir do noivo ou da noiva, um atestado que comprovasse não ser um ou outra portador de moléstia incurável. Pouco importa que, na prática, esse decreto fosse apenas suprido por uma sindicância, a estes e outros respeito (bons costumes etc.) pelos pais ou partes interessadas. Não deixou, por isso, de ser um decreto.

Promulgado o Código Civil, em 1911, admitiram, nele, alguns dispositivos acautelatórios da saúde dos cônjuges e da descendência. Assim, não poderão casar-se os ascendentes com os descendentes, e os afins em linha reta (parentesco do primeiro grau); os irmãos, naturais ou não (do segundo grau); e tio e sobrinha (do terceiro grau) — artigo 183. Também será anulado o casamento quando houver doença grave anterior a ele, desconhecida do outro cônjuge, e transmissível, por contágio ou pela herança, a este ou aos descendentes. — artigo 218.

De algum modo o exame pré-nupcial já entrou entre nós com um decreto-lei de 1941, o qual veio possibilitar o casamento de tio e sobrinha, uma vez que ambos fossem considerados sãos, mediante exame médico regularmente procedido. De fato, o parentesco só constitui perigo para a prole, ensinando estados de degenerescência, quando existem taras dos cônjuges, que então se somam, e não se anulam. E' o que acontece, por exemplo, quando um cônjuge é doente e o outro não, sendo parentes próximos; não existindo o parentesco, porém, ao contrário, as taras do primeiro são neutralizadas, por assim dizer, pelas condições orgânicas do segundo, hígido, são.

O que prevê nosso Código, citado no artigo 218, é medida antes tardia, que não preventiva.

Com razão, estranha Afrânio Peixoto que o corretivo somente ali ocorra depois de consumado o mal, realizado já o casamento. Por outro lado, na prática, a anulação do casamento, com base no contágio do outro cônjuge e transmissão à prole, raro é ventilada, naturalmente por motivos sentimentais ou humanitários.

Também, como quer que seja, o exame pré-nupcial não colide nem com a atual legislação nem com os dispositivos vigentes do Código. Haverá defeito nesse instituto, ou críticas lhe podem ser feitas. Mas isto não invalida suas evidentes vantagens.

Diz-se, por exemplo, que não só têm filhos os que se casam; será um defeito, quando haja leis perfeitas. Mas, por que não ver também, no exame pré-nupcial, o papel de magnífico agente de educação médico-social?

Outra crítica é admitir-se que ele irá ensinar atestados graciosos, com sua concessão por médicos pouco escrupulosos ou fáceis. Mas isto é uma questão de regulamentação e, em princípio, o certificado não deve ser obra de um só médico, mas deverá resultar de uma cooperação que, sem ser burocracia, traga o cunho de responsabilidade. A possibilidade de fraude não deve inutilizar os bons propósitos e eficácia da lei, nos casos gerais e isentos de solécia e má fé.

Pois, o exame pré-nupcial, como instituto obrigatório, mau grado quaisquer falhas, constitui inegavelmente o instrumento adequado ao tratamento coercitivo (que o comodismo e o desleixo às vezes protelam indefinidamente), da saúde, com vistas sobretudo à prole.

Ele realiza os fins mesmo da Eugenia — a prole sã, sem miopragias nem taras físicas.

Suas restrições às vontades dos que se querem unir, mesmo essas, se reduzem, ao cabo, num simples adiamento sancionador, até porque, "o progresso científico vai riscando, do pessimismo médico, doenças até há pouco considerados incuráveis." E' verdade que existem aspectos especialíssimos, como por exemplo a questão do alcoolismo (pequeno ou grande alcoolismo, é de ver), cujos efeitos maléficis fogem à alçada, enquanto elva moral, do exame pré-nupcial. Mas mesmo estes serão em parte obstados, como, por exemplo, diante da epilepsia confirmada, por ele causada. Aliás, esta parte, eminentemente moral, sempre esteve a cargo das partes interessadas ou, ao menos, dos bons pais, para o conselho oportuno.

O exame pré-nupcial, de resto, acode sobretudo à tara física, que essa lembra Afrânio Peixoto, "é inexorável".

E' já tempo de considerar as uniões, não apenas pelo seu aspecto natural e sentimental, senão também considerá-las com sua inevitável ou natural consequência — os filhos.

E' a isso que acode o exame pré-nupcial, e ninguém poderá contestar que o faça com largo campo de aplicação em face da sociedade, e tanto melhor quanto esta se ache suficientemente preparada pela educação sanitária ou, a rigor, médico-social.

Ai, então, a lei apenas virá consagrar um costume, qual o de tratar-se o indivíduo antes do casamento, que essa educação criará.

No Brasil, uma grande voz e grande opinião, que sempre se bateu pelo exame pré-nupcial, foi Afrânio Peixoto. "E' preciso clamar e reclamar", dizia ele, referindo-se ao exame pré-nupcial. E não há melhor elogio deste.



MARY GAZZI — UMA TEMPORADA LÍRICA NACIONAL — CICLO DE BACH — "BALLET" DA JUVENTUDE

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

O público carioca sempre me pareceu dos mais pacientes e generosos. São justíssimas, em geral, suas manifestações de desagrado, desde os murmúrios de desaprovção, frequentes nas temporadas líricas, até a vaia estrepitosa como a que acolheu, não há muito, um infeliz Salvator Rosa. Apesar de já ter tolerado muitos atentados à arte em silêncio continuam, entretanto, os cariocas com a reputação de público exigente.

Leonard Warren, já consagrado nos Estados Unidos, estreou aqui impressionado com as informações que tinha recebido e, durante o prólogo e a maior parte do primeiro ato do Simon Boccanegra sua voz tremia, falhava. Afinal, conseguindo dominar-se, com esforço, completou o espetáculo de forma soberba e os aplausos que o premiaram não de ter compensado, amplamente, o mau quarto de hora que passou.

Nas mesmas condições estreou, este ano, uma jovem cantora brasileira, Mary Gazzi, das mais agradáveis surpresas que 1948 reservou para a crítica, como para o público em geral. Voz de um timbre doce, aveludado, volumosa, emitida com segurança, agudos firmes, alcançados sem esforço, Mary Gazzi vem formar entre os nossos bons cantores.

Não direi da cantora que, assim, tão auspiciosamente, estreou, que ela tem "um grande futuro". Essa profecia, via de regra, esconde alguma insatisfação diante do que o artista já conseguiu realizar. Diz-se, então: "Bem, evidentemente, "X" ainda não chegou ao apogeu, mas tem um grande futuro..." Provavelmente, dentro em breve, esses mesmos ex-profetas estarão dizendo: "Ah! "X" foi extraordinária! Mas já não é mais a mesma coisa..."

Ninguém atinge a perfeição de uma só vez. A carreira trará o complemento da experiência, o aperfeiçoamento da boa escola, a segurança. Mas é preciso, desde logo, assinalar que não se trata, no caso de Mary Gazzi de um remoto "grande futuro" mas, já, de uma bela realidade: voz, elegância, intuição dramática...

No momento em que pisou o palco, estava quase paralisada pelo nervosismo. Mas bastou que, no desenvolvimento do espetáculo, fizesse ouvir a bela voz para que o público reagisse imediatamente, diante do inesperado sucesso. E o aplauso espontâneo, caloroso, brotou, sem precisar do estímulo artificial da "claque".



Violeta Coelho Neto de Freitas, elemento indispensável numa temporada lírica nacional

CICLO DE BACH

A Ação Social Brasileira está realizando um ciclo de Bach. Essa oportunidade raríssima, sem precedentes, de ouvir os concertos brandeburgueses está despertando o merecido interesse. Confiada a interpretação das obras do mestre alemão a professoras da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a direção de Jean Constantinesco, nada há a temer quanto à qualidade da audição proporcionada pela Ação Social Brasileira. Essa mesma entidade já apresentou, recentemente, o pianista Medeles que incluiu em seu programa obra do compositor brasileiro Cláudio Santoro, uma pequena peça para piano pertencente à nova fase do consagrado compositor patricio.

"BALLET" DA JUVENTUDE

Tem realizado diversos espetáculos no Teatro Municipal do Estado do Rio o "Ballet" da Juventude, que, reorganizado, já está pronto a preencher a função cultural que inspirou a sua criação. Desviado, não há muito, para a exploração comercial, o "Ballet" da juventude, revertendo à sua qualidade de órgão de difusão artística, tem conseguido grande sucesso.

★

Recebemos "Brasil Musical", revista dirigida pelo nosso colega João Batista. Abundantemente ilustrada, com matéria variada, boa apresentação e noticiário completo sobre as atividades musicais, este órgão especializado tem obtido merecido sucesso.

TEMPORADA DE ARTISTAS NACIONAIS

Deverá ter início, dentro em breve, uma temporada lírica com artistas nacionais. E' preciso que ela nos apresente o que temos de melhor. Assim, não poderá faltar Assis Pacheco, o jovem cantor que já conquistou o público argentino, inexplicavelmente ausente das nossas mais recentes temporadas líricas. A temporada popular deverá, também, garantir a presença de Violeta Coelho Neto de Freitas e Maria Sá Earp, duas figuras indispensáveis. Paulo Fortes, uma das mais recentes revelações, Américo Basso, Mary Gazzi e tantos outros, são elementos que devem ser aproveitados. Só assim se poderá conseguir uma temporada que represente, na verdade, a arte lírica nacional.

ESTA e a única apresentação
de água de colônia

JEAN MARIE FARINA



Exijam
a marca
franceza
de

ROGER & GALLET

PARIS ★ RIO



APRESENTA

PARA HIGIENE, SAÚDE E BELEZA

O Segrêdo da Sultana

Água de Colônia "107"

Sabonete "107"

Sabão Russo líquido vid. 270 grms.

" " " " 630 "

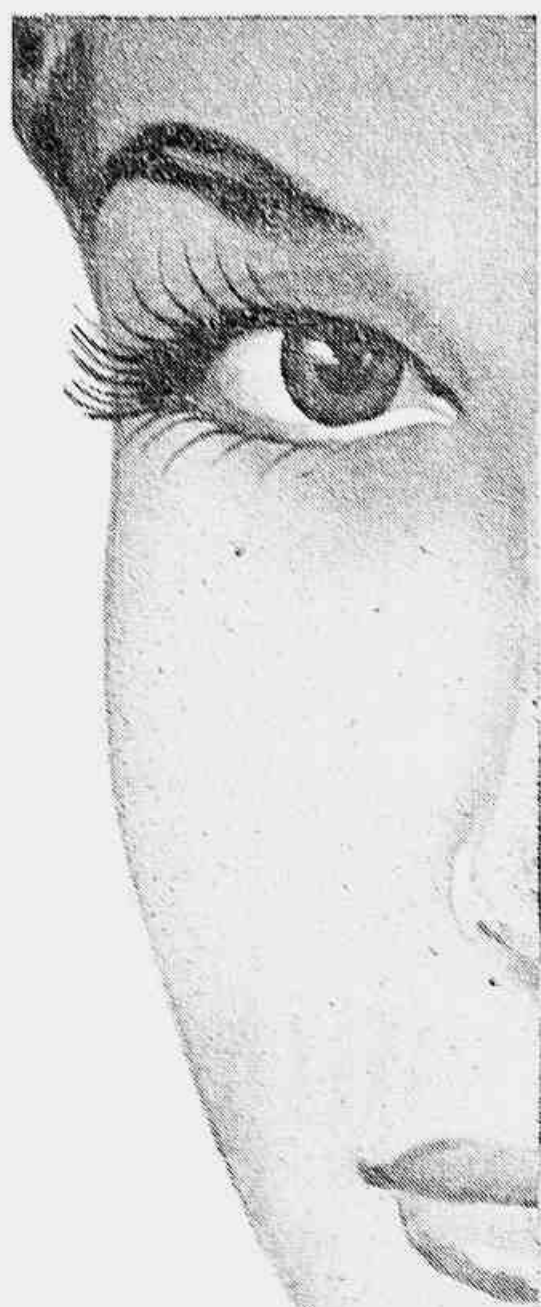
" " " " 1000 "

SABÃO RUSSO SÓLIDO E EM BASTÕES PARA BARBA

INDISPENSÁVEIS EM TODOS OS LARES

À venda em toda parte

Labor.: RUA D. MARIA, 107 — RIO DE JANEIRO



OLHOS
estranhos
e belos...



Graças ao Cilion, V. pode possuir sobrancelhas mais graciosas e brilhantes, cílios mais escuros, mais longos e recurvados. Cilion impede a formação de caspas e terçóis, garantindo olhos atraentes e belos!

Prefira o TUBO GRANDE
rende mais e custa relativamente pouco



CILION
embeleza e protege os olhos

Publicidade para a
Revista da Semana
em São Paulo
Tratar com
JARBAS DE FREITAS
GALVÃO
Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º andar — Sala 217

PELAS estradas do CEU

Por ANDRÉ MAX

FAZ poucos dias desceu no Rio de Janeiro, um dos mais famosos aviões da frota aérea da Marinha de Guerra dos Estados Unidos, batizado com o pitoresco nome de "Tartaruga Truculenta". Na verdade, um pouco atrás e à esquerda do enorme nariz do aparelho, desenharam um desses quelônios, com ares de Popey, com seu boné de marujo, não faltando mesmo um cachimbo de marítimo.

Pouca gente conhece o tipo desse avião de guerra. É um moderníssimo "Lockheed P2V Neptune", batizado em 1947, tendo, em seguida levantado o "record" mundial de distância, voando 11.236 milhas, da Austrália a Ohio, nos Estados Unidos.

Possui esse cruzador aéreo tudo o que um piloto pode desejar, sendo ainda um avião muito fácil de pilotar-se. Opera como um caça, apesar da envergadura de sua asa, que mede nada menos de cem pés, e do seu peso. É rápido e tem numerosas aplicações, embora sua missão especial seja a de patrulha. Além disso é uma das máquinas aéreas de combate mais pesadamente armadas dos nossos dias, podendo-se mesmo dizer que se trata de um verdadeiro cruzador dos céus.

Sua missão especial é a de patrulha anti-submarina de longo alcance, tanto de dia como à noite, e as suas missões secundárias são, a de patrulha, de reconhecimento fotográfico, de lançamento de minas e a de ataques noturnos de torpedo.

Esse famoso aparelho tem, sem comparação, maior raio de ação do que qualquer outra aeronave de combate da Marinha, e o seu alcance pode ser calculado em 5 mil milhas, ponto extremo marcado pela "Tartaruga". Foi lançado ao ar empregando decolagem de jato, a fim de levantar sua carga de 85 mil libras da pista de Porth, na Austrália. Os tanques de fuselagem e os de combustível colocados nas asas, foram de grande auxílio na marcação do novo "record" de 11.236 milhas, em 55 horas sem escalas. O "record" do B-20, era de 7.916 milhas, do Guam aos Estados Unidos.

A primeira vista a "Tartaruga Truculenta" impressiona pela altura do seu leme de direção, com 28 pés, e pelas suas linhas aerodinâmicas.

Os seus dois motores de 2.500 cavalos cada um, tornam-no muitíssimo potente. Sua classificação é a de um avião médio de patrulha e está incluída na classe de



O "Tartaruga Truculenta" visto de perto no lugar a que se acobrou durante sua estada no Rio de Janeiro

radio-busca, receptor de faixa, farol de marcho, rádio altímetro, "Loran", frequenciômetro, radar de busca e um sistema de radar para lançamento de bombas.

Na história da aviação naval muitas foram as aeronaves que já se candidataram ao título de "navio da Armada" e a mais recente é a "P2V Neptune". A última prova desse "Lockheed" foi a sua decolagem a jato do porta-aviões "Coral Sea", levando um carregamento de 85 mil libras acriticamente digno de registro histórico que serve para chamar a atenção do mundo sobre este avião de grande capacidade.

Foi a seu bordo que chegou ao Rio, onde permaneceram por alguns dias, o almirante Cedeno Harwood, chefe dos Negocios Pan-Americanos para as Missões Navais dos Estados Unidos e inspetor geral das Missões Navais Americanas. Nesse seu giro esteve o almirante Harwood em Santiago do Chile, Buenos Aires, Rio, Belém, seguindo daí para a Venezuela, Peru, Guatemala e o México, completando uma extensa missão e trazendo a segurança das Américas, no total de 10.400 milhas.



Fume! Mantenha porém
seus dentes livres das manchas
estéticas Manchas de
Nicotinai

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumuladas nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras pómes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda
dos
Cabellos

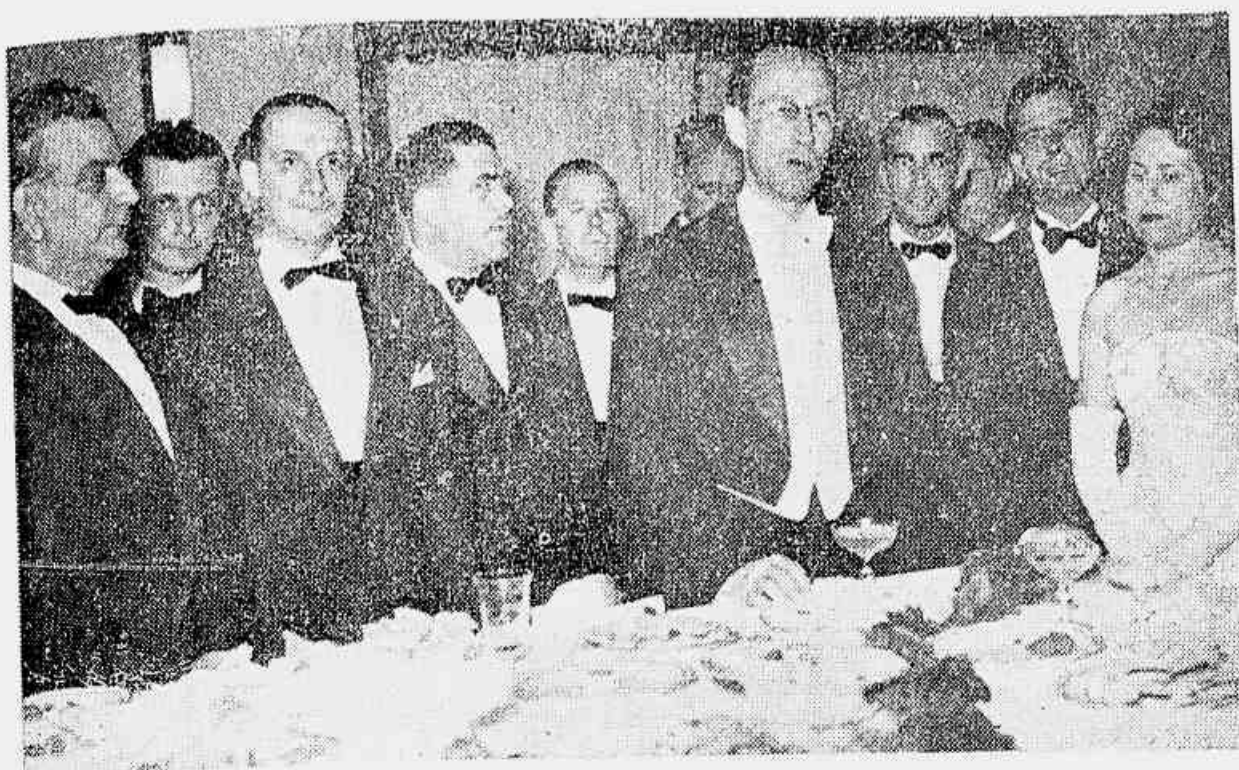
JUVENTUDE
ALEXANDRE

Mitigal

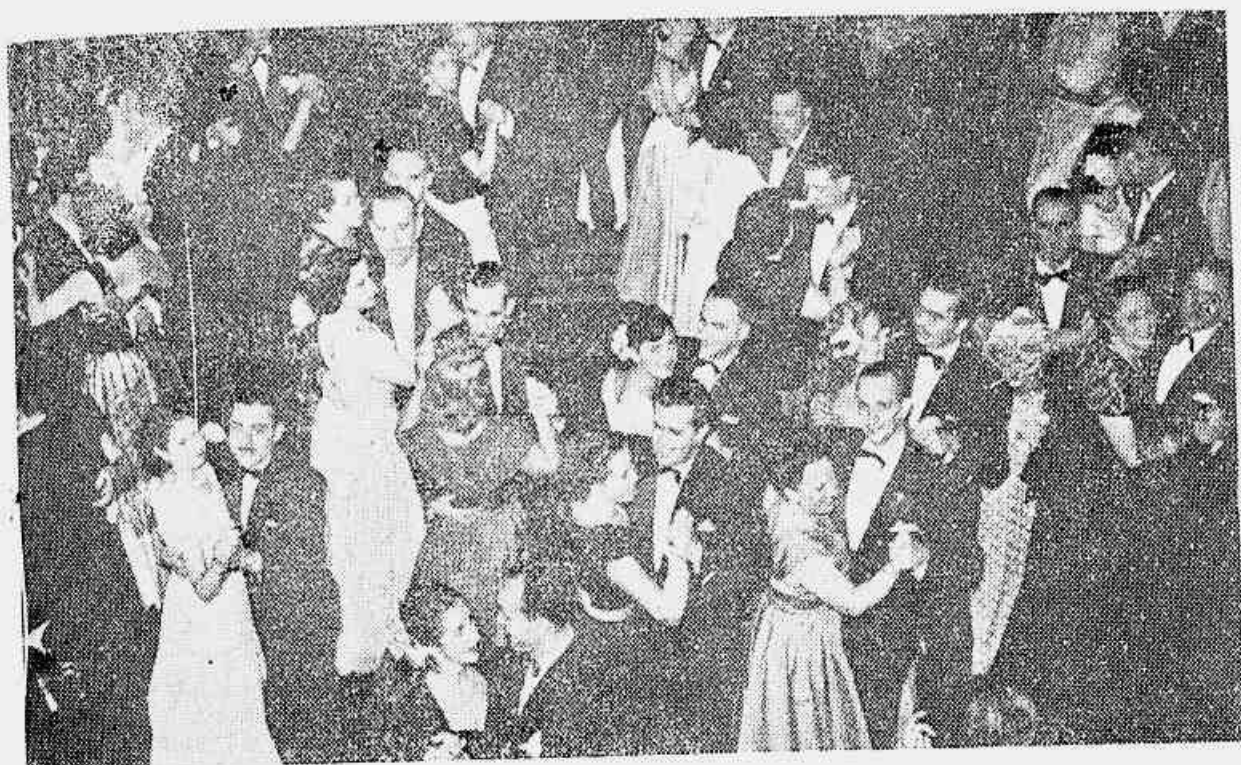


Acaba com
as
coceiras

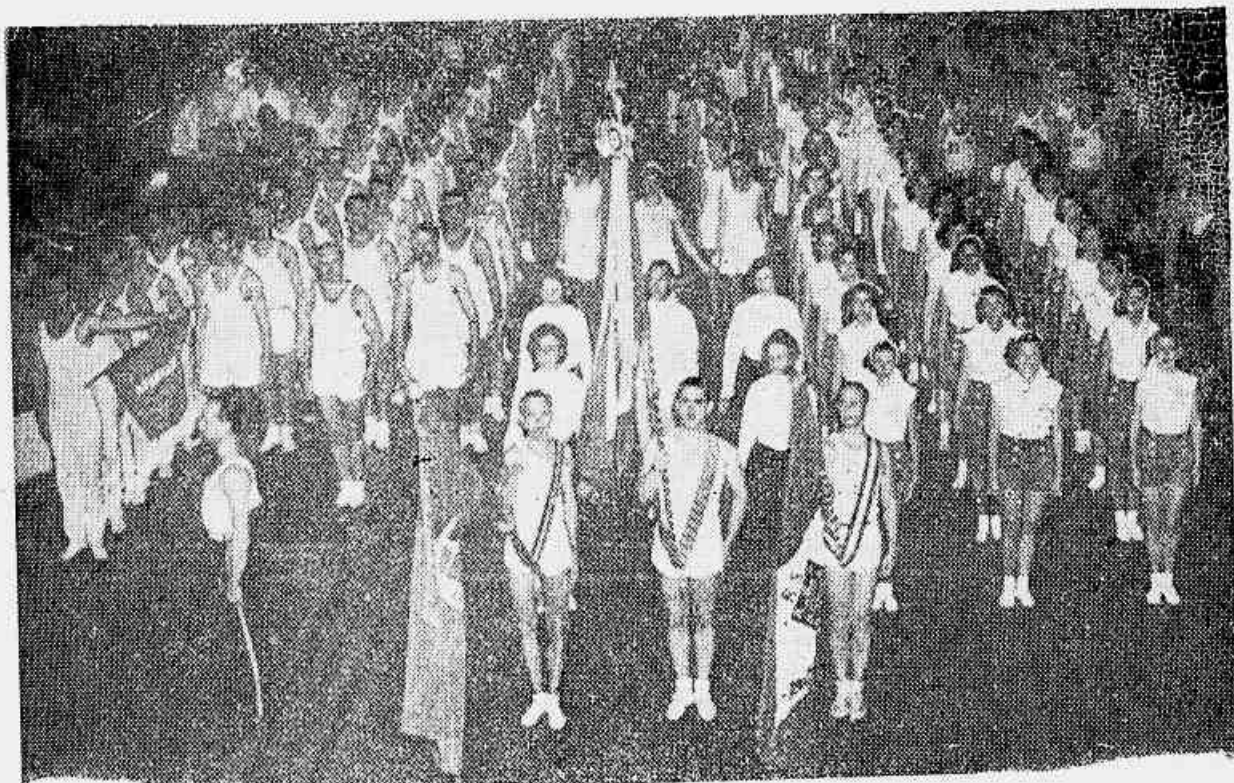
R. S. CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS — 80.º ANIVERSÁRIO



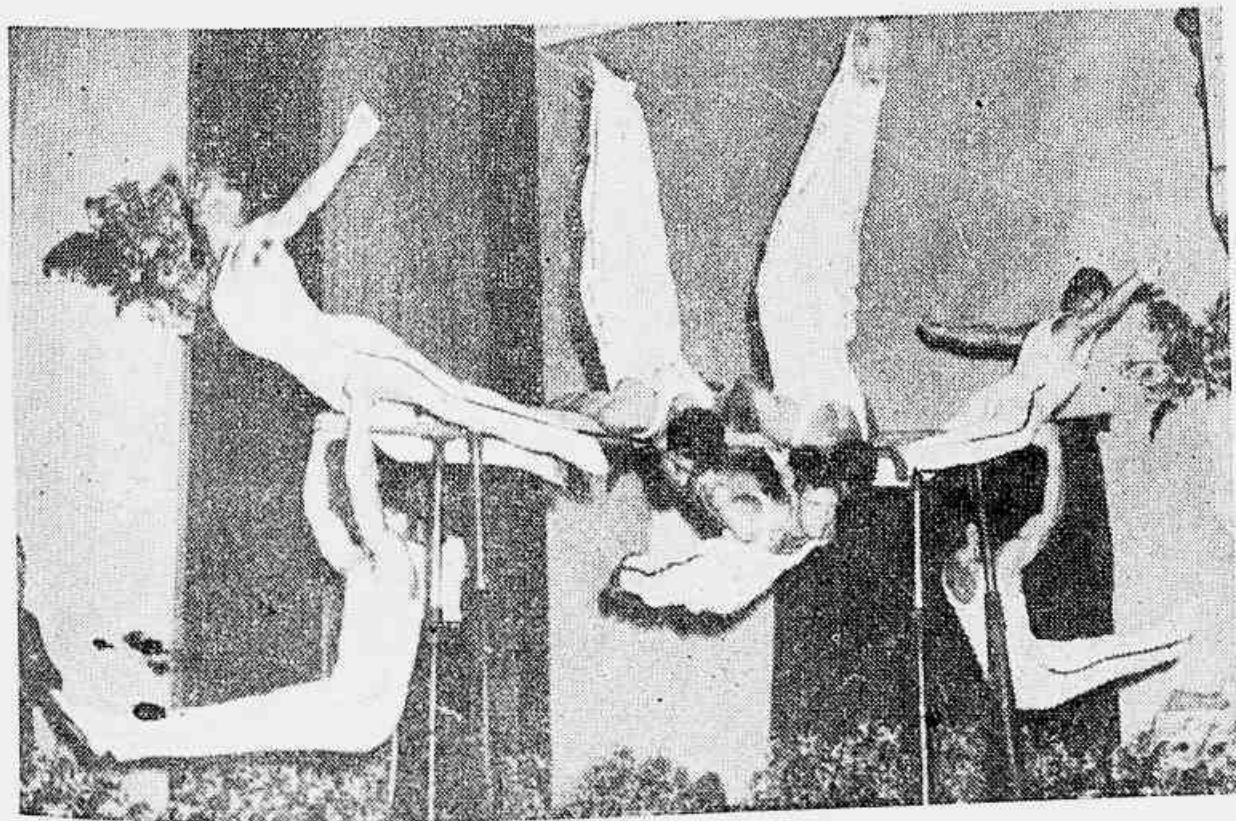
O presidente José Teixeira Novais, cercado de diretores do Clube e de elementos destacados da sociedade local no dia do encerramento das festas comemorativas do aniversário do grêmio que tanto tem feito para tornar cada vez mais acentuado o sentido de luso-brasilidade reinante em seu quadro social



Detalhe fotográfico do animado baile de gala, que teve um cunho de requintada elegância, e que constituiu o ponto culminante das festas aniversárias do clube



Aspecto parcial do grande desfile das Escolas de Educação Física do Ginástico, promovido para assinalar a passagem do 80.º aniversário de sua fundação



Um interessante número das exibições feitas por alunos das Escolas de Educação Física, e que deixaram na assistência uma agradabilíssima impressão

Melhor que um guarda sol...



oleo MATASOL

Único produto fabricado especialmente para proteger a epiderme contra os raios infra-vermelhos.

Evite as perigosas consequências das queimaduras causadas pelo sol, usando MATASOL!

Tonifica e bronzeia a pele.

Embalagem muito prática, em ampolas de gelatina, o que facilita a sua aplicação.

À venda em todas as farmácias e drogarias.

FABRICA BRASILEIRA DE AMPOLAS

Rua Visc. de Parnaíba, 1182 — São Paulo



SIPEX

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

A VIDA DE FRANÇOIS RABELAIS

(Continuação da pág. 20)

Rabelais não tem o menor respeito pela estrutura da obra literária. Tecnicamente, a história de Gargantua, Pantagruel e Panurgo é um amontoado de asneiras e absurdos. O primeiro livro descreve o nascimento, a infância e a educação de Gargantua, pai de Pantagruel — como veio para Paris e roubou os sinos de Notre Dame para pendurá-los no pescoço de seu cavalo; como seu avô venceu Biterbille com a ajuda de Frei João e de como recompensou o monge construindo para ele a Abadia de Thelême, que se tornou o centro da nova ordem religiosa chamada "Faça o que quiser". A única regra desta ordem religiosa, informa-nos Rabelais, era não observar nenhuma

regra. Na abadia não devia existir relógio para que ninguém se lembrasse do tempo ou das obrigações. Em vez de se submeter aos três votos de castidade, pobreza e obediência, os monges e as freiras desta abadia tinham permissão de casar, acumular riquezas e fazer as suas próprias leis. As portas dessa abadia deviam estar sempre fechadas para "carolas, hipócritas, advogados, juizes, magistrados, banqueiros, devassos, mentirosos, covardes, trapaceiros e ladrões". Por outro lado, este lugar devia ser um abrigo ideal para os homens que amavam o prazer e para as mulheres que gostavam de agradação — "indivíduos folgazões, inteligentes, bem humorados, limpos, cheios de vida, joviais, belos, dignos, cortesões e senhoras deliciosas, encantadoras, sorridentes, amáveis, magnéticas, atraentes, jovens distintas, elegantes e espirituosas".

Tais são os homens e as mulheres (citamos apenas um punhado dos adjetivos rabelaisianos) que deverão formar a comunidade da nova ordem "Faça o que quiser". E devem passar a vida mais em festas do que em jejuns, gozando e proporcionando gozo, na pacífica satisfação de uma barriga cheia e de um coração alegre. Satisfazei-lhes os desejos e teréis morto a sua avidez. "Pois é da natureza humana ambicionar aquilo que lhe é negado".

Com este quadro burlesco da Abadia de Thelême termina o primeiro volume de *Pantagruel*.

O segundo volume trata do nascimento e da educação do filho de Gargantua, Pantagruel, e do seu encontro com Panurgo, o engenhoso doutor em fraudes que sofria de uma física crônica de albigéria e era "um cavalheiro de indústria, um beerrão, arruaceiro, adúltero e, sem a menor dúvida, o mais desclassificado e dissoluto salafrário de Paris; a não ser isso, e em tudo o mais, o melhor sujeito do mundo". Tendo assim apresentado oficialmente o seu herói, o autor pega-nos pela mão — ou talvez pelo nariz — e guia-nos através dos horizontes do nada até os jardins do disparate. "E que vos precipiteis no enxôfre, no fogo e no bátrio — adverte-nos Rabelais — se não acreditardes piamente em tudo o que vou contar-vos na presente crônica — como Panurgo escapa das mãos dos turcos; como induz seiscientos mil e quatorze cães a regar uma senhora que rejeitou seus galanteios; como Pantagruel, da maneira mais estranha, gera cinquenta e três mil homenzinhos e um número igual de mulherzinhas; como obtém uma grande vitória sobre os gigantes e como Epistémon, cuja cabeça fora decepada, ressurgiu e dá ao mundo as últimas notícias do inferno. E assim termina o segundo volume com "uma boa-noite para todos, meus senhores, e não penseis demasiado nos meus erros para não acabardes esquecendo os vossos".

O terceiro livro desta "farsa imaginosa e palhaçada embusteira" é, sob o ponto de vista da estruturação, ainda menos lógico do que os dois primeiros. Começando com um retrato do filósofo Diógenes a rolar o seu tonel por cima de cento e três verbos consecutivos (nem Shakespeare possuiu uma facilidade de linguagem tão assombrosa), Rabelais transporta-nos, em seguida, à Utopia. Essa "terra do nunca" tem nove bilhões de habitantes que andam com vontade de conquistar o mundo inteiro", não pela força das armas mas livrando a todos de suas preocupações, ensinando-os a viver em paz e bem, dando-lhes boas leis e tratando-os com a máxima afabilidade, cortesia, delicadeza e amor". E agora que nos trouxe a essa terra que o coração tanto deseja, e preparou as asas da nossa ansiedade para novos vãos audazes, o autor pára subitamente sua narrativa e dedica todo um livro à discussão do casamento. O motivo dessa discussão é o seguinte: Panurgo gostaria de se casar, porém hesita em fazê-lo, receando que sua esposa venha a ser-lhe infiel. Este problema que o deixa perplexo, leva-o a encher trinta e quatro capítulos do livro com uma investigação do "problema" da fidelidade ou infidelidade da mulher a seu marido. Consulta um sem-número de pessoas — uma profetisa, um poeta, um surdo-mudo, um astrólogo, um teólogo, um médico e um palhaço — e, depois de ouvi-los a todos, fica mais palavroso e tão pouco instruído como antes. Do palhaço, entretanto, recebe um conselho prático: levar o seu problema ao oráculo que tem respostas para tudo.

E isto nos leva ao quarto e quinto livros — a viagem para o oráculo. Esta viagem é uma série de aventuras e gargalhadas que se espalha por toda a terra, acima e abaixo dela. Quando por fim Pantagruel e Panurgo atingem o seu objetivo, o oráculo lhe diz que a única resposta para aquele problema está numa palavra: *Beba*. Beba profundamente da vida, da beleza, do prazer, do conhecimento, da verdade. "Tudo isso é muito bom", como observa Panurgo, mas deixa-o, em relação ao problema do casamento, tão perplexo como antes de visitar o oráculo.

E assim o embaraçado fio do sublime despautério, que não começa em parte alguma e que a nenhum lugar leva, se quebra subitamente.

Tratamos, até agora, da ilogicidade do enredo. Passemos aos detalhes. Estes são tratados com a mesma falta de lógica. Em alguns trechos Gargantua é um gigante, em outros é um homem de estatura normal. Às vezes Panurgo é um homem sábio, corajoso e honesto; outras vezes, é um patife, um covarde e um tolo. A ação do livro se desenvolve num rodopio louco e alegre como o próprio mundo. No primeiro livro Gargantua vive no lendário país da Utopia. No segundo, ele é levado "sem nenhuma razão nem explicação", para a terra natal de Rabelais, na Touraine. No vigésimo terceiro capítulo do segundo livro Gargantua desaparece da história, transportado para o país das fadas. Depois, no capítulo trigésimo quinto do terceiro livro, ele surge no meio de uma página como se nada lhe tivesse acontecido. Essas são algumas das muitas contradições da obra. Rabelais

Bolo Royal da Semana

Faça bolos... Esta semana... E sempre... Sem esperar os grandes dias. As amigas ficarão encantadas, as visitas ficarão captivas. Fermento Royal está a seu dispor para assegurar-lhe bolos bonitos e apetitosos.

BOLO SOL

- 2 COLHERES (SOPA) MANTEIGA
- 1 XÍCARA RASA AÇÚCAR
- 3 GEMAS
- 1/2 XÍCARA LEITE
- 1 COLHER (CHÁ) ESSÊNCIA
- 1 1/2 XÍCARAS RASAS FARINHA DE TRIGO
- 3 COLHERES (CHÁ) ROYAL

Bata bem a manteiga com o açúcar. Acrescente as gemas que também devem estar muito bem batidas, e a essência. Peneire juntos a farinha e o Royal e adicione-os alternadamente com o leite à primeira mistura. Forma untada e forno brando, durante mais ou menos 45 minutos. Cubra o bolo com creme de chocolate, massa de suspiro ou creme Chantilly.

GRÁTIS!

OBTENHA O CARTÃO ROYAL E GANHE O "LIVRO DE RECEITAS ROYAL" Solicite hoje um Cartão Royal de seu fornecedor para saber como ganhar gratuitamente o famoso Livro de Receitas Royal. Ou escreva para Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.

PROD. DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC. — RIO DE JANEIRO

O SEGREDO DA "BOA MÃO"



NAO SOBRÁRA NADA!

Os MAGOS da culinária

• Pudera! Tão saborosos...
E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

AMIDO DE MILHO
MAIZENA
DURVEA
MARCAS REGISTRADAS

Verifique o acampamento índio em cada pacote

À "MAIZENA DURVEA" 49- 3 7
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "OS MAGOS DA CULINÁRIA"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

nunca senti o peso do papão que acabrunha os espíritos tacanhos. Estava muito atarefado na criação de uma obra-prima para se preocupar com as regrinhas feitas a martelo para uso de literatelhos. Os melhores artistas são às vezes os piores artesãos. Graças a Deus!

III

Externamente, como vimos, a obra de Rabelais é uma invenção louca, desconexa, sinuosa, absurda, que não obedece a nenhum plano. Mas vamos abrir novamente a porta e lançar um olhar mais detido a alguns dos surpreendentes tesouros que ela esconde. Que examinaremos em primeiro lugar? O espetáculo é tão fantástico, tão rico, variado, deslumbrante e tão vivo que a mente se embriaga e mal pode decidir-se a uma escolha. A única maneira de aquilatar o valor de Rabelais é lê-lo do começo ao fim. Entretanto, para dar uma amostra do sabor que só na sua obra é possível encontrar, tomemos qualquer página ao acaso. Vamos fazê-lo e saborear Rabelais, não onde ele revela possuir maior dose de sal, mas contentando-nos com o termo médio, e já soberbo, da sua obra.

Observe-se, por exemplo, como satiriza a pompa campanuda das decisões forenses. Os srs. Baiseul e Humevesne envolveram-se numa disputa na presença de Pantagruel. Eis a sentença de Pantagruel, ouvidas as partes:

"Tendo visto, ouvido, calculado e devidamente ponderado a desinteligência entre os srs. Baiseul e Humevesne diz o tribunal que relativamente ao repentino tremor, tiritar e encanecer do morcego, declinando bravamente a partir do solstício estival, a tentativa por meios privados e a surpresa de fioleiras mínimas naqueles que, por terem "entornado" um pouco mais da conta, se sentem um tanto ou quanto indispostos, pelo procedimento lascivo e irritante dos escaravinhos que habitam no clima diardal de um hipocritico mono a cavalo, curvando para trás uma balista, o querelante teve realmente justo motivo para calafetar com estôpa as fendas do galeão que a boa da mulher explodiu com vento, tendo um pé calçado e o outro descalço, reembolsando e restituindo-lhe, rijo e submisso em sua consciência, tantos alfóstigos e pistácias silvestres quantos pêlos há em dezoito vacas, com outros tantos para o bordador e mais tantos para etc. E' por igual declarado inocente do caso privilegiado dos talitros, cujo risco julgaram que ele houvesse corrido...". E assim por diante períodos e períodos afora, e no fim desse galimatias duplo ordena o juiz que o querelante pague ao querelado uma multa "em meados de agosto e maio".

E se o leitor se queixa de não ter entendido nada de tudo aquilo, o autor confessa com um sorriso brejeiro: "Nem eu".

Rabelais sentia um saudável desprezo pela profissão de advogado. "Nossas leis", disse, "são como teias de aranha; as moscas pequeninas e tolas são apanhadas nelas e destruídas, mas as grandes e fortes rompem-nas, forçam-nas e levam-nas consigo para onde querem". O mal da maioria dos advogados, acrescentava, é "possuírem palavras de mais na língua e sabedoria de menos na cabeça".

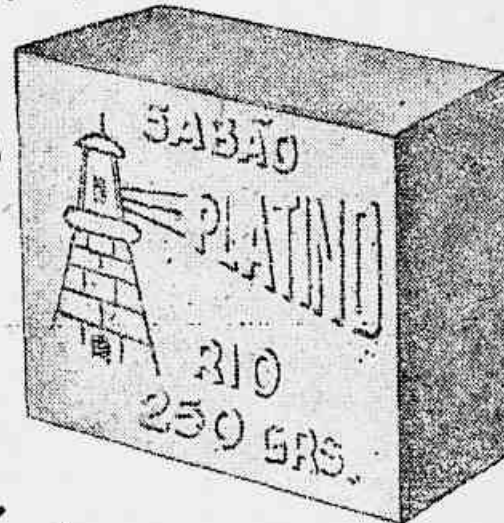
O mesmo, declara Rabelais, se diga com relação aos filósofos, especialmente os "metafísicos que descrevem em frases eruditas e medem em termos científicos as coisas que não existem". Um desses metafísicos, conta-nos Rabelais, escreveu uma douda de dissertação sobre o problema de se uma quimera zumbindo num vácuo é capaz de devorar segundas intenções. Outros se preocupavam com problemas tais como, se uma idéia platônica, dirigindo-se para a direita sob o orifício do Caos, poderia afastar os átomos de Demócrito; ou se a frigidez hibernal dos antípodas, passando numa linha ortogonal através da homogênea solidez do centro, podia por uma delicada antipe-rístase aquecer a convexidade superficial de nossos calcanhares. "Uma praga sobre esses sacos de vento que sufocam uma idéia debaixo de um alude de palavras" — esses pseudo-eruditos que aprendem muita coisa sobre muito pouca coisa, até que chegam a saber tudo a respeito de nada — esses professores cegos de discípulos cegos que tateiam num quarto escuro à procura de um gato preto que não está lá.

O bom Rabelais nos livra de tanta estupidez. Não nos põe diante de idéias vaporosas mas de fatos sólidos. E habilita-nos a experimentar esses fatos com todos os nossos sentidos vivos.



E' o que afirmam milhões de donas de casa em todo o Brasil por haverem encontrado no SABÃO PLATINO qualidades excepcionais, algo diferente que supera tudo quanto se possa desejar e exigir de um grande e maravilhoso SABÃO. As roupas mais limpas e cheirosas; maior eficiência e rendimento nas lavagens a par da pureza absoluta que lhes emprestam os óleos vegetais de que é fabricado, fizeram de PLATINO o mais falado e usado SABÃO do Brasil. Mas convém não esquecer de que tudo o que é BOM e se torna FAMOSO passa a ser imitado. Por isso, ao comprar SABÃO PLATINO,

EXIJA-O SEMPRE
MARCADO ASSIM



Do contrário,
não é legítimo

ATENÇÃO! SENHORAS DO INTERIOR ATENÇÃO!
Se na cidade onde mora o seu fornecedor não tiver SABÃO PLATINO, peça diretamente à fábrica uma caixa de 16 pedaços, sendo de 250 grs. cada, por apenas Cr\$ 40,00 pelo REEMBOLSO POSTAL, discriminando quantas caixas

COUPON DE PEDIDOS

Queiram enviar-me do famoso SABÃO PLATINO

Nome

Rua Nº

Cidade ou localidade

SEM MAIS DESPESAS

Recorte e remeta este coupon diretamente para
CARLOS PEREIRA, INDÚSTRIAS QUÍMICAS S/A
Caixa Postal 216 — Rio de Janeiro



CARTEIRINHAS SOCIAIS

Associações — Clubes — Colégios —
Sindicatos — Centros Espíritas, etc.
— Qualquer quantidade

MOACYR F. FREITAS

AV. PRESIDENTE VARGAS, 831
SOBRADO — TELEFONE 43-5476

Atendemos pelo Reembolso Postal



AS REALIZAÇÕES DO INSTITUTO DOS BANCÁRIOS

Ao ensejo das festas comemorativas da "Semana da Democracia", o I.A.P.B. inaugurou o seu novo Serviço Médico, modernamente instalado em dois andares do Edifício "Darke". Ao ato compareceram além do Presidente do Instituto, sr. Aderbal Novais, S. Excia. o sr. General Eurico Dutra, Chefe da Nação, dr. Samuel Duarte, Presidente da Câmara dos Deputados, sr. Wilson Ferreira, Delegado do Distrito Federal, e muitas outras pessoas de relevo da sociedade local. A foto que ilustra esta notícia foi colhida durante as solenidades inaugurais.

POR QUE PRECISAM AS MULHERES DE DOIS REGULADORES?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1, para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dôres, vertigens, insônia nervosismo, fastio, etc.

O Regulador Xavier N.º 2, para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.º andar

-- Sala 217 -- Fone: 6-6718

Mas toca também nossos sentidos com o facho de luz da razão. Sua imaginação exuberante dança sobre suas páginas numa torrente de sabedoria e de beleza. Ele é um dos maiores mestres mundiais da interpretação da verdade por meio da ficção. Seu livro está cheio de anedotas esclarecedoras e contos estimulantes. Alguns desses contos e anedotas poderão provocar a desaprovção do nosso ouvido, mas todos eles trazem o brilho da compreensão ao nosso peito. Para Rabelais a vida é uma anedota, uma pilhéria divina com um final pungente. Sem a pungência dramática, isto é, sem o choque da surpresa, nenhuma vida é digna de ser vivida e nenhuma história é digna de ser lida. Rabelais é o perfeito autor dramático. Em suas histórias deve-se esperar sempre o inesperado. O leitor encontrará dessas surpresas na aventura do homem que casou com uma mulher muda, na anedota sobre François Villon e o rei Eduardo da Inglaterra, na história do carregador que pagou o tilintar do seu dinheiro, a fumaça no seu pão, nos cinco remédios empregados por Panurgo para acalmar os seus apetites carnis e naquela história que é a mais bela e valiosa de todas: a do anel de Hans Carvel. Talvez ásperas de mais para a simplicidade direta do nosso vernáculo moderno, essas histórias soam perfeitamente decorosas no francês do século XVI cheio de matizes sutis. Rabelais sabia temperar com o aroma do senso comum até o vinho mais picante.

IV

Os últimos anos da vida de Rabelais foram, diferentemente do que acontece em suas histórias, temperados com especiaria, mas nem sempre com senso comum. Fez conferências sobre medicina, foi dos primeiros a introduzir a dissecação no estudo da anatomia, inventou um instrumento cirúrgico — o glossótomo — destinado a amputar a língua. Viveu durante algum tempo na Abadia de São Mauro, onde se portou como "um monge correto, se já houve algum desde que o mundo monástico monaquizou um mosteiro". Depois, meteu-se em política e foi priso. Pôsto em liberdade, passado pouco tempo, trabalhou como conselheiro editorial e chegou mesmo a tentar por algum tempo o teatro como válvula de escape para sua exuberante energia.

Voltou depois para o mosteiro, ordenou-se de presbítero, renovou seu voto de castidade, quebrou-o tornando-se pai carnal como o era espiritual, arrependeu-se de sua fraqueza e depois arrependeu-se de seu arrependimento. Finalmente, faleceu (9 de abril de 1553), rico em aventuras mas não em anos.

E assim viveu, riu e morreu o mais alegre de todos os satíricos.

OBRAS IMPORTANTES DE RABELAIS: Pantagruel e Gargantua.

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tônico poderoso

DRAGO

Por Hogart Nº 13

VOCÊ ES-
TA LINDA
DARBY, VE-
NHA DIVER-
TIR-SE!

UAI VI QUE DRAGO.
ESTA DO LADO DE
LES? COMO FUI IN-
GENUA ENTREGAN-
DO-LHE O IDOLO!

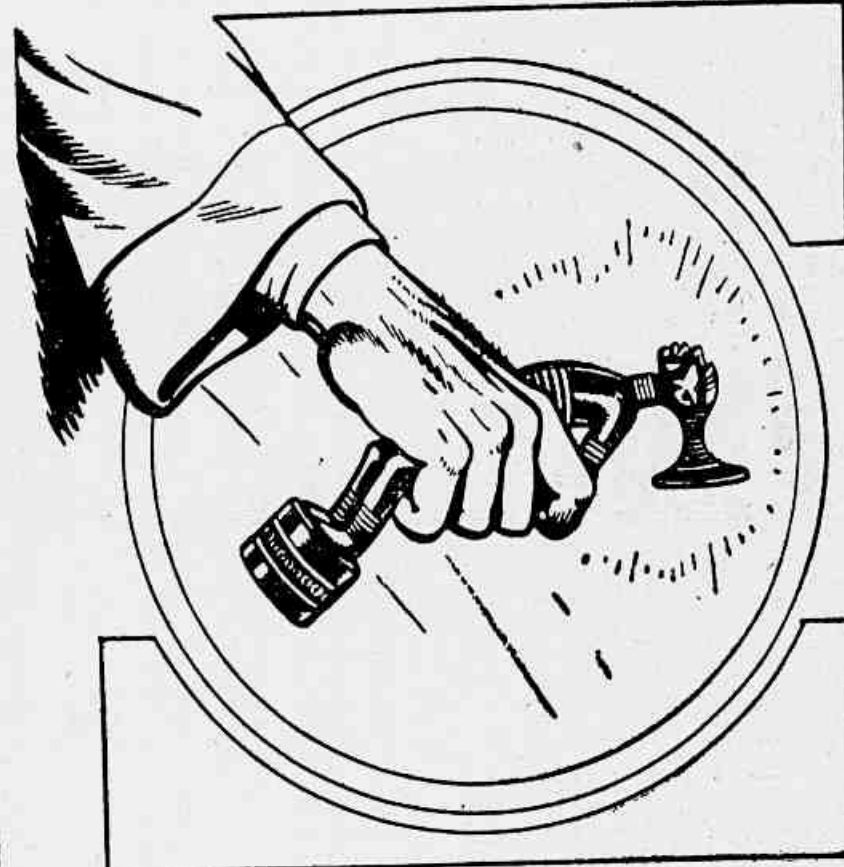
ELA DEVE ES-
TAR ME DDIAN-
DO, SI PUDESSE
EXPLICAR-
LHE...

NÃO SE ILUDA COM AS PALAVRAS
DE RODRIGO, ELE É UM HOMEM
PERVERSO. CUIDADO! ESSA
GENTE É PERIGOSA!



AINDA NÃO A APRE-
SENTEI AO MEU FILHO...
DARBY, ESTE É
DRAGO.

QUANDO DRAGO SE CURVA CORTEZMEN-
TE, O IDOLO CAI AO SOLO.



CALMA,
AMIGO, ISTO É
MEU!

DRAGO,
ONDE A-
CHOU IS-
TO?

FOI-ME
CONFIADO POR
ALGUÉM QUE
NÃO CONFI-
A EM MIM!

DARBY TEM
QUE CONFIAR
EM MIM, SI
PUDESSE FA-
LAR-LHE
A SOS!

SERÁ QUE
ME ENGA-
NEI A RES-
PEITO DE
DRAGO?

SERÁ
DIFÍCIL REAVER
O IDOLO, SI
CONSEGUIR
MOS SAIR
VIVOS
DAQUI!

SI O CHE-
FE ME
DEIXA SE
AGIR...

QUE ESTATUETA É
ESSA? POSSO
VE-LA?

ENQUANTO A ESTATUE-
TA PASSA DE MÃO EM
MÃO, EM QUE ESTARÃO
PENSANDO?

DARBY DEU O
IDOLO AO MEU
FILHO? HÁ DE
SER MEU!

PORQUE RO-
DRIGO NÃO
TOMA ME-
DIDAS ENER-
GICAS?



Copyright 1946, N. Y. Post Corp.

1-27-46

DRAGO

por
Hogart

Nº 14

AFINAL, RODRIGO, PUZEMOS AS
MÃOS NO ÍDOLO, SI CONSEGUÍSSE.
MOS TIRALO DE RODRIGO...



NÃO TOSCA,
MEU FILHO NÃO
É TOLO. PRECI-
SAMOS TER
CUIDADO!

CUIDADO, CUI-
DADO! NÃO
SABE DIZER
OUTRA COISA!
TOME-O A FORÇA,
FAÇA ALGUMA
COUSA, VOCÊ NÃO
É O PAI DELE?



ESTA' ENGA-
NADA, DARBY
SI PRECISAR
DE MIM
ESTA-
REI POR
AQUI!



DARBY,
PRECISO
MUITO
FALAR-
LHE!

SEU IMPOSTOR! POR-
QUE NÃO DISSE QUE
ERA FILHO DELE!
NÃO QUE-
RO CON-
VERSA!



COM LICENÇA, QUERO
O ÍDOLO! ESTOU CAN-
SADO, VOU POR-
MIR!



VAMOS POR AS CARTAS
NA MESA, MENINA!
VOCE TROUXE O ÍDO-
LO. PORQUE
O DEUA
DRAGO?

NÃO É
DE SUA
CONTA!



ESTE ÍDOLO ME
PERTENCE. QUE
ACONTECEU AO
MESAGEIRO, SI
SABE ALGUMA
COISA
DIGA!



CALE-SE,
MC KEENA
VOCE ESTÁ
METIDO NIS-
SO ATÉ
OS CA-
BELOS!

VOCE NÃO TEM
O DIREITO DE
INTERROGAR
DARBY
ASSIM!

KIT,
VOCE
TAM-
BEM?



STILETTO! LEVE DARBY PARA O
QUARTO E NÃO A DEIXE SAIR.
ELA SERÁ NOSSA HOSPEDE
ATE' EU CONSEGUIR
O ÍDOLO!



Hospe-
de?

(PRISIO-
NEIRA, ISTO
SIM!)



FAZ-ME UMA INJUSTICA, QUE-
RIDA, EM TODO CASO PENSE
O QUE QUIZER!

CA
UM
HIS

A crônica ali, em p...
marcantes...
pole, o ap...
estabelecim...
do em ve...
elegantes...
registro po...
dos habit...
do que a...
mos aos...
sobre a r...
apresenta...
tela a ca...
sapatos s...
mais de...
para o co...
de pessoa...

As nov...
cam, real...
mento da...
nível dos...
nossa linc...
por outro...
comércio...
nados ar...

Estão,
CADETE
de confô...

CADETE...

UM PASSADO HISTÓRICO!

A crônica da cidade registra, aqui e ali, em permoio com os acontecimentos marcantes da vida trepidante da Metrópole, o aparecimento de novos e suntuosos estabelecimentos que vão se transformando em verdadeiros centros de reuniões elegantes da elite carioca. Mas nenhum registro poderia ser tão grato ao espírito dos habitantes desta encantadora cidade do que a notícia ilustrada que transmitimos aos nossos leitores, nesta página, sobre a nova feição com que agora se apresenta à sua distinta e numerosa clientela a casa CADETE, que, no ramo de sapatos sob medida para homens, há mais de meio século, vem contribuindo para o conforto e a elegância de milhares de pessoas.

As novas instalações de CADETE colocam, realmente, o tradicional estabelecimento da rua Gonçalves Dias, 43, no nível dos mais modernos e luxuosos da nossa linda cidade, permitindo-lhe ampliar, por outro lado, o raio de ação de seu comércio, ao qual já se encontram adicionados artigos finos para homens.

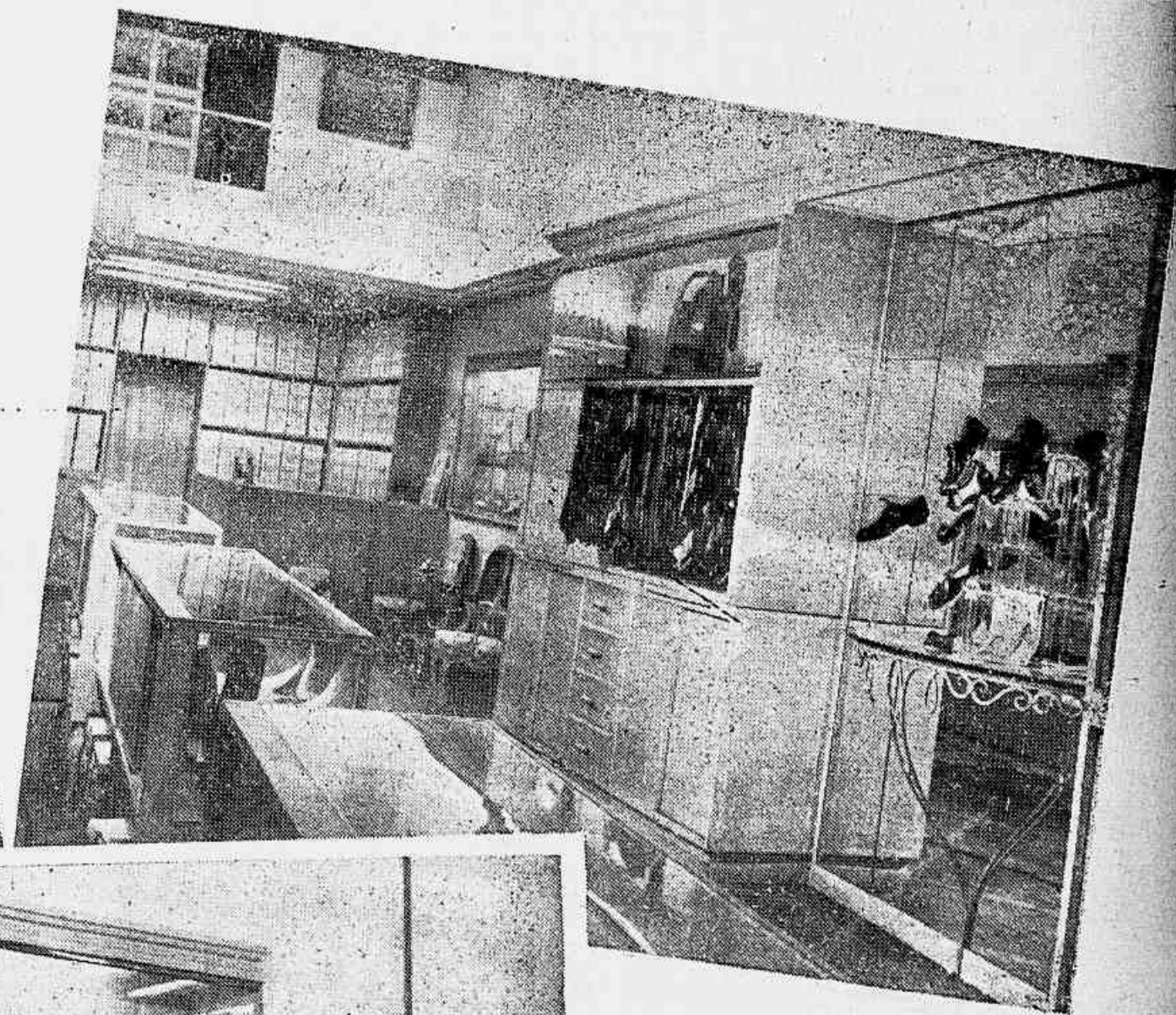
Estão, pois, os cariocas de parabéns. CADETE lhes oferece agora um ambiente de conforto e requintada elegância.



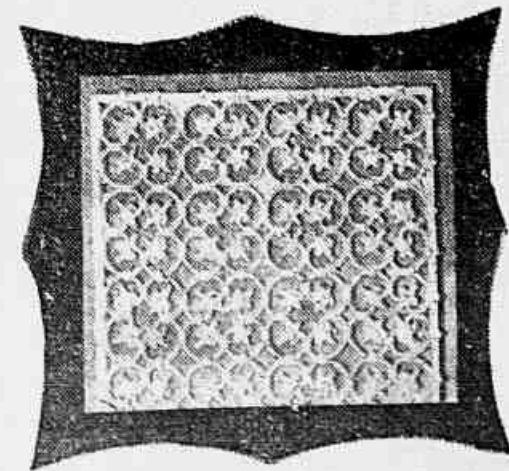
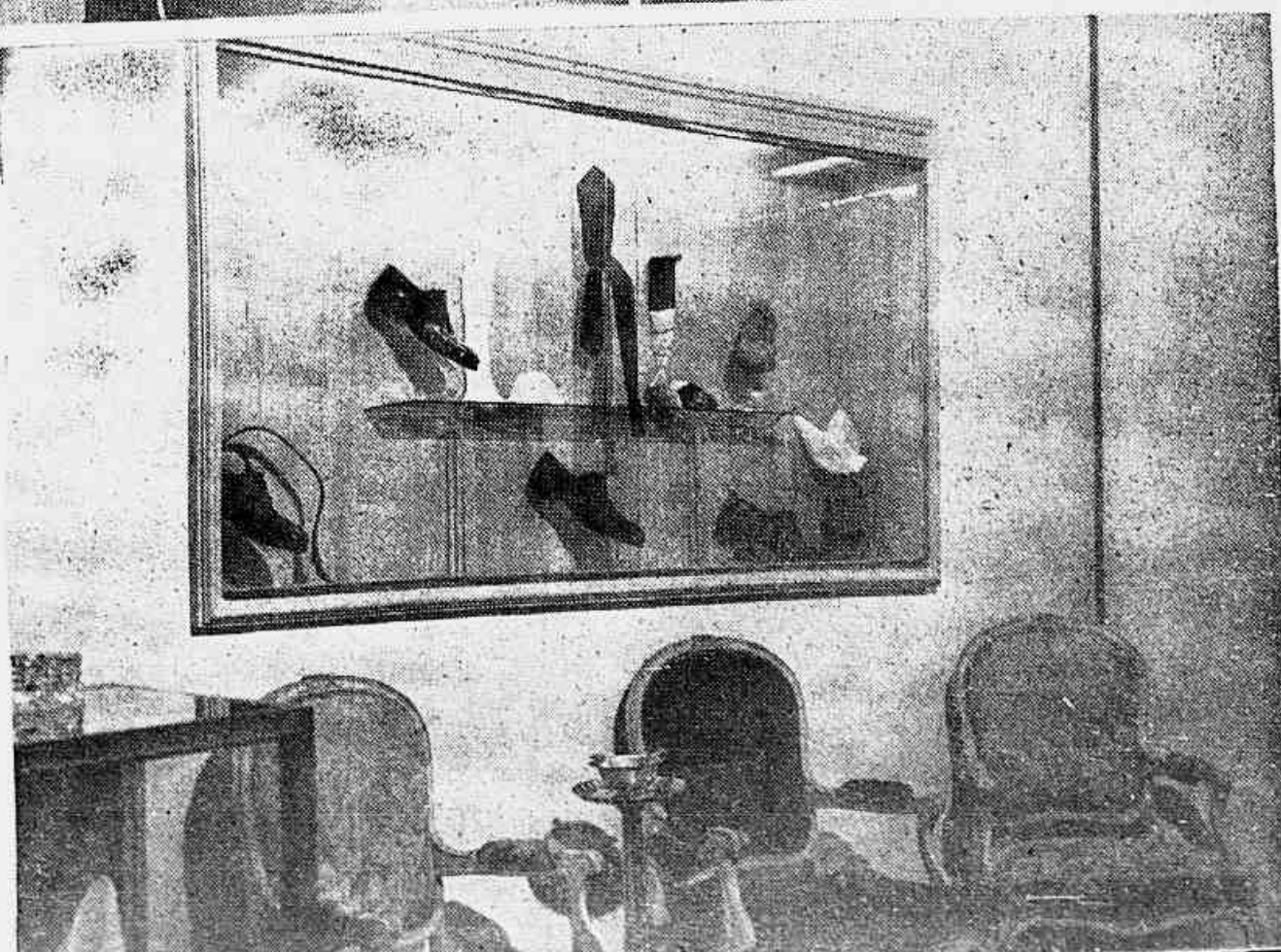
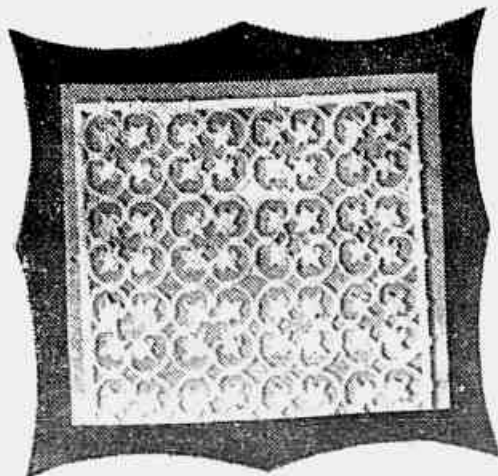
Aspecto da nova fachada da tradicional casa da rua Gonçalves Dias

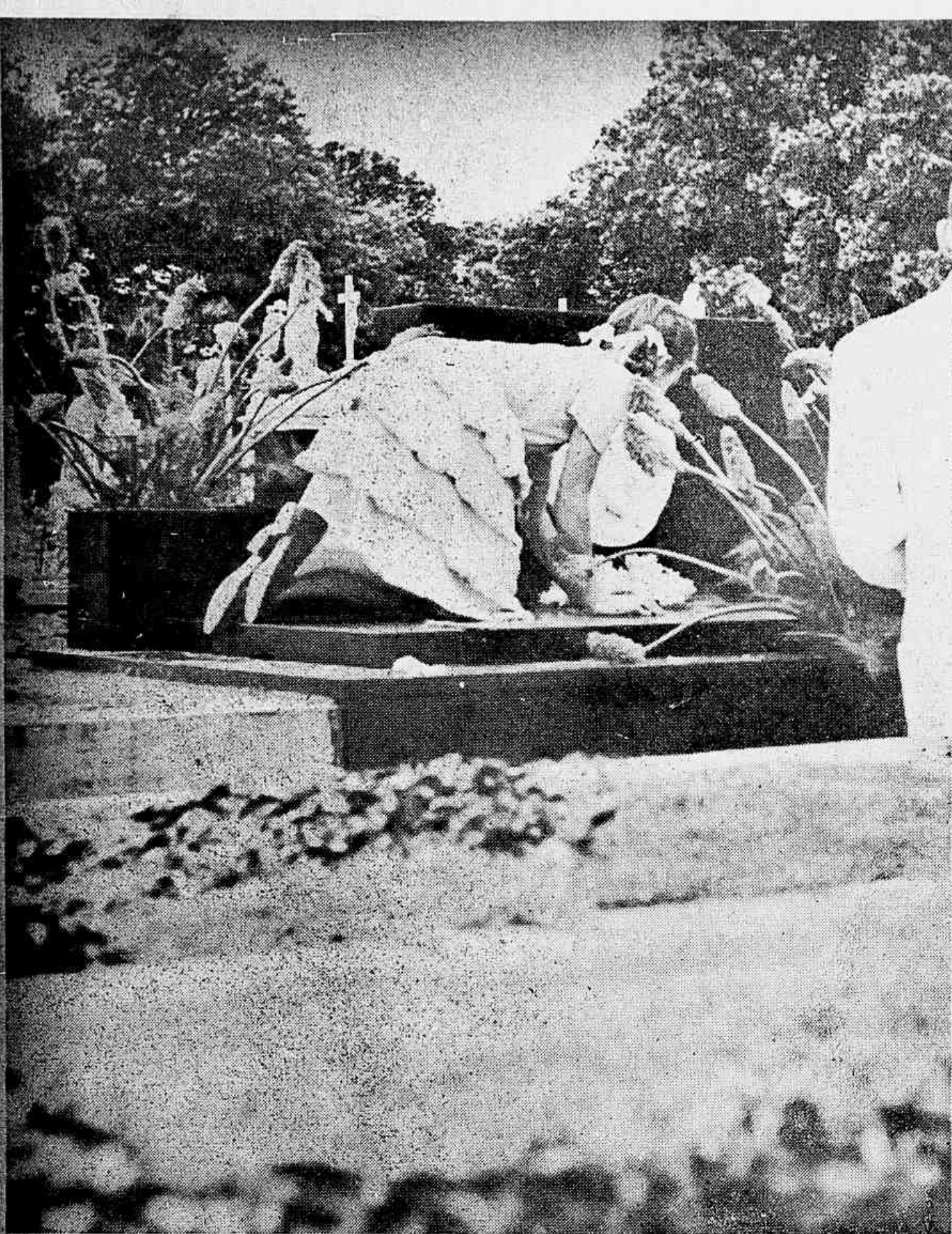


Confortável recanto da seção de calçados



Sem abandonar o seu antigo ramo, Cadete dedica-se agora a artigos finos para homens, como se pode verificar pela artística exposição focalizada nos dois aspectos estampados no centro desta página





A ESQUERDA: Ajoelhando para beijar o túmulo de uma pessoa querida, esta menina deposita suas flores. A DIREITA: Flores às braças, conduzem estas duas senhoras para embelezar o túmulo de alguém

A NO a ano, mais cresce no espírito do nosso povo a tradição que manda reverenciar a memória dos que se foram, no dia de finados.

Dois de novembro representa para a alma cristã de nosso povo o "Dia da Saudade", a data em que nos reunimos em casa, seguindo-se depois para visitar os túmulos onde jazem aqueles que nos fazem chorar de recordações, pondo-nos a alma em luto.

No Rio, os seus Campos Santos, dos mais opulentos aos mais humildes, regoritam de visitantes que conduzem as flores da piedade, como símbolos de mensagens saudosas aqueles que jamais desaparecem de nossos corações.

POR ELES DOBRAM OS SINOS

Ao lado das corôas, dos vistosos e caros florimolhos rescendentes, em que os cravos roxos como a própria saudade, se entrelaçam com agapantos e ramos delicados, ardem velas votivas pelo descanso eterno daqueles que já não mais vivem neste mundo.

Na placidez ambiente da cidade branca, pontilhada de cruzeiros e mármore, aqueles rostos contristados refletem a dor de seus

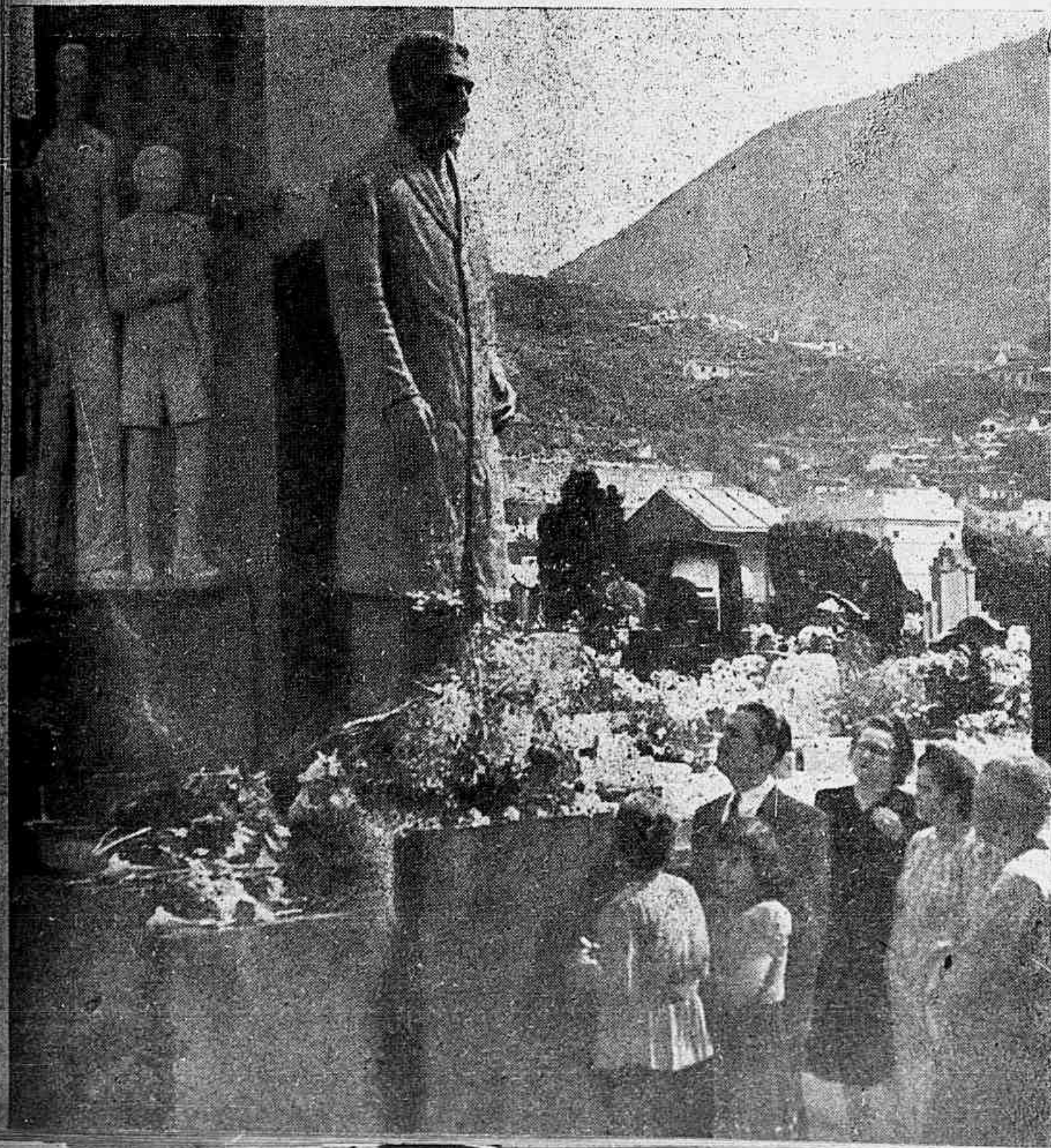
corações no encontro anual com os seus entes queridos. Somente a prece lhes serve de veículo para a comunicação unilateral e sincera.

Senhoras de negro, trajando luto fechado, conduzem às vezes crianças de vestido branco. Mas não há nenhum paradoxo na exterioridade. A alma infantil ainda é inocente de mais para compreender a profundidade de um sentimento tão grande como esse que deixa aos maiores

o vácuo da morte. De branco semelham anjos a esvoaçar as asas sutis sobre a campa dos seus maiores. E' naquela tonalidade alva como a própria consciência infantil, que a juventude pode também levar seus votos de eterna paz aos que não voltarão nunca.

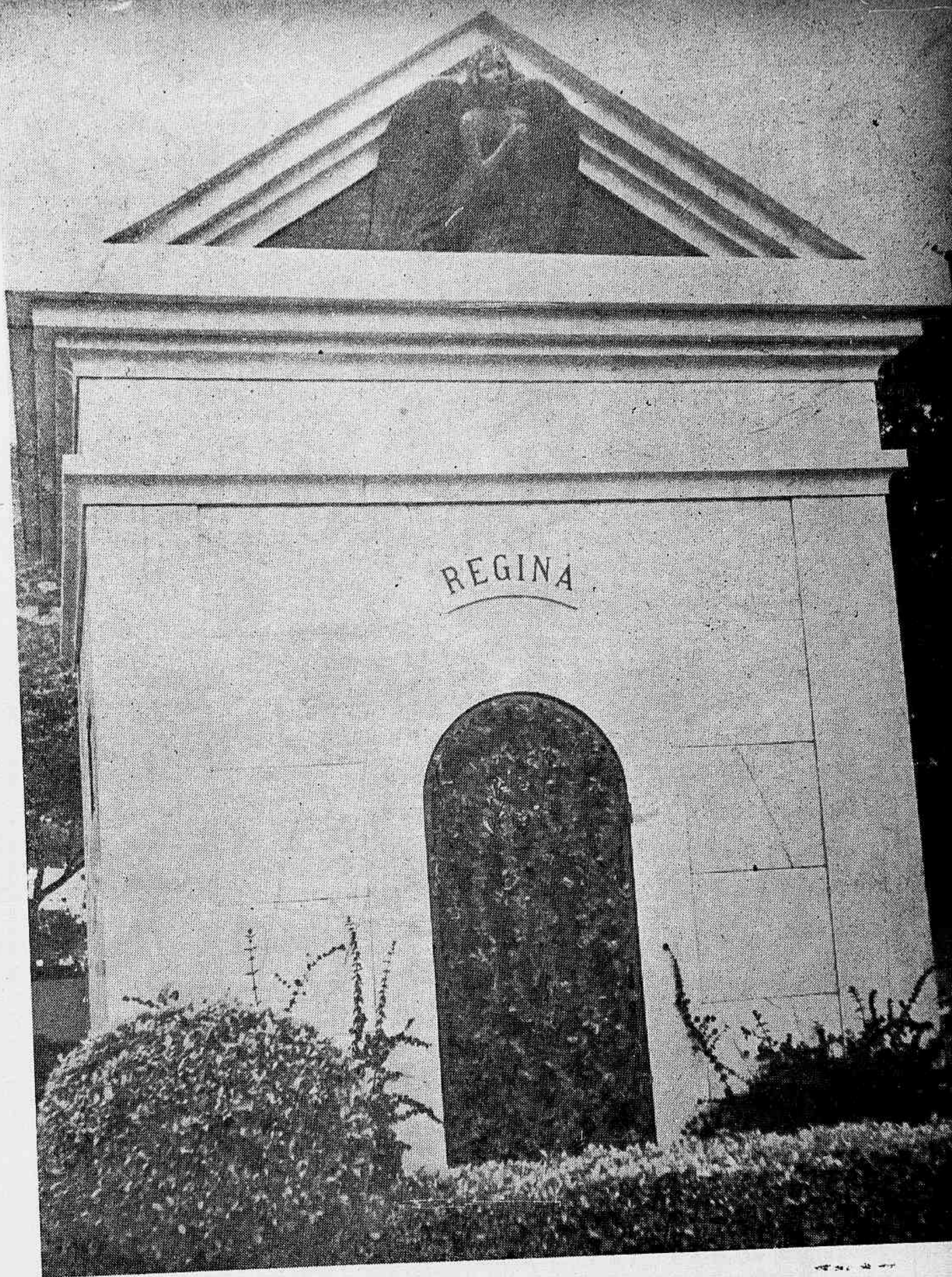
As lágrimas fertilizam as orações e chegam ao céu. Todo um povo se ajoelha à beira das lápides e rogam a Deus pelas almas libertas da candeia material do mundo. Um só pensamento, um só desejo de felicidade no mundo do Além. Oram e se resignam diante do Incognoscível, mas a tradição de Fé que nos conserva este Dia de Piedade cristã, enche de confiança na Justiça Divina a alma de toda a nação.

A ESQUERDA: Diante do túmulo do ex-prefeito Pedro Ernesto, que foi um benfeitor, um grupo de amigos o visita. A DIREITA: Velas que lampejam ao vento em nome dos que oram na terra pela alma daqueles que deixaram saudades



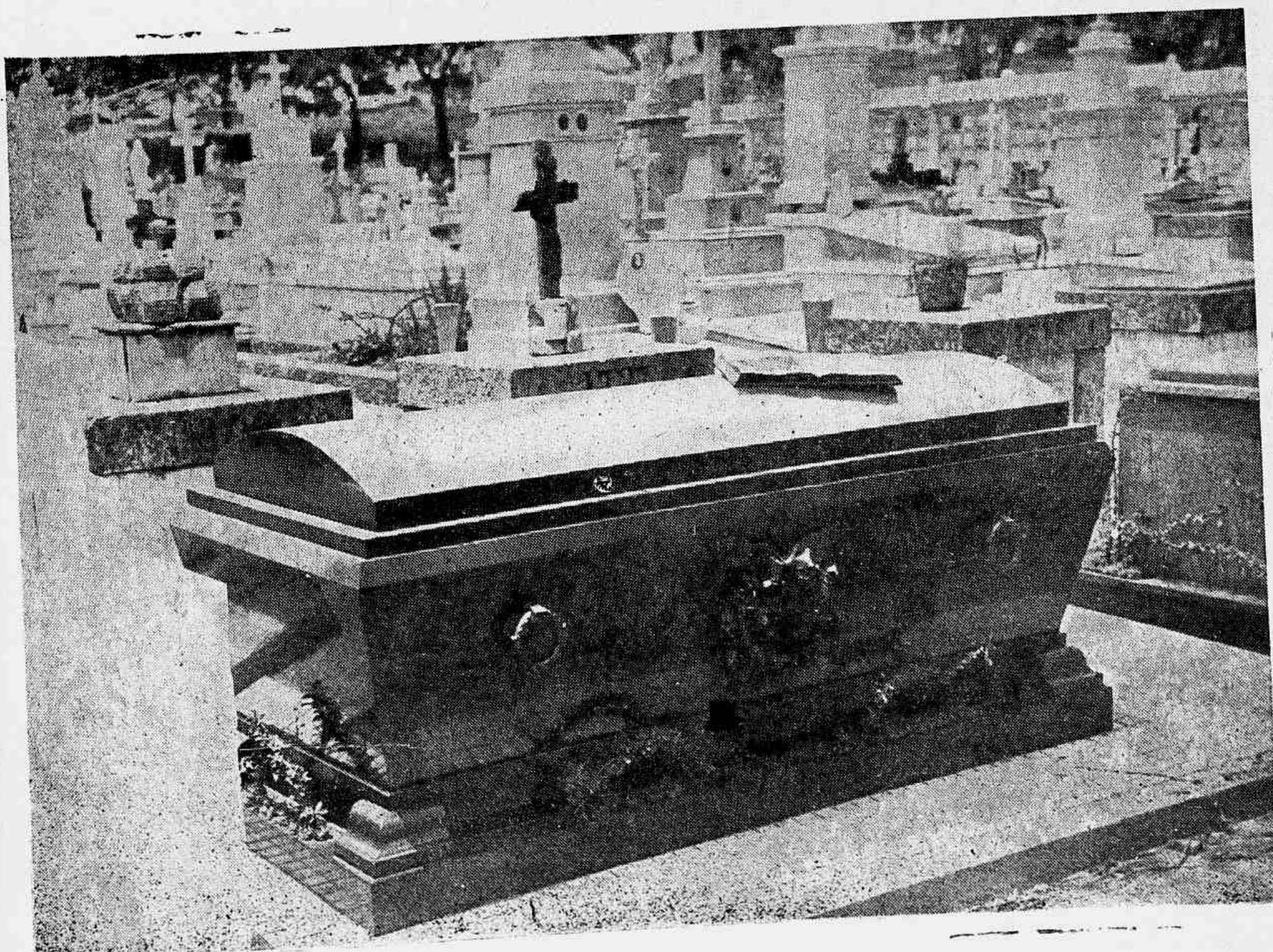


Os túmulos se encheram de flores e de lágrimas no dia consagrado pela cristandade à veneração da memória dos mortos. Nêste flagrante, vêem-se pessoas da família de Sabato Ranauro visitando o seu jazigo e o envolvendo de saudosas recordações



A capela rósea da necrópole de S. João Batista que acolheu para sempre REGINA DE ABOIM HONOLD, destacada da vida mas presente em todos os instantes no coração de seus pais e na memória de todos os que tiveram a felicidade de a conhecer e que a envolvem constantemente numa carinhosa evocação de saudades

★



No livro de bronze, aberto sôbre êste mausoléu, lê-se o conceito sôbre a imortalidade escrito por La-Fayette Côrtes, cujos restos mortais, aí repousam. Êste lugar de campo santo, em São Francisco Xavier, tornou-se um centro de peregrinação de ex-alunos do Instituto La-Fayette amigos e admiradores

UM ROMANCE DEZ CONTOS DUAS LENDAS

★

O ano aeronáutico. O ano filatélico. O ano católico. O ano artístico. O ano científico. O ano esportivo. O ano cinematográfico. Calendário de 1949. Os centenários do ano etc. Artigos sobre os mais variados assuntos para o homem e para a mulher. Toda a matéria é profusamente ilustrada. Páginas a cores.

São assuntos que compõem as trezentas e tantas páginas do maravilhoso

LIVRO DOS MIL ASSUNTOS

ALMANAQUE EU SEI TUDO

para 1949

que estará à venda em todas as bancas de jornais do Brasil na primeira quinzena de dezembro próximo, ao preço de Cr\$ 15,00.

★

Pedidos à CIA. EDITORA AMERICANA — Rua Visconde Maranguape, 15 — Rio. Atende-se pelo Reembolso Postal ou mediante vale do correio.

Artes PLÁSTICAS

Por ANGELUS RAVEL



FAYGA OSTROWER

A gravura é um gênero de pintura que muito poucos adeptos conta entre nós. Para bem dizer, nem podemos enumerar os artistas brasileiros que se dedicam à gravura, uma vez que os poucos nomes que poderiam figurar numa lista assim não estão em verdade identificados com o gênero sóbrio, contudo tão cabível ao sentimento de que já é uma mestra Fayga Ostrower.

Sem dúvida que a exposição de Fayga Ostrower, no Ministério da Educação, mereceu bem a atenção dos nossos melhores críticos de artes plásticas.

Fayga Ostrower é, acima de tudo, um formidável talento, uma artista perfeita, tanto na forma quanto no conteúdo da sua obra. Retraída, quase tímida, denotando nos seus belos olhos claros uma imensa ternura, transportada para as suas gravuras, águas-fortes, águas-tintas e xilografias todo um mundo de sentimentos, tratando os seus temas com essa ternura tão peculiar aos artistas do sexo feminino.

Devotando toda a sua vida à arte, Fayga cedo abandonou um escritório e dedicou-se ao gênero que até hoje abraça. Sobre ela já se manifestaram os críticos mais conscienciosos, tendo Sergio Milliet acentuado, mesmo, o lugar de pioneira que cabe a Fayga Ostrower.

Há uma grande preocupação de verdade nos trabalhos de Fayga. Já acentuamos o tom de imensa ternura que povoa a

sua obra. Mas nem por isto — e talvez por isto — a arte da jovem artista deixa de ser menos pura e mais real. Muitas vezes surpreendemos-lhe um tom quase lírico,



apontando aqui e ali, como rosas brotando de entre urzes...

Aliás, para defini-la, nada melhor do que estas palavras suas: "Toda boa arte traz uma mensagem do tempo em que é criada além de uma mensagem de verdade e beleza humanas, permanentes no percurso da existência humana".





Tapete de lã, cor cinza; cortinas em gorgorão de seda fraise; sofá estofado em veludo azul-rei e poltronas em "sanderlin".

MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

orçamentos e sugestões por decoradores especializados

UM MUNDO DE TAPETES

persas, indianos, franceses, ingleses e nacionais... a preços do outro mundo!



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

FUNDADA EM 1912



Satisfação para
quem fuma



-orgulho para
quem oferece

É um cigarro para homens... e um
cigarro que as senhoras aceitam sem-
pre com satisfação. Mistura das mais
felizes, HOLLYWOOD é um distintivo
de bom gosto e paladar apurado.

CIGARROS

Hollywood

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE O MELHOR EM SUA CLASSE

COMPANHIA DE CIGARROS Souza Cruz